



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL - EICOS

JEAN VITOR ALVES FONTES

Contra-Colonialidades Nos Movimentos Artístico-Culturais De Jovens Urbanos
Periféricos: Um Estudo Participante Em Psicossociologia Na Zona Oeste Da Cidade Do
Rio De Janeiro.

RIO DE JANEIRO
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL - EICOS

JEAN VITOR ALVES FONTES

CONTRA-COLONIALIDADES NOS MOVIMENTOS ARTÍSTICO-CULTURAIS DE
JOVENS URBANOS PERIFÉRICOS: UM ESTUDO PARTICIPANTE EM
PSICOSSOCIOLOGIA NA ZONA OESTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Prof^a Dra. Beatriz Akemi Takeiti

Co-orientador: Prof. Dr. Ricardo Lopes Correia

CIP - Catalogação na Publicação

FF683c Fontes, Jean Vitor Alves
Contra-Colonialidades Nos Movimentos Artístico
Culturais De Jovens Urbanos Periféricos: Um Estudo
Participante Em Psicossociologia Na Zona Oeste Da
Cidade Do Rio De Janeiro / Jean Vitor Alves Fontes.
-- Rio de Janeiro, 2020.
122 f.

Orientadora: Beatriz Akemi Takeiti.
Coorientadora: Ricardo Lopes Correia.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2020.

1. Psicossociologia. 2. Contra-colonialidade.
3. Pesquisa Participante. 4. Arte. 5. Jovens
urbanos periféricos. I. Takeiti, Beatriz Akemi,
orient. II. Correia, Ricardo Lopes, coorient. III.
Titulo.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.



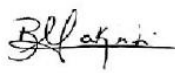
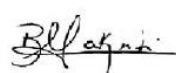
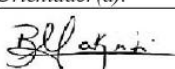
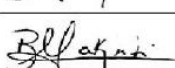

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Instituto de Psicologia

Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Ata de Defesa de Mestrado

Às 09:00 hs do dia **12 de Abril de 2021**, via google meet, o(a) aluno(a) **JEAN VITOR ALVES FONTES** (registro nº. 119001690), se submeteu à banca examinadora composta pelos Professores Doutores: Beatriz Akemi Takeiti, CPF nº 259.447.918-70 (orientadora e presidente da banca), Ricardo Lopes Correia (coorientador), CPF nº 339.227.528-02, Monica Machado Cardoso, CPF nº 933.770.707-10 e Claudia Miranda, CPF nº 839.682.057-53. O trabalho do(a) aluno(a), intitulado **“Contra-colonialidades nos movimentos artístico-culturais de jovens urbanos periféricos: um estudo participante em psicossociologia na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro”** foi: (X) aprovado(a), devendo entregar a versão final encadernada no prazo de 60 dias; () aprovado(a) condicionalmente, devendo apresentar os ajustes exigidos pela banca, no prazo máximo de 90 dias*; () reprovado(a). **APROVADO(A)** o(a) aluno(a) faz jus ao título de **Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social**. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata que é abaixo assinada pelos membros da banca e pelo(a) aluno(a).

Banca:

Orientador(a):		
		
		

Observações:

A banca destaca a originalidade e a qualidade da pesquisa, a sua inovação dos aspectos metodológicos e sugere a sua rápida publicação.

Em virtude da pandemia e atendendo às Resoluções da UFRJ, eu, profa. Beatriz Akemi Takeiti, presidente da banca avaliadora, confirmo que todos os membros assinalados na ata participaram da defesa de mestrado.

Atestado de cumprimento das exigências*

O(A) aluno(a) cumpriu as exigências e a partir desta data e tem _____ dias para entregar a versão final encadernada.


Assinatura do Orientador

Data: 12/04/2021.

*“O artista vê para além!
Ouve para além!
Mas também,
sente para além do que devia.*

*Dentro de si há um mundo guardado,
Pintado, bordado ou feito uma escultura.
Um mundo que pode ser confuso,
cheio e de difícil leitura...*

*Mas o artista...
Ele realmente sabe do que esse mundo é feito.
E a cada injustiça e desigualdade que vivencia
O artista deseja que o mundo em que vive,
seja igual ao mundo que tem no peito!”*

(Jean Fontes)

AGRADECIMENTOS

Gostaria inicialmente de agradecer a Deus, meus orixás e espíritos de luz que me acompanham e me permitiram chegar até aqui.

Agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos que tornou possível a realização desta pesquisa e a permanência na universidade.

À minha família que ocupa um lugar de extrema importância na minha vida e estão sempre apoiando as minhas decisões e caminhos.

Aos integrantes do Coletivo Cultura Zona Oeste e todos aqueles que me acolheram no pré-campo/campo de pesquisa durante as ações realizadas.

À minha orientadora Dr^a Beatriz Takeiti e ao meu co-orientador Dr^o Ricardo Correia por terem compartilhado esses processos comigo de maneira generosa.

Às professoras Dr^a Claudia Miranda e Dr^a Mônica Machado por terem contribuído também de forma generosa nas bancas de avaliação.

Ao grupo de pesquisa LabMems que contribuíram na minha trajetória a partir de compartilhamentos e debates sobre os caminhos da pesquisa e a universidade.

Às minhas amigas e colegas de mestrado que tornaram os caminhos mais leves e divertidos.

À todas as/os docentes do EICOS e funcionários pelo suporte durante toda esta trajetória.

Obrigado, meu povo!

RESUMO

A cultura urbana hoje tem sido fortemente desenvolvida nas periferias das cidades com uma produção artística e cultural potente que tem atravessado a vida de muitos jovens. Assim, este estudo tem por objetivo compreender os efeitos dos processos artísticos em jovens urbanos periféricos, buscando entender se há relações entre a arte e processos de descolonização. A pesquisa foi realizada com jovens do Coletivo Cultura Zona Oeste do bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro – RJ. A metodologia utilizada teve as suas bases na teoria da Investigação Ação-Participante (IAP) de Orlando Fals Borda e foi realizada de maneira online apoiada em redes sociais e de comunicação, como WhatsApp®, Youtube e plataformas de videoconferências Zoom e Google Meet, tendo como principais ferramentas: a produção de vídeos e a realização de encontros, diálogos e debates, mantendo os princípios metodológicos de uma construção participativa. Os resultados expõem debates e reflexões construídas coletivamente sobre os temas e teorias abordados na pesquisa (relações étnicas e raciais, gênero e sexualidade, colonialidade, modos de vida e visões de mundo), os produtos e produções estético-artísticas enquanto ferramentas de diálogo e produção de saber, e ainda um direcionamento do olhar para os efeitos e provocações que o modo em que a pesquisa foi sendo desenvolvida gerou no campo e conseqüentemente nos participantes. A discussão envolveu a categoria de análise “a pesquisa como dispositivo de rede e participação comunitária” que emergiu após a triangulação dos resultados. Ao tomar a pesquisa como uma ferramenta que promove um terreno fértil de ações colaborativas e compartilhadas, outros elementos vão dando forma e contexto numa micropolítica territorial periférica, outros modos de vida vão surgindo na contracorrente aos padrões e imposições coloniais. A pesquisa como dispositivo de rede e participação comunitária é, também, uma pesquisa cujas tentativas apostam numa transformação social.

Palavras-chave: Psicossociologia. Contra-colonialidade. Pesquisa Participante. Arte. Jovens urbanos periféricos.

ABSTRACT

Urban culture today has been strongly developed on the outskirts of cities with a powerful artistic and cultural production that has crossed the lives of many young people. Thus, this study aims to understand the effects of artistic processes in peripheral urban youth, seeking to understand whether there are relations between art and processes of decolonization. The research was carried out with young people from Coletivo Cultura Zona Oeste in the neighborhood of Campo Grande, Rio de Janeiro - RJ. The methodology used was based on Orlando Fals Borda's theory of Action-Participant Research (IAP) and was carried out online supported by social and communication networks, such as WhatsApp®, Youtube and Zoom and Google Meet videoconferencing platforms, having as main tools: the production of videos and the realization of meetings, dialogues and debates, maintaining the methodological principles of a participative construction. The results expose debates and reflections collectively built on the themes and theories addressed in the research (ethnic and racial relations, gender and sexuality, coloniality, ways of life and worldviews), products and aesthetic-artistic productions as tools of dialogue and production to know, and also a direction of looking at the effects and provocations that the way in which the research was being developed generated in the field and consequently in the participants. The discussion involved the analysis category "research as a network device and community participation" that emerged after the triangulation of results. When taking research as a tool that promotes a fertile ground for collaborative and shared actions, other elements are giving form and context in a peripheral territorial micropolitics, other ways of life are emerging in opposition to colonial patterns and impositions. Research as a network device and community participation is also a research whose attempts are betting on social transformation.

Keywords: Psychosociology. Counter-coloniality. Participating Research. Art. Peripheral urban youth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Mapa dos bairros da cidade do Rio de Janeiro.	16
Figura 02. Mapa digital dos equipamentos culturais municipais da cidade do Rio de Janeiro.	17
Figura 03. Foto do Coletivo Cultura Zona Oeste	21
Figura 04. Frame 01 de vídeo da cena “Marielle” produzida pelo Cultura Zona Oeste e apresentada na Mostra de Dança Mixtura em Campo Grande – RJ	26
Figura 05. Foto do Coletivo Cultura Zona Oeste durante a participação do “Festival Pelo Nosso Futuro – a juventude quer viver”, em 12 de dezembro de 2019	28
Figura 06. Mosaico de frames de vídeo da cena “Marielle” produzida pelo Cultura Zona Oeste e apresentada na Mostra de Dança Mixtura em Campo Grande – RJ	29
Figura 07. Tabela medidora de compromisso da pesquisa com a IAP.	49
Figura 08: Print do vídeo com título “Raça, identidade e apagamentos” e QRcode (código de acesso)	56
Figura 09: Print do vídeo com título “Negros de pele clara, política de embranquecimento e o pardo no Brasil” e QRcode (código de acesso)	57
Figura 10: Print do vídeo com título “Colonialidade do Poder: a "nova cara" do colonialismo” e QRcode (código de acesso)	57
Figura 11: Print do vídeo com título “Decolonialidade e contra-colonialidade Caminhos antirracistas” e QRcode (código de acesso)	58
Figura 12: Print do vídeo com título “Colonialidade, invenção do dualismo sexual e da binaridade de gênero” e QRcode (código de acesso)	59
Figura 13: Print do vídeo com título “Visões de mundo, religiões e colonialidade” e QRcode (código de acesso)	60
Figura 14: Print do rascunho do vídeo documentário apresentado para os participantes na reunião de fechamento.	61
Figura 15: demonstração de triangulação dos dados.	62
Figura 16: Registros da performance de dança realizada por Lais Lira, a partir do tema disparador “De onde você vem? Qual a sua identidade?”	69
Figura 17: Registros da performance de dança realizada por Ana Carolina, a partir do tema disparador “De onde você vem? Qual a sua identidade?”	70
Figura 18: Registros do vídeo com Slam – Recitação de Poesias realizada por Rafael Moreira, a partir do tema disparador “De onde você vem? Qual a sua identidade?”	70
Figura 19: Registros de apresentação de monólogo realizado por Nábía Macena, a partir do tema disparador “De onde você vem? Qual a sua identidade?”	71
Figura 20: Desenho e poesia produzidos por Isabele Pessoa, a partir do tema disparador “De onde você vem? Qual a sua identidade?”	71
Figura 21: Registros da performance de dança realizada por Esther Laysa, a partir do tema disparador “O que é arte para você? O que ela te desperta?”	72
Figura 22: Registros do vídeo-poesia gravado por Jennifer Giacomini, a partir do tema disparador “o que é arte para você? O que ela te desperta?”.	72
Figura 23: Registros da performance de dança realizada por Isabele Pessoa, a partir do tema disparador “o que é arte para você? O que ela te desperta?”.	73
Figura 24: Registros da performance de dança realizada por Lais Lira, a partir do tema disparador “Qual a relação entre corpo, arte e ativismo?”.	74
Figura 25: Registros do monólogo “Água, por uma razão (Texto de André Avram)” realizado por Nábía Macena, a partir do tema disparador “Qual a relação entre corpo, arte e ativismo?”.	75

Figura 26: Registros da performance de dança realizada por Ana Carolina, a partir do tema disparador “Campo Grande – Zona Oeste”, o que significa ser desse lugar?”.	75
Figura 27: Registros da performance de dança realizada por Isabele Pessoa, a partir do tema disparador “Racismo, machismo e homofobia, isso te atravessa? Como?”.	76
Figura 28 Registros de performance produzida por Nábila Macena, a partir do tema disparador “Racismo, machismo e homofobia, isso te atravessa? Como?”.	76
Figura 29: Desenho produzido por Jennifer Giacomini, a partir do tema disparador “Racismo, machismo e homofobia, isso te atravessa? Como?”.	77
Figura 30: Registros da performance de dança realizada por Lais Lira, a partir do tema disparador “Racismo, machismo e homofobia, isso te atravessa? Como?”.	77
Figura 31: Print da versão final do mini documentário produzido como um dos resultados da pesquisa.	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRT	BUS RAPID TRANSIT (TRÂNSITO RÁPIDO DE ÔNIBUS)
CAAE	CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DE APRECIÇÃO ÉTICA
CAPS	CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL
CAPSi	CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO JUVENIL
CEP	COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
CFCH	CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CONEP	CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA
IAP	INVESTIGAÇÃO AÇÃO-PARTICIPANTE
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
IPP	INSTITUTO PEREIRA PASSOS
LGBTQIA+	LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS, TRANSGÊNEROS, QUEERS, INTERSEXUAIS, ASSEUXAIS +
OMS	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE
ONG	ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL
PPG	PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
PROUNI	PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS
QRcode	QUICK RESPONSE CODE (CÓDIGO DE RESPOSTA RÁPIDA)
RALE	REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
RCLE	REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
SINPRO	SINDICATO DE PROFESSORES
TCC	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
UCAM	UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES
UFRJ	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3. SOBRE O CAMPO	15
3.1 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DA PESQUISA – O BAIRRO DE CAMPO GRANDE	15
3.2 CAMPO GRANDE ENTRE VIVÊNCIAS E NARRATIVAS	18
3.3 O QUE AS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS PERIFÉRICAS PODEM NOS DIZER?	24
5. MARCOS TEÓRICOS	30
5.1 RAÇA, COLONIZAÇÃO E CAPITALISMO – A América Latina como território de violência	30
5.2 COLONIZAÇÃO E GÊNERO – A imposição do dualismo	36
5.3 CONTRA COLONIZAÇÃO – A arte como ferramenta de resistência nas juventudes periféricas	41
4. METODOLOGIA	46
4.1 CAMINHOS E ENVOLVIMENTOS METODOLÓGICOS	51
4.2 PERSPECTIVA DE TRIANGULAÇÃO DOS DADOS	61
5. RESULTADOS	62
5.1 (RE)CONSTRUÇÕES SOBRE OS TEMAS E TEORIAS ABORDADOS COM OS JOVENS PARTICIPANTES;	62
5.2 PRODUTOS E PRODUÇÕES – CORPOS EM CENA	67
5.3 INTERFERÊNCIAS ESTÉTICO-CULTURAIS E PROPOSIÇÕES PARA O DIÁLOGO COM OS JOVENS DO COLETIVO CULTURA ZONA OESTE	79
6. DISCUSSÃO	83
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE A – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 1	101
APÊNDICE B – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 2	104
APÊNDICE C – REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	107
APÊNDICE D – DADOS DOS PARTICIPANTES	110
APÊNDICE E – PARECER DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO CEP (VERSÃO 1)	111
APÊNDICE F – PARECER DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO CEP (VERSÃO 2 - APÓS ALTERAÇÕES METODOLÓGICAS)	115
APÊNDICE G – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DE ARTIGO ELABORADO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DESTA PESQUISA	119

1. INTRODUÇÃO

Ao pensar em produção de ciência e decolonialidade, o questionamento sobre de onde vem as ideias/teorias, suas bases e objetivos são pontos importantes para compreendê-las e pensar criticamente sobre elas. Portanto, irei iniciar a introdução deste trabalho descrevendo um pouco sobre mim e como vim parar aqui. Reconheço-me como um jovem negro de pele clara¹, gay, do interior da Bahia, mais precisamente de Feira de Santana, formado como artista circense e instrutor de circo-teatro em um projeto social e formado em Psicologia através do Programa Universidade Para Todos (ProUni)².

Aos 12 anos de idade, em 2009, saí da escola do meu bairro e fui estudar em uma escola no centro da cidade. No meio do ano letivo, houve uma chamada na escola para um projeto social no centro cultural ao lado, o Centro de Cultura Amélio Amorim. Este projeto era o Ponto de Cultura – Cultura Mais Circo, projeto realizado pela Cia. Cuca de Teatro, que oferecia aulas de teatro, música e circo durante dois dias da semana para jovens estudantes de escolas públicas.

Participei do projeto durante nove anos, me tornei monitor e também instrutor de circo. Administrei aulas em escolas públicas e em projetos socioculturais, nos quais sempre estive em contato com crianças e jovens negros e periféricos. Durante esse período, no ano de 2014, ingressei no curso de Psicologia através do ProUni e no decorrer do curso me interessei por temas relacionados às questões sociais e populações minoritárias. Com isso me tornei membro de um grupo de estudos sobre Psicologia, relações étnicas/raciais e gênero, no qual fui me aprofundando em discussões teóricas sobre o tema.

Nessas andanças entre a arte e as discussões étnicas/raciais e de gênero a partir da psicologia, na medida em que eram apresentados para mim conceitos, questões e problemáticas teóricas, as vivências práticas iam ganhando significados que até então não eram conscientes. Significados críticos que me permitiam olhar para o meu cotidiano, para as coisas que estavam à minha volta, os espaços nos quais eu estava inserido e as questões e problemáticas vivenciadas e apresentadas pelos meus alunos, a partir de uma consciência da existência de uma estrutura de poder que atravessava todas aquelas questões e contextos.

¹ Deixo especificado ser de “pele clara” pois, uma parte do racismo na nossa sociedade, o racismo interpessoal ou intersubjetivo que ocorre nas relações do dia a dia, é colocado em prática com base em características fenotípicas, tendo como principal marcador a cor da pele. Portanto, quanto mais escuro for o tom de pele, mais atravessamentos do racismo interpessoal ou intersubjetivo essa pessoa terá.

² O Programa Universidade Para Todos – ProUni é regulamentado pela LEI Nº 11.096, DE 13 DE JANEIRO DE 2005, que foi promulgada durante o primeiro mandato do Ex Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O Programa visa a distribuição de bolsas de 25%, 50% ou 100% para jovens que concluíram o ensino médio em escolas públicas e possuem renda familiar mensal per capita igual ou inferior a um salário mínimo e meio, para estudarem em Instituições de Ensino Superior Privadas.

Esses processos entre teoria e vivências práticas foram despertando em mim uma inquietação, uma vontade de promover ações que produzissem efeitos contrários a essa estrutura de poder baseada em questões raciais, de gênero, econômicas e culturais. A partir daí, fui promovendo ações das quais eu acreditava serem críticas e de conscientização nos espaços em que eu circulava. Fui realizando propostas artísticas com meus alunos, utilizando de literaturas que valorizavam a cultura negra e indígena, que questionavam relações e padrões de gênero. Na faculdade realizei a minha pesquisa de conclusão de curso a partir dos temas de juventude, arte, questões étnicas/raciais e de gênero. E, no dia a dia, os questionamentos e reflexões críticas sempre se apresentavam nas conversas e debates com amigos e familiares.

Após concluir o curso de graduação, em 2019, resolvi ingressar no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, a fim de ampliar as discussões teóricas, fundamentar as ações práticas e tentar acessar os espaços das salas de aula para contribuir com a construção de saberes críticos e comprometido com a população e as questões sociais.

Toda essa trajetória me fez chegar aqui com questões sobre as produções artísticas e a juventude periférica. Uma história não é parâmetro para outras, realidades são distintas, personalidades e subjetividades são atravessadas por diferentes estímulos e cada estímulo causa também efeitos diferentes. Somos diariamente atravessados pelo racismo, LGBTfobia, machismo e entre outros padrões de opressão e, portanto, ainda que qualquer outro(a) jovem negro(a) e/ou periférico(a) passasse pela mesma trajetória que eu, este(a) teria uma outra história para contar e seria atravessado(a) por outros determinantes.

Diante de tudo isso me perguntei: quais são as possíveis saídas que a juventude negra e/ou periférica pode produzir para o enfretamento do racismo e alcançar uma vida em sociedade mais digna e igualitária para os grupos que são constantemente violentados no seu cotidiano? Qual papel desempenham os movimentos artísticos e culturais nesses caminhos e trajetórias trilhadas por jovens negros das comunidades e favelas? A partir dessas questões, desenhou-se o seguinte problema de pesquisa: quais os efeitos que movimentos artísticos e culturais periféricos promovem no cotidiano de jovens negros?

Numa tentativa de responder este problema de pesquisa, e por ser um “estrangeiro” em terra fluminense, procurei me aproximar de experiências territorializadas nas periferias da cidade, para conhecer o que os jovens negros e/ou periféricos da cidade do Rio de Janeiro têm produzido no campo da cultura. Decidi percorrer um caminho que, a meu ver, diante da geografia da cidade, tem sido invisibilizado – o território da zona oeste, mais precisamente, a região de Campo Grande, onde atua o Coletivo Cultura Zona Oeste.

Conheci este coletivo através das redes sociais enquanto eu ainda morava na Bahia. Após acompanhar algumas postagens, mantive contato com um dos responsáveis através das redes sociais para conversarmos sobre o coletivo, visto que eu já estava pesquisando sobre arte e juventude no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e através das conversas pude me identificar com diversas ações e propostas do coletivo Cultura Zona Oeste.

Ao vir para o Rio de Janeiro – RJ, fui convidado pelo coletivo para assistir uma das suas apresentações no Festival de Dança Mixtura, que aconteceu em 27 de abril de 2019 na Lona Cultural Elza Osborne. Nesse festival, pude me aproximar mais das pessoas que estavam à frente do coletivo e conhecer alguns dos participantes. Após esse contato, nossas relações foram se estreitando e fui participando de algumas ações no bairro de Campo Grande junto ao Cultura Zona Oeste e outros coletivos parceiros. Dentre as ações realizadas, apresentei um número de circo-teatro no festival de um ano do Cultura Zona Oeste, participei de uma intervenção social em um lar de idosos junto com o coletivo Tudo Numa Coisa Só e criamos uma parceria para realizações de atividades culturais e ações sociais em diversas regiões do bairro.

Através desses contatos e ações, nossas relações foram se estreitando e foi firmado a parceria na pesquisa. Portanto, este estudo partiu de uma imersão junto ao Coletivo Cultura Zona Oeste (RJ), um coletivo que realiza atividades de teatro e dança com jovens periféricos no bairro de Campo Grande – RJ e se propõem a discutir através da arte, questões sociais que atravessam esse lugar do ser jovem periférico.

Nossas apostas teóricas partiram do diálogo com teóricos decoloniais, contra-coloniais e pós-coloniais para tratar dos temas relacionados à raça, classe, sexualidade e gênero, como Aníbal Quijano, Maria Lugones, Antônio dos Santos Bispo, Frantz Fanon, dentre outros, discutindo sobre como esses fatores sociais produzem identidades que demarcam os sujeitos jovens e promovem forças que os enquadram em condições sociais precárias. Não foi utilizadas aqui as teorias como verdadeiras “camisas de força”, utilizamos para a compreensão de uma dada realidade e procuramos dialogar, de forma coerente, com as ferramentas metodológicas aqui adotadas.

A metodologia que foi aplicada para realização da pesquisa tem suas bases na Investigação Ação-Participante (IAP), teoria desenvolvida por Orlando Fals Borda que busca a produção de dados científicos mais horizontalizada por meio da participação e construção de saber compartilhada, através da ética e compromisso com os participantes e voltada para a transformação social. Para a realização do campo da pesquisa e a produção de dados, a ideia inicial se apoiava nas seguintes ferramentas metodológicas: oficina de circo-teatro e produção

de números³, rodas de conversa e observação-ação participante. Porém fomos atravessados pela pandemia da Covid-19 e todo o planejamento da pesquisa precisou ser alterado.

Desde que foi detectada na China em dezembro de 2019, a covid-19 veio se alastrando pelo mundo, deflagrada como pandemia, afetando a todos e causando milhares de mortes e conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS). De acordo com o Ministério da Saúde (2020), o primeiro caso registrado de surgimento da covid-19 no Brasil foi na cidade de São Paulo em 26 de fevereiro de 2020. Desde a data em questão, foi crescente o aumento de casos do novo coronavírus e, conseqüentemente, de internações ocasionando um colapso no sistema de saúde brasileiro e aumento significativo de mortes pela doença (AQUINO et. al, 2020). Várias restrições de atividades (essenciais e não essenciais) se mantêm até hoje desde março de 2020, que foi o período decretado para distanciamento social e quarentena como medidas de minimização do impacto da covid-19, conforme os autores elucidam.

Até o presente momento, no Brasil temos o registro de 10.869.227 casos confirmados de contaminação, com 75.495 casos novos diários, 9.671.410 de casos recuperados e 262.770 óbitos confirmados em decorrência da covid-19 de acordo com o Painel Coronavírus do Ministério da Saúde (2021), considerando o período de término da escrita desta dissertação, sendo no Rio de Janeiro 33.607 registros de óbitos pela doença.

Diante dessas adversidades, todo o caminho da pesquisa precisou ser redesenhado, fazendo com que o percurso metodológico fosse realizado de maneira online, apoiado nas redes sociais e de comunicação, tendo como principais ferramentas: a produção de vídeos e a realização de encontros, diálogos e debates por meio de aplicativos de mensagens e salas de reuniões virtuais, mantendo os princípios metodológicos de uma construção participativa.

Os resultados foram desenvolvidos a partir de três categorias:

- a) (Re)construções sobre os temas e teorias abordados com os jovens participantes: categoria que expõe as produções e reflexões produzidas com os jovens sobre os temas e questões teóricas que envolvem as pesquisas e estão relacionadas com os seus cotidianos, dentre os temas estão: relações étnicas/raciais, sexualidade e gênero, colonialidade, modos de vida e visões de mundo;
- b) Produtos e produções – corpos em cena: categoria que expõe e discute sobre os produtos e produções estético-culturais enquanto ferramentas de produção de saberes e promoção de diálogos;

³ O termo “números” refere-se a como são denominadas as cenas produzidas a partir de técnicas circenses.

- c) Interferências estético-culturais e proposições para o diálogo com os jovens do Coletivo Cultura Zona Oeste: categoria que dialoga sobre o modo em que a pesquisa foi sendo desenvolvida e os efeitos e provocações que foram geradas no campo a partir dos relatos das pessoas participantes.

Realizamos a triangulação dos resultados para chegar até a categoria de análise, qual seja: “a pesquisa como um dispositivo de rede e participação comunitária” em que a partir desta a discussão foi se desdobrando sob modos outros de se produzir saberes, produções participantes, multidisciplinaridade, e a pesquisa como uma ferramenta de ação para a transformação social e comunitária.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender os efeitos dos processos artísticos em jovens urbanos periféricos, buscando entender se há relações entre a arte e os processos de descolonização.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender como os processos artísticos de um coletivo da zona oeste da cidade interferem na produção de subjetividade e identidade dos participantes;
- Desenvolver o campo de pesquisa de maneira participante através de ferramentas metodológicas artísticas e colaborativas.
- Analisar se há relações entre a produção artística periférica e a promoção de políticas territoriais.

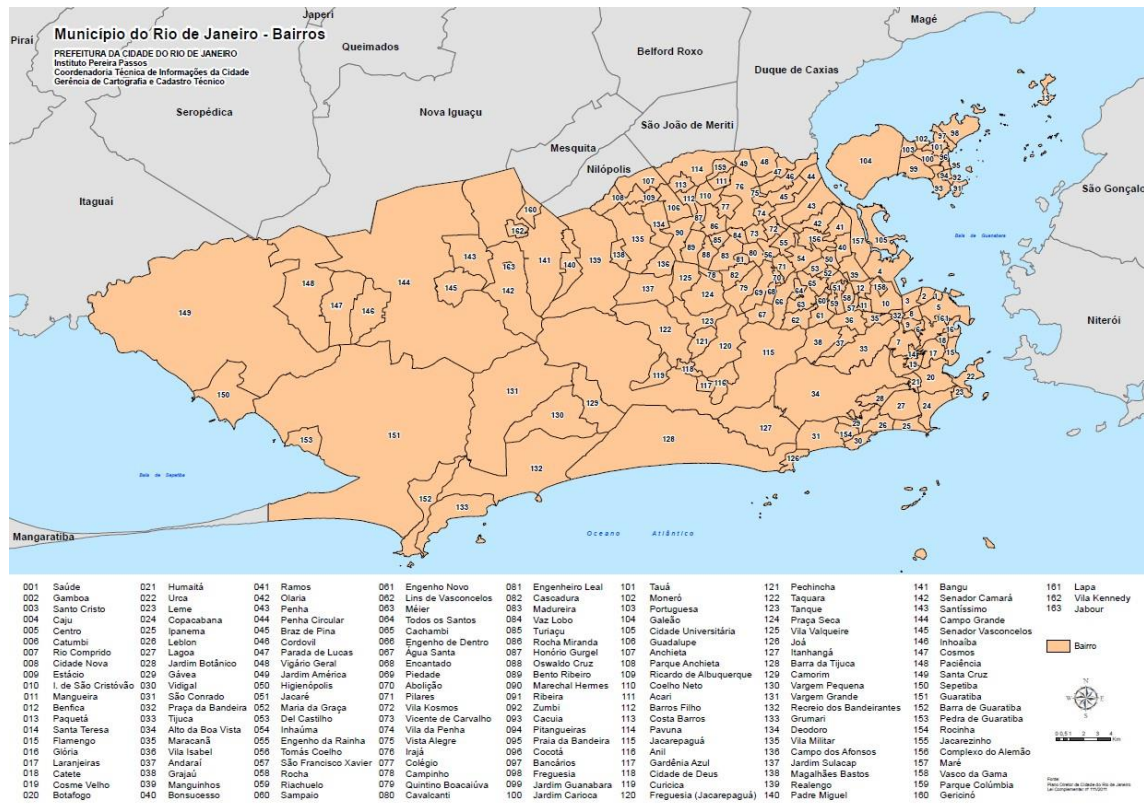
3. SOBRE O CAMPO

3.1 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DA PESQUISA – O BAIRRO DE CAMPO GRANDE

O bairro de Campo Grande, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro-RJ, é considerado o lugar mais populoso da cidade, de acordo com o Instituto Pereira Passos (IPP) com base no Censo de 2010. A população do bairro Campo Grande equivale a 5,2% da população do município com o total populacional de 328.370 pessoas.

Abaixo, podemos ver um mapa da cidade do Rio de Janeiro onde o bairro de Campo Grande está identificado pelo número 144. Através dele, podemos compreender um pouco mais a localização e posicionamento do bairro dentro da cidade.

Figura 01. Mapa dos bairros da cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: Mapa retirado dos dados do município disponibilizados no site do DATA RIO, acessado no link: <http://www.data.rio/datasets/mapa-dos-bairros-do-munic%C3%ADpio-do-rio-de-janeiro-2017>, em 06 de abril de 2020.

Do total de pessoas vivendo neste bairro, o Censo Demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que a população é dividida da seguinte forma em relação ao aspecto de raça/cor: 147.323 autodeclaradas brancas, 38.060 autodeclaradas pretas, 2.143 autodeclaradas amarelas, 140.461 autodeclaradas pardas, 373 autodeclaradas indígenas e 10 sem declaração (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2019).

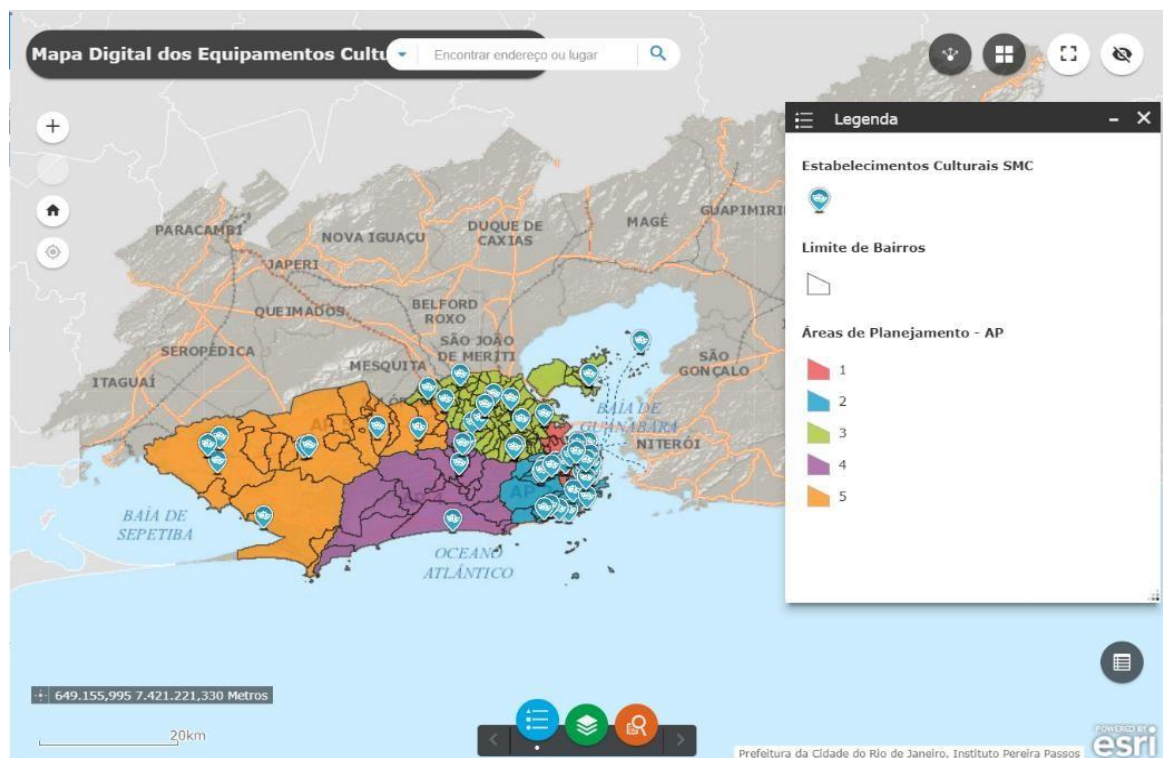
Sobre o âmbito da educação, estão presentes no bairro um total de 124 equipamentos municipais de educação, sendo: 07 Centros Integrados de Educação Pública, 09 creches municipais, 01 escola especial municipal, 70 escolas municipais, 37 Espaços de Desenvolvimento Infantil. No ano de 2018, houve um total de 10.454 matrículas na educação infantil municipal entre creches e pré-escolas e um total de 33.832 matrículas no ensino fundamental. E na rede estadual há um total de 29 equipamentos de educação, dados oferecidos pelo Instituto Pereira Passos de acordo com o Censo Escolar de 2012.

Em relação aos equipamentos de saúde, em Campo Grande foi possível identificar 15 unidades, entre elas estão: 01 CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e 01 CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial infanto-juvenil), 06 Clínicas da Família, 01 Hospital Municipal, 01 Policlínica, 05 Centros Municipais de Saúde.

Quanto ao transporte e mobilidade urbana, o bairro Campo Grande é atendido pelos trens da supervia através do ramal Santa Cruz, há também articulações com outros meios de transporte como vias de ônibus que circulam dentro do bairro e pelas adjacências e ônibus que ligam o bairro ao centro, algumas avenidas possuem faixas de ciclovia. Além disso, Campo Grande também conta com estações de BRT, porém estas atualmente se encontram desativadas (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2017).

No setor Cultural, o bairro de Campo Grande é contemplado com dois equipamentos culturais municipais, são eles: a Lona Cultural Elza Osborne e o Teatro Municipal Arthur Azevedo. Podemos observar na figura abaixo a distribuição dos equipamentos culturais municipais na cidade do Rio de Janeiro-RJ e a localização dos equipamentos presentes em Campo Grande. O mapa está dividido por regiões administrativas onde os bairros da zona oeste podem ser identificados nas regiões em laranja e roxo:

Figura 02. Mapa digital dos equipamentos culturais municipais da cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: Mapa retirado do site Armazeninho, produzido pelo Instituto Pereira Passos, no link: <http://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=8ea3a70f389e4ea0b4c750a5822555d4>, acessado em 15 de março de 2020.

Estes dados nos permitem aproximarmos da realidade estrutural e conjuntural em que vivem as pessoas, sobretudo, os jovens deste lugar e nos dão uma dimensão na oferta de políticas públicas através de serviços públicos existentes. Ao considerarmos o bairro de Campo Grande na cidade do Rio de Janeiro, torna-se necessário levarmos em consideração a sua dimensão geográfica, mas também, histórica, econômica, cultural e política que permite compreender como os jovens atuam e transformam a realidade local.

3.2 CAMPO GRANDE ENTRE VIVÊNCIAS E NARRATIVAS

Após a apresentação dos dados demográficos, o texto abaixo busca trazer outras visões sobre o campo, algo para além dos dados, construído por mim através das narrativas dos moradores participantes da pesquisa. Essas narrativas fazem parte do pré-campo da pesquisa, pois a mesma ainda não havia sido aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa (CEP). Mas como todo “bom estrangeiro”, precisava definir e começar a me aproximar do território onde a pesquisa iria acontecer. Assim, nas andanças pelo bairro, ouvi de maneira espontânea, sem perguntas pré-estabelecidas, falas sobre vivências comuns no território, entre um transporte a outro, no caminho para uma ação, numa tarde antes de uma reunião e em vários outros momentos.

Lembrando que essas falas não definem ou pretendem limitar o bairro a isso, porém como foram questões levantadas pelos participantes da pesquisa que são moradores do local, acredito que sejam pertinentes de serem apontadas aqui, pois se de alguma forma essas questões foram expostas, elas também são pertinentes para a compreensão do campo da pesquisa.

Através dessas conversas, uma imagem do território da Zona Oeste do Rio de Janeiro foi ganhando forma e contorno. Um lugar em que a milícia, a igreja e o tráfico disputam poderes, lutam para decidir quem ganha mais adeptos, apoiadores ou fiéis. Essa luta vem sendo travada em diversos campos do cotidiano e atravessam diretamente a vida dos moradores.

A ocupação de espaços e cargos públicos são uma das principais estratégias para a manutenção do poder no local. Normalmente, o alcance desses espaços são definidos pelo voto da população, como cargos de vereador, conselheiros e entre outros. Logo, cada lado abraça uma estratégia para alcançar tais lugares, seja contando com o apoio do pastor para colocar “Deus” na jogada e vender um espacinho no “céu” em troca de “favores na terra”, seja promovendo eventos gratuitos com bebidas e comidas livres em fartura, ou ainda de uma maneira mais direta, distribuindo dinheiro em troca daquilo que lhe é almejado.

No transporte público, um outro atravessamento. Enquanto eu esperava junto a uma participante da pesquisa um ônibus ou van em um dos sub-bairros de Campo Grande para ir até a região central do bairro, ouvi o seguinte relato: “Algumas vans aceitam cartão enquanto outras só aceitam dinheiro, dificultando a mobilidade dos moradores e retirando os seus direitos. O cartão que já foi usado para pagar outras passagens e que seria zerado através da integração nesse outro transporte completando o percurso até o destino, é negado, fazendo com que os usuários precisem pagar uma outra passagem”. Segundo a participante há interferências dos poderes paralelos até no modo de funcionamento dos transportes públicos.

Após algumas semanas em campo, fui convidado por uma das participantes da pesquisa para realizar uma ação em uma comunidade de Campo Grande, unindo oficinas de circo-teatro e um trabalho de escuta sensível. O líder comunitário do local no qual fomos realizar a ação é um líder religioso da umbanda e em meio as conversas foram surgindo questões sobre religião e suas práticas no bairro de Campo Grande, nas quais foram apontadas a problemática da intolerância religiosa que é constante no bairro, e sempre coloca as casas de candomblé e umbanda, assim como os seus praticantes diante de um lugar de inferioridade e de outros atravessamentos violentos.

Enquanto tantos disputam o poder, o poder público se exime das obrigações na oferta de serviços e acesso a população aos bens públicos. Os olhares se voltam para o centro, para o turismo, a mídia e o carnaval, a cidade maravilhosa tem as suas demarcações e elas terminam muito longe do bairro. Toda “atenção e cuidado” direcionados a ela não é ampliado, tornando presente nas periferias a sensação de abandono. Os espaços culturais públicos estão espalhados de maneira desequilibrada, sobrando para Campo Grande algumas unidades e para a Zona Oeste algumas dezenas.

Em contrapartida, a tudo isso ou como uma resposta, a população vem se movimentando e criando grupos, coletivos e intervenções que possam preencher o vazio deixado pelos “poderes”, até porque a população também possui o seu poder: o poder de quem quer tornar o lugar onde se vive um lugar melhor, mais estruturado, com possibilidades de acesso a saúde, educação, segurança, mobilidade e cultura. Algumas iniciativas que costumam ser realizadas no bairro pela própria população são: feiras literárias, caminhadas contra a intolerância religiosa, projetos sócio artísticos e iniciativas de pré-vestibulares comunitários.

Muitos dos jovens do qual eu tive contato no bairro Campo Grande, Zona Oeste, possuem uma ideia de transformação social como uma ideia comum, que faz parte do dia a dia. Temas como questões de raça, sexualidade, gênero e entre outros, são vistos por esses jovens como questões que devem ser tratadas o tempo inteiro. Para muitos deles, os jovens na escola

precisam ter um perfil de liderança, dialogar com as autoridades ali presentes, construir projetos e colocá-los em prática.

O Coletivo Cultura Zona Oeste foi um movimento que surgiu dentro dessa lógica. No dia do assassinato da vereadora Marielle Franco⁴, os jovens criadores do Coletivo decidiram que precisavam agir de alguma forma dentro desse quadro político e social que estava se formando no Rio de Janeiro, e então o caminho que um deles decidiu seguir foi por meio da arte, pois o mesmo já tinha contato e algum tipo de experiência na área, então foi utilizando o teatro e a dança como ferramentas para promover cultura e arte para os jovens de Campo Grande, acreditando que dessa forma pudesse promover algum tipo de mudança para os jovens e para a comunidade.

No início as aulas eram realizadas na casa de um dos jovens fundadores, onde ele ensinava dança e teatro para aqueles que tinham interesse. Em pouco tempo a demanda foi crescendo, na casa dele já não cabiam tantos jovens que queriam aprender teatro e dança e foi preciso que o jovem líder do projeto fosse em busca de um outro espaço para que pudesse dar conta de todas as pessoas que o procuravam. Ele então fez uma parceria com o Sindicato de Professores (SINPRO), passando a utilizar a sede do SINPRO para realizar as suas aulas. Uma outra mudança ainda aconteceu na busca de ter uma melhor infraestrutura e atender o maior número de jovens possível: o projeto fez uma parceria com a Universidade Cândido Mendes (UCAM) que é onde o projeto está sendo realizado atualmente.

O Cultura Zona Oeste atende por volta de 98 jovens, com a média de idade entre 16 e 24 anos. A equipe organizadora é formada por 6 pessoas, entre elas jovens estudantes, que chamarei aqui de ativistas culturais⁵, com idades entre 19 e 21 anos e, uma socióloga que também é uma ativista da região preocupada com as questões sociais, culturais e de educação. O projeto oferece aulas de dança e teatro, possuem dois professores fixos e alguns outros artistas/professores participam pontualmente com aulas e workshops, contribuindo com novos aprendizados. Como as aulas acontecem no centro de Campo Grande, o período de realização/funcionamento do projeto se alinha ao período letivo das escolas públicas, a fim de

⁴ Marielle Franco era uma mulher negra, mãe e cria da favela da Maré. Formada em Ciências Sociais pela PUC-Rio e Mestre em Administração Pública, foi eleita vereadora do município do Rio de Janeiro-RJ com 46.502 votos. Marielle era militante pelos direitos das mulheres, da população negra e favelada, das LGBTs e de todo e qualquer outro grupo vítima de opressão. Foi assassinada violentamente no dia 14/03/2018 em um atentado ao carro onde estava após sair de uma roda de conversa com outras mulheres negras, o seu motorista Anderson Pedro Gomes também foi uma vítima do atentado. Marielle se tornou referência, inspiração e força para muitas pessoas, grupos e coletivos que lutam pelas questões sociais e de direitos humanos. As investigações sobre o caso Marielle Franco até hoje não foram concluídas e nos resta a pergunta: “Quem mandou matar Marielle e Anderson?”.

⁵ Nomeio como “ativista culturais” porque são pessoas preocupadas em transformar a realidade social de onde vivem e utilizam a cultura como ferramenta para essas transformações.

aproveitar o passe livre dos estudantes e atender a jovens de todas as áreas do bairro e adjacências, gerando assim uma maior facilidade no acesso e um alcance mais amplo.

Figura 03. Foto do Coletivo Cultura Zona Oeste



Fonte: Arquivos de imagens do Coletivo, acessado no link: <https://www.facebook.com/photo?fbid=463636127763038&set=a.207132833413370>, em 21 de abril de 2020.

É válido apontar também que um dos líderes do Cultura, hoje atua como Conselheiro Estadual de Cultura do estado do Rio de Janeiro, sendo um dos mais jovens a ocupar o Conselho, onde neste órgão é responsável por planejar e fiscalizar políticas públicas culturais para o estado. Essa busca pela ocupação de espaços, promoção de eventos e atividades, entre outras ações, são estratégias constantes para chamar atenção do poder público para a Zona Oeste, não apenas para o âmbito cultural, mas para todas as outras áreas sociais que precisam de aplicações práticas das políticas públicas.

Além do Cultura Zona Oeste, vários outros movimentos e ações acontecem nessa região, como o pré-vestibular comunitário, fóruns, caminhadas inter-religiosas, feiras literárias, festivais e etc. Todos esses eventos são realizados através de lideranças comunitárias e coletivos que se utilizam de diferentes mecanismos para a produção e realização das atividades, sejam através de rifas, apoio de pequenos comerciantes e/ou apoio da própria população. O termo/caminho do “alguém que conhece alguém” é bastante utilizado, gerando uma rede de

apoio comunitário que não se limita apenas ao território, mas também gira em torno de uma causa.

Está no imaginário de muitas pessoas a idealização do que seria uma sociedade saudável. Posso primeiramente citar aqui os fundamentais itens que está na ponta da língua de uma maioria: educação pública de qualidade com uma escola transformada que quebre a regra de uma cadeira atrás da outra e supere as paredes da sala de aula, ampliando os ensinamentos e formando cidadãos politizados, conscientes e críticos; uma saúde pública de qualidade que tenha capacidade de atender a toda população, sem filas, esperas e corrupção; uma assistência básica biopsicossocial, que atenda as famílias e as previnam de doenças e deficiências; uma política de segurança que não tenha um alvo baseado no racismo nem nos estereótipos, que não seja a que “mete o pé na porta da casa da empregada e beija os pés do patrão”, que esteja pronta para servir a toda a população independente de raça, classe, gênero ou religião, julgando a todos de maneira igual e justa; e entre outros âmbitos e aspectos que ocuparia toda esta dissertação se aqui eu continuasse escrevendo.

Esses desejos de uma sociedade justa e igualitária se expressam de formas diferentes em cada uma das pessoas. Isso vai depender do percurso de vida que cada pessoa teve, por onde ela caminhou, com quais pessoas conviveu nesse caminho, a quais situações foi exposta e entre outros fatores que vai formando e transformando a subjetividade de cada um. Os líderes do Cultura Zona Oeste costumam localizar-se em um lugar de busca, de ir atrás daquilo que deseja com as ferramentas que tem nas mãos, assim como os outros coletivos e grupos das comunidades e bairros da Zona Oeste.

Podemos olhar para esse tipo de movimentação como uma herança histórica dos povos afro-pindorâmicos como nomeia o pensador Antônio Bispo Santos (2019), em seu livro “Colonização, quilombos: modos e Significações”, que são os povos “negros” que foram trazidos do continente africano para cá e os povos “indígenas” que aqui já estavam. Os povos afro-pindorâmicos foram todos caçadores e guerreiros, a luta para manter a sua cultura, crenças e modos de vida vivos eram constantes. A criatividade era uma ferramenta sempre presente na busca por novas formas de praticar rituais, festejos e qualquer outra coisa que no momento da colonização era proibido e castrado pelos brancos euro-cristãos⁶.

Esses jovens também se propõem a uma luta, uma busca pela mudança social, a partir da criatividade e da arte. Com base em algumas conversas que tivemos as ações artísticas estão num lugar de “luta” e produção de vida. Ao mesmo tempo que promover toda uma agitação

⁶ Termo também utilizado por Antônio Bispo, SANTOS (2019), para nomear os povos colonizadores.

cultural para eles é uma ferramenta de luta contra as amarras sociais, é também a agitação cultural que faz com que mantenham a esperança de estarem vivos, ou de estarem vivendo e não apenas sobrevivendo a todas as obrigações e atravessamentos que a sociedade produz.

Se tomarmos como base os rituais de origem africana ou indígena, podemos ver o quanto o corpo é uma ferramenta importante, o corpo é presente e é a partir dele que tudo acontece. Nada acontece com o corpo parado que fica amuado no canto, enquanto o corpo que dança, gira, movimenta-se pelo espaço, esse corpo se transforma, transcende, vai para outro lugar. Talvez a dança traga isso para esses jovens, um corpo que pode dançar, pode fazer muitas coisas, um corpo que é valorizado pela dança, pode também ser valorizado em outros aspectos da vida. Esse ponto será mais investigado posteriormente.

Uma outra relação que podemos fazer é que os povos afro-pindorâmicos sempre foram povos ligados a natureza, os deuses possuem representações da natureza, as proteções e curas vêm todas da natureza, entre eles e a natureza não há um limite de separação, são tudo uma coisa só. E na natureza, as coisas são fortes e sobrevivem a situações extremas, uma árvore afunda as suas raízes e quando é cortada ainda tem como sobreviver e crescer novamente. Nada acontece de maneira isolada, uma semente que está numa planta ou fruto qualquer, só vai florescer se um pássaro vir até ela ou se o vento soprar e permitir que caia sobre o solo. Plantas que são mais resistentes ao sol crescem, enfrentando e dão sombras embaixo de si para que outras que não são tão resistentes assim possam crescer.

Podemos comparar todas essas pontuações aos jovens periféricos que compartilham os seus saberes e formam outros jovens, como alguém que está criando raízes nas suas comunidades. A crença na atuação coletiva através dos projetos e movimentos comunitários, leva a um florescimento dos jovens, onde estes passam a ter consciência crítica e política da realidade em que vivem e passem a atuar sobre ela. Jovens líderes ocupando espaços de reconhecimento, entrando nas universidades, ocupando cadeiras em conselhos e abrindo os caminhos para que outros jovens, com menos oportunidades, possam estar tendo os mesmos acessos, ou até, ampliando-os. Tudo isso nos permite olhar para os movimentos, as micropolíticas comunitárias, e vê-las como uma esperança para a transformação social, entender que podem ser os “pequenos” movimentos que levarão os jovens a alcançar os seus objetivos e metas coletivas para a sociedade e a comunidade em que vivem.

3.3 O QUE AS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS PERIFÉRICAS PODEM NOS DIZER?

Durante o dia a dia do coletivo Cultura Zona Oeste, os discursos sobre política e resistências periféricas estão sempre presentes e atravessando as narrativas juvenis. O fazer arte está relacionado com objetivos de mudança social, as atividades artísticas são as ferramentas encontradas pelos jovens líderes que permitem o sentimento de estar colocando a mão na massa, de estar colocando em prática um discurso que já está na ponta da língua da maioria dos jovens negros periféricos, o discurso do fim do racismo, fim do genocídio da população negra, fim das imposições de sexo e gênero e a transformação e melhora nos modos de vida periféricos.

A arte é um caminho palpável e plausível que permite com que os jovens expressem os seus sentimentos, suas angústias e seus desejos para a sociedade, a dança, a música, as rimas, são mecanismos que estão à mão e produzem um certo efeito imediato de satisfação ou paz interior, ainda que momentâneo. E, para aqueles jovens que não estão por dentro de debates políticos, debates sobre a sociedade e sobre os obstáculos encontrados nos caminhos de quem está dentro de grupos minoritários, a arte promove um espaço para pensamento crítico, para questionamentos e para se pensar saídas criativas.

Podemos discutir um pouco mais sobre isso com base em uma das cenas produzidas pelo Cultura Zona Oeste, nessa montagem estética os jovens conseguem através dos seus corpos representar questões políticas e sociais a respeito do cotidiano das populações negras e periféricas, trazendo ainda especificidades para as questões de gênero, do assassinato de crianças periféricas que mesmo com fardas escolares são alvos de “balas perdidas” e da falta de atenção e escuta que marca a população periférica diante das suas dores e sofrimentos. Pode-se observar abaixo a fala de um dos jovens do coletivo, sobre a concepção e os objetivos da montagem da cena:

A apresentação da Marielle a gente buscou fazer porque teve o festival Marielle Franco, né... na Cinelândia e nós fomos convidados e nós queríamos fazer alguma coisa que estivesse 'reavanchando' entre o corpo, a emoção, a dança e a história, né... que a Marielle fala né... e como a gente iria passar por essas situações e fazer uma criação disso referente a vida de Marielle, né? os corpos negros que são executados todos os dias, de crianças... aí a gente começa trazendo em memória a morte de Marcos Vinicius, junto com a mãe dele que é vítima também, foi vítima dessa perda e aí a gente vai se retratando isso conforme as performances corporais, e aí a gente fala sobre cotidiano, sobre os conflitos dos corpos do dia a dia, sobre o não contato que a gente tem né... sobre a confusão mental que isso causa ao nosso corpo, a nossa raça, sobre o extermínio da juventude, sobre o extermínio daqueles que buscam falar por nós. E aí no final a gente se reconcilia à isso através da nova essência que se perdeu, que tinha se perdido através da morte e essa nova essência está no nosso corpo, né... que se retrata o retrato. E... essa montagem, a música fala muito sobre isso... (Jovem líder A do Cultura Zona Oeste)

A música utilizada na cena por si só já é um protesto, é narrada por uma mulher e aponta as opressões vivenciadas pelas mulheres na sociedade, os estereótipos que demarcam o gênero e o lugar em que muitas vezes são colocadas nas relações do cotidiano, como pode-se observar na letra abaixo:

*Manifesto - The Handmaid's Tale
Kimani*

*Meu corpo sangra, senhor, tem dó
E há quanto tempo eles determinam nossas vidas
Vestindo azul ou vermelho, no final, somos todas inimigas?
Eu não me reconheço sob o olhar Dele, nem a sua voz
Nos dividir e separar é o plano do algoz
Eu sei, cada um sabe bem a dor de ser o que é
Mas quem é que quer sentir na pele o que passa uma mulher?
Abençoado seja o fruto! Criada pra servir a qualquer custo
Só reproduzir, só reproduzir
E desde quando o senhor se preocupa com o que eu vou sentir?*

*O que queres de mim, meu bom senhor?
Se eu tenho um preço, mas minha profissão não tem valor
E eu digo: A liberdade sempre foi palavra ausente no nosso vocabulário
Mulheres de um lado, liberdade do outro, nós nunca andamos do mesmo lado
E tá claro, nós, sexo frágil do lar, somos o capacho
Meu corpo ao outro pertence, meu corpo é só pertence
Quarto de despejo não tem espaço pra quem sente*

*E o que sente? Que corpo treme ao deleito de outrem
Mulher não tem direito a nada, só o outro tem
Todos os dias um abuso, um corpo roubado
E o gosto amargo de ser descartável
Padrão tipo Offred, Ofglen
Perde o nome, a identidade e segue a sina
Reproduza, linda menina
Não! Minha luta nunca será em vão
As minhas não tardarão, não silenciarão e a isso eu não me presto
Mostra pra eles, mulher, que estar viva por si só já é um manifesto*

Com base nesses dados e na observação da apresentação da cena, farei aqui algumas discussões e apontamentos. Podemos iniciar a partir do ponto mais latente que é a questão da mulher negra periférica, questão que está exposta na música, nos discursos do jovem líder e nas expressões corporais durante a coreografia do grupo. Pensando na teoria de colonialidade e gênero, Lugones (2008) diz que a mulher negra é um ponto cego nas discussões a respeito das opressões de raça, classe e gênero, pois, separadamente, cada categoria dessas possui um perfil protagonizador, o homem negro protagoniza as lutas de raça, o homem pobre protagoniza as lutas de classe e a mulher branca protagoniza as lutas de gênero. Além desse apagamento, há o sofrimento dessa mulher devido aos mais diversos atravessamentos identitários, o sofrimento de uma mulher negra que precisa enfrentar as diferenças nos salários comparados aos homens, os assédios diários, a violência psicológica.

Mas também, devemos destacar que se essa mulher for mãe ou esposa, toda a opressão que atingir a sua família que também é negra, em algum momento cairá sobre ela. Seja por um filho que é assassinado pela polícia, uma filha que é violentada ou tantas outras violências e absurdos que afetam a população negra e pobre no Brasil. Com isso, o sofrimento dessa mulher negra periférica acaba sendo em dobro ou triplo.

Podemos observar também o quanto as famílias negras periféricas possuem um modelo matriarcal muito forte, assim como os modelos predominantes nas tribos africanas, como cita Lugones (2008) baseada nos estudos de Oyewùmi (1997). Apesar de que, a predominância desse modelo matriarcal nas famílias periféricas não se dá de uma maneira positiva, pois não acontece devido ao respeito dos homens e distanciamento do machismo, mas acontece pelo abandono familiar provocado pelos pais, a ausência dos pais na criação dos filhos e a falta de contribuição nas necessidades da família. Ou seja, a mulher negra que ocupa o lugar de matriarca na família, não ocupa um lugar de poder porque superou o heteropatriarcado e o racismo, mas continua a ocupar o lugar de oprimida sendo vítima desses poderes.

Figura 04. Frame 01 de vídeo da cena “Marielle” produzida pelo Cultura Zona Oeste e apresentada na Mostra de Dança Mixtura em Campo Grande – RJ



7

Fonte: Arquivo pessoal, registrado pelo próprio pesquisador, 2019.

Na imagem acima podemos observar a representação de tudo isso que foi dito, no centro um jovem atingido por mais uma bala devido as violentas operações policiais realizadas nas

⁷ Para visualizar o vídeo aponte a câmera do seu celular para o QRcode e clique no link que ele irá sugerir ou baixe um app leitor de QRcode.

comunidades do Rio de Janeiro, no canto direito a mãe que sofre pela perda do filho e, no canto esquerdo podemos fazer a leitura de uma comunidade que é silenciada diariamente pelo choque causado pela violência e, por muitas vezes, não encontram saídas que possam trazer soluções para os seus problemas.

Outro ponto a ser discutido é como todo esse contexto violento atravessa a subjetividade dos jovens. No discurso de um dos líderes juvenis do projeto, vemos que ele cita sobre a confusão mental que as questões do cotidiano relacionadas ao racismo, ao extermínio da juventude negra causam nos seus corpos. O governo junto a polícia vem desenhando um modelo de vida/política para os jovens negros periféricos e esse modelo não é nas escolas, universidades ou espaços culturais, é na mira dos policiais. E, com os casos que vem acontecendo os jovens se veem com poucas oportunidades de fugir dessa política, já que mesmo fardado, no caminho da escola a mira da polícia ainda os alcança. Todo esse processo pode gerar o que é dito no discurso, confusão mental. O medo, a falta de perspectiva de futuro, a presença da violência no cotidiano, todos esses elementos estão presentes o tempo inteiro, o que esperar de jovens que estão sendo rodeados por essas questões? Como montar um projeto de vida, manter a saúde mental e evitar transtornos psicológicos com todos esses atravessamentos sociopolíticos?

Apesar de tudo, percebe-se que os jovens envolvidos nesses movimentos artísticos-culturais, desejam criar outros modos de vida de maneira coletiva, colaborativa e compartilhada. Esta juventude negra periférica nega essa realidade que tenta impor e criam suas próprias estratégias para contar novas narrativas dentro das possibilidades. Nesse momento, oportunidades são mais do que necessárias, são inevitáveis! Porque os jovens que estão envolvidos com projetos deste tipo não estão automaticamente salvos dessa política de morte e inclusos “no país das maravilhas”, estão para além de tudo isso, tentando enxergar outras saídas para si e para os outros enquanto ainda são alvos.

Figura 05. Foto do Coletivo Cultura Zona Oeste durante a participação do “Festival Pelo Nosso Futuro – a juventude quer viver”, em 12 de dezembro de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal, registrada pelo próprio pesquisador, 2019.

Para criar novas narrativas, esta juventude aprende a olhar para os lados e para trás, se inspirando em outras histórias, em lideranças e pessoas que também enfrentaram esse modelo político e encontraram furos para continuar caminhando e transformando a realidade. Marielle Franco é um desses casos, sua história, suas lutas, suas falas marcaram a juventude e se criou uma representação para essas pessoas apesar do seu fim trágico. Quando, na fala do jovem, é dito: *“o extermínio daqueles que buscam falar por nós”*, podemos supor que de alguma forma ficou marcada a mensagem que o sistema tenta deixar através da violência para aqueles que tomam a frente das lutas e ocupam lugares importantes que ressoam a voz de toda uma comunidade. E esta mensagem é quase que *“não vá! Pois já sabe o seu fim...”*.

Porém, a resposta que surge da juventude é de que então nós devemos falar por nós mesmos em coletivo, cada coletivo utilizando daquilo que sabe, e se observarmos o seguinte trecho da fala: *“E ai no final a gente se reconcilia à isso através da nova essência que se perdeu, que tinha se perdido através da morte e essa nova essência está no nosso corpo, né...”*, podemos compreender que o Coletivo Cultura Zona Oeste buscará aquilo que acredita através do corpo, porque o que eles chamam de *“essência”* pode ser lido como o ato de estar em luta, de (re)existir em meio ao caos, às violências diárias, estar em busca de transformação para si e para o coletivo, e para eles isso está no corpo de cada um.

Figura 06. Mosaico de frames de vídeo da cena “Marielle” produzida pelo Cultura Zona Oeste e apresentada na Mostra de Dança Mixtura em Campo Grande – RJ



Fonte: Arquivo pessoal, registrada pelo próprio pesquisador, 2019.

Trazemos para o campo do debate a perspectiva do agir decolonial nessas ações, nos posicionamentos e pensamentos aqui discutidos. A própria criação de outras narrativas, o desvio do jovem negro periférico que já tinha os seus caminhos “demarcados na sociedade” pelas opressões do colonialismo, caminhos que o levariam a exploração, violência ou até a miséria e, passam a criar outros trajetos, a produzir vida, a promover produtos estético-artísticos que são valorizados socialmente e produzem uma visibilidade que os levam a acessar espaços que antes eram inacessíveis e hoje se tornam possíveis. Com isso, vemos também que a perspectiva decolonial se torna potente quando ultrapassa os conceitos e teorias e se tornam atos daqueles que não estão satisfeitos. Não há um caminho ou linha específica para seguir esta perspectiva,

mas há especificamente um caminho para não seguir, que é aquele vertical e classificatório, previsto/desenhado por quem está/esteve no poder.

5. MARCOS TEÓRICOS

5.1 RAÇA, COLONIZAÇÃO E CAPITALISMO – A América Latina como território de violência

A América Latina é um território demarcado por um processo violento de colonização, tendo como principais alvos os povos que já estavam presentes nesse território que foram nomeados de indígenas e, os povos nomeados de negros que foram trazidos do continente africano. As violências aconteciam das mais diversas formas. Ao serem colocados no lugar de escravos para servirem aos colonizadores, esses povos estavam expostos à violência física, sendo agredidos e muitas vezes mortos e, ainda, muitos destes eram vítimas também de abusos sexuais. Todo esse processo de colonização deixou marcas violentas na subjetividade e na identidade cultural destes povos.

Segundo Quijano (2000), a ideia de raça criada pelos colonizadores para demarcar esse não lugar dos povos não brancos e legitimar uma suposta inferioridade destes, foi um dos instrumentos mais eficazes criados a favor da colonização. Esse conceito foi inventado por volta dos séculos XV e XVI durante o começo da formação da América e do capitalismo, tendo ainda um apoio “científico” no seu desenvolvimento ao passar dos anos.

A ideia de raça gerou diversos produtos e instrumentos a favor da colonialidade, sendo o racismo um destes, o mais presente e perceptível na sociedade atual, mas não o único. A princípio, essa ideia foi baseada em um constructo biológico do qual diferenciava as capacidades físicas, cognitivas e estética dos povos, categorizando-as e as colocando de maneira vertical, ficando sempre a raça branca no topo, superior a todas as outras. Essa ideia foi utilizada como justificativa para diversos outros processos sociais de dominação e exploração dos povos, como o nazismo na Alemanha e o *apartheid* na África do Sul. Porém séculos após a sua criação, diversos estudos comprovaram que toda essa ideia nada tem a ver com questões biológicas, como tentaram sustentar através do discurso científico, mas estava/está diretamente ligada a uma ideologia com o objetivo na obtenção do poder sob povos não brancos, favorecendo o capitalismo mundial, colonial/moderno, eurocentrado (QUIJANO, 2000).

Pensar raça para além do racismo é um caminho que os movimentos sociais e de luta contra os poderes coloniais podem seguir, a fim de se livrar das velhas âncoras do colonialismo. A raça deve ser entendida como um padrão socialmente construído com base na cor, a fim de

hierarquizar populações, com foco na obtenção de poder. A partir do momento que a população começar a tomar consciência desse conceito de raça e dos motivos da sua criação, este pode deixar de ser um demarcador social e passar a ser desconstruído, com todos os valores e modos de vida determinados e atrelados à noção de raça (QUIJANO, 1991). Possibilitando as populações demarcadas socialmente por estereótipos a ampliarem a sua visão e perceberem que elas podem ser muito mais do que aquilo que dizem que elas são, e que podem fazer muito mais do que aquilo que dizem que elas podem fazer.

Aníbal Quijano desenvolve a sua teoria de colonialidade do poder com base no poder colonialista branco, hétero, patriarcal e eurocentrado, acreditando que a ideia de raça e colonialismo estão diretamente relacionadas com o capitalismo e a ideia de modernidade. Levantando com essa teoria os debates a respeito das questões de classe e do materialismo histórico e, suas relações com a ideia de raça, desenvolvendo esses pensamentos sob a luz da colonialidade e seus processos na América Latina. Para ele, o capitalismo e a ideia de modernidade são a base do nosso mundo atual e a América Latina nasce como parte da constituição desse mundo (QUIJANO, 1991). Ou seja, todas as relações de poder relacionadas à raça têm o seu viés econômico com base no capitalismo e seu viés racista/racializado com base no colonialismo, podendo ser analisadas por todos esses ângulos, além das questões de gênero e sexualidade que são também demarcadoras, mas não são tão bem discutidas por Quijano, sendo desenvolvidas e ganhando maior visibilidade através de Maria Lugones que compõe junto a Quijano, Mignolo, Maldonado-Torres, entre outros autores, o grupo de modernidade e colonialidade na América Latina.

A colonialidade é entendida como algo diferente do colonialismo, essa diferença pode ser exemplificada abaixo com esse recorte de um texto de Maldonado:

Colonialidad no significa lo mismo que colonialismo. Colonialismo denota una relación política y económica, en la cual la soberanía de un pueblo reside en el poder de otro pueblo o nación, lo que constituye a tal nación en un imperio. Distinto de esta idea, la colonialidad se refiere a un patrón de poder que emergió como resultado del colonialismo moderno, pero que en vez de estar limitado a una relación formal de poder entre dos pueblos o naciones, más bien se refiere a la forma como el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí, a través del mercado capitalista mundial y de la idea de raza. Así, pues, aunque el colonialismo precede a la colonialidad, la colonialidad sobrevive al colonialismo. La misma se mantiene viva en manuales de aprendizaje, en el criterio para el buen trabajo académico, en la cultura, el sentido común, en la auto-imagen de los pueblos, en las aspiraciones de los sujetos, y en tantos otros aspectos de nuestra experiencia moderna. En un sentido, respiramos la colonialidad en la modernidad cotidianamente (MALDONADO, 2007).

Segundo Quijano (1991), o colonialismo como poder formal e político, um domínio explícito, é quase totalmente extinto, porém o colonialismo como um poder social ainda é

presente em todas as relações sociais, através da ideia de colonialidade. Com o passar do tempo as relações de poder foram se modificando e se tornando discretas, muitas vezes “invisíveis aos olhos nus”, porém isso não significa que deixaram de existir. Estas ainda são sentidas na pele daqueles que são demarcados por todos os aspectos coloniais, ainda que muitos destes não possuam consciência desse processo, acreditando que todas essas barreiras e violências encontradas no seu cotidiano não tenham uma razão específica, ou ainda dando outras razões que não a colonialidade e a reprodução dos seus poderes para essas questões.

No período do colonialismo, as ferramentas de controle dos povos para as práticas de dominação ocorreram a partir de diversos meios, tais como a violência, as demarcações territoriais e o desenvolvimento de teorias de hierarquização através da raça, do gênero, sexualidade e da classe. Esse processo gerou um acúmulo de riqueza e poder para os povos ocidentais, enquanto os povos africanos e latino-americanos foram demarcados por mortes, abusos e apagamento histórico e identitários.

As questões de violência e subordinação de acordo com a raça, gênero, sexualidade e classe estão diretamente relacionados com o modelo econômico capitalista e com a ideia de modernidade. No capitalismo mundial esse sistema de poder e geração de riqueza se mantém através da hierarquização dos povos, da dominação social e do controle econômico, explorando aqueles que estão na base da pirâmide e distanciando economicamente cada vez mais quem detém o poder de quem é explorado. Quijano (2002) analisa com base em dados da economia mundial entre os anos de 1800 até 1999, que estava em curso naquela época um processo de reconcentração de controle de bens, rendas e recursos nas mãos de uma minoria da espécie. Com isso, havia uma diminuição na quantidade de pessoas ricas, ficando estas cada vez mais ricas e um aumento na quantidade de pessoas pobres ficando cada vez mais pobres.

Ao se referir a ideia de modernidade, Quijano (2000) afirma que os europeus se colocaram em um lugar de civilização avançada como os modernos da humanidade e da história, ao mesmo tempo que colocou os outros povos como inferiores e atrasados. Não bastando que apenas eles mesmos acreditassem nessa ideia, estes tornaram a modernidade uma ideia hegemônica em que os países ocidentais estão sempre inovando, avançando e sendo mais desenvolvidos, enquanto os países explorados são denominados países subdesenvolvidos. Este conceito é demarcado pelas ideias de modernidade, de avanço, da racionalidade científica e da laicidade secular. Quijano ainda crítica que se a ideia de modernidade gira apenas em torno desses aspectos deve-se ser admitido que isso é um fenômeno possível em qualquer cultura e em todas as épocas históricas.

Em seu artigo *Colonialidad y modernidad-razionalidad*, Quijano (1992) aponta que se observamos as principais linhas de exploração e dominação social a nível global atualmente, os explorados são demarcados pela mesma raça, etnia ou nacionalidade dos povos que foram explorados durante o período colonial. No Brasil, esses aspectos coloniais podem ser identificados no genocídio da população negra, na criminalização das favelas, onde tudo que é produzido nesta localidade é associado ao crime, na reprodução de uma ciência positivista que anula os saberes tradicionais, nas violências de gênero e sexuais, no difícil acesso à educação, no embranquecimento dos espaços de poderes e entre outras questões cotidianas que sempre demarcam o lugar do negro, dos povos indígenas e da população pobre como o lugar de precarização e ausência de qualidade de vida.

A precarização é a “política pública” mais aplicada para essas populações e em locais periféricos e não é por acaso. De acordo com Quijano (2002) “ninguém pode explorar ninguém se não o domina, muito menos de modo estável e duradouro”. Ou seja, o poder possui as suas vantagens com base nessa precarização. As populações que vivem sob estas condições se expõem a trabalhos e atividades exploratórias, passam horas no transporte público para chegar no local de trabalho, se submetem a valores de “salários” reduzidos que não estão de acordo com as funções exercidas e não podem reclamar ou se revoltar contra o empregador pois não há perspectiva de melhora, havendo o risco de perder o seu mísero emprego porque sempre haverá uma outra pessoa desempregada para ser colocada no seu lugar.

Outro ponto a ser discutido é o espaço, que não é apenas uma questão física e geográfica, mas é uma importante ferramenta de poder (QUIJANO, 1991). Todo o processo de colonização se deu a partir dessa conquista por terras, desse roubo geográfico onde os colonizadores matavam, violentavam e escravizavam os residentes dos espaços aos quais chegavam e tomavam estes espaços como seus. Esses espaços eram cada vez mais explorados e deles eram retiradas todas as riquezas e outras matérias que pudessem estar a favor do colonizador, seja simplesmente para a permanência e manutenção da vida ou para a alimentação de outras ferramentas que contribuíssem para a conquista e colonização de outros espaços.

No período pós-colonial houve uma exposição do que conhecemos hoje como América Latina para a colocação de nomes procedentes dos países coloniais. Na busca de uma demarcação desses espaços físicos para a manutenção do poder, assim os nomes América Hispânica, Luso-América e Ibero-América encobriam esses territórios com as suas colonialidades, sem dar espaço aos povos nativos desse lugar (QUIJANO, 1991). Dessa forma, os povos nativos se encontrariam sempre nesse lugar do outro, dando uma ideia de que quem estava fora do seu lugar eram eles e não os colonizadores. Normalmente quem manda nos

espaços são os “donos” dos lugares, se esse lugar de dono estiver com os colonizadores os poderes e regras destes sempre estarão prevalecendo e de maneira “justificada”.

Para que não houvesse uma nomeação colonizadora neste território, houve muitas revoluções e movimentos sociais antes da Segunda Guerra Mundial em busca de um novo nome para este lugar (um nome que representasse os povos originários) que foram “derrotados” pelo poder imperialista. Essa relação do espaço e seu nome está diretamente relacionada a questão da identidade desses povos, um nome que represente o povo favorece a sua identidade e a consciência do seu lugar, não apenas o lugar físico, mas o lugar social, enquanto que o nome que representa o colonizador se torna mais um golpe territorial-identitário para os povos originários (QUIJANO, 1991).

A identidade é um fator muito importante para a luta contra o poder colonial, não apenas na demarcação do espaço como citado acima, mas para contrapor os atravessamentos do colonialismo. O sujeito que não se conhece, não sabe a história do seu povo e nem do seu lugar é um sujeito esvaziado e um alvo fácil para o colonialismo. Esse indivíduo esvaziado não se identifica com o seu grupo e vai estar sempre individualizando as opressões sociais do colonialismo, sendo que estas opressões ocorrem em massa e de maneira demarcada como já citado. Com essa individualização da opressão o sujeito não promove nenhuma revolução e as bases e alicerces colocados pelo padrão branco, heteronormativo, patriarcal e colonialista não são balançadas e permanecem operando sob estes corpos.

Para Quijano (1991) a identidade é um processo de relações e de categoria e o poder se coloca entre essas relações. Esse poder foi criado há mais de 500 anos e vem se mantendo nas relações da população latino-americana. Os movimentos sociais e as lutas dos povos buscavam o fim desse poder e durante essas lutas entenderam a importância da busca pela identidade. Até porque um povo que não compreende e nem valoriza linguagens e conhecimentos outros, culturas outras, além das impostas pela colonização, sempre dependerá da linguagem, dos conhecimentos e da cultura do colonizador, logo esse apagamento identitário é mais um instrumento do colonialismo que contribui para a sua manutenção e permanência na sociedade.

Vale pensar também nessa questão da dependência pela falta de identidade nos dias atuais, onde são adotadas nas escolas/universidades modelos de multiplicação do conhecimento que em muitos casos geram conflitos entre os estudantes e afetam a sua saúde mental implicando em diversos problemas, mas pela falta de uma virada histórica na construção de um novo modelo de multiplicação de conhecimento esses problemas se mantêm e continuam se repetindo, podendo talvez serem evitados se houvesse a aplicação de um modelo não branco ocidental controlador que represente o povo e as suas reais necessidades, onde a equidade fosse

valorizada e tivesse um propósito central. Esse exemplo na educação não é único nessa falta de virada, mas isso se apresenta em vários outros âmbitos, como o âmbito político em que se repete a criação de normas e leis que favoreçam o poder para os burgueses, mantendo as massas minoritárias (em sua maioria negra) no lugar de dominado e escasso de recursos. Ou nas relações de trabalho em que os homens brancos heterossexuais em sua maioria detêm espaços de poder e de liderança, enquanto as outras pessoas que não se encaixam nesse padrão estão sempre subordinadas.

Um outro fator a ser debatido aqui é o eurocentrismo que também atravessa as questões de identidade. Quijano (2000) entende o eurocentrismo como uma ferramenta subjetiva da colonialidade que atua sob os desejos dos indivíduos, fazendo com que os mesmos busquem ser iguais aos colonizadores devido a falsa ideia de modernidade. Se formos analisar de um modo figurativo é como se a modernidade fosse o corpo, aquilo que é palpável e físico, enquanto que o eurocentrismo é o espírito, aquilo que é sentido e imaginado. O eurocentrismo está presente na ideia de que tudo que surge do ocidente é considerado algo bom e a partir daí todos vão modificando os seus corpos, seus comportamentos e as suas linguagens para ficar cada vez mais próximo desse padrão eurocêntrico. Sendo que toda essa modificação do indivíduo pode ser lida como uma entrega à colonização, pois esta busca pelo padrão eurocêntrico é um caminho contrário a busca da identidade. Sendo assim, não basta apenas a busca pela identidade, mas também a fuga e a desconstrução do padrão eurocêntrico para que haja a descolonização dos povos.

Todas essas ferramentas e estratégias da colonialidade do poder funcionam através de um sistema mundial que só é possível devido a globalização. A globalização permite a manutenção de um padrão de poder, padrão este que deixa de ser local e passa a ser global. Tudo é acessado de todo lugar, da mesma forma que todos os lugares/povos podem ser atravessados a partir de um lugar específico. O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial são ferramentas de controle capital por parte de países colonizadores para com os outros povos. Os colonizadores deixam de estar nos territórios dos colonizados para que se tenha o controle do poder, o domínio passa a ser interno-externo (QUIJANO, 2002).

Com isso, reforçamos aqui alguns conceitos básicos que foram discutidos e sustentam essa teoria. A ideia de raça como pilar principal que categoriza os povos e determina quem pode explorar e quem deve ser explorado. O capitalismo como ferramenta de geração e acúmulo de riqueza que mantém o poder na mão dos colonizadores. A ideia de modernidade que determina quem são os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos, gerando uma espécie de subordinação e categorização de nações que deixa evidente quem precisa de quem e quem deve seguir quem.

O eurocentrismo que atua sob a subjetividade e a intersubjetividade dos povos, colonizando seus corpos e pensamentos através da implicação de um modelo a ser seguido, modelo este branco e europeu. E a globalização que permite a criação de um sistema mundial de controle do capital, de “países desenvolvidos” sob “países subdesenvolvidos”.

5.2 COLONIZAÇÃO E GÊNERO – A imposição do dualismo

Ao se deparar com os povos colonizados, os colonizadores encontraram pessoas com culturas outras, saberes diversos, ligações espirituais e modos de vida complexos que foram completamente anulados. Ao invés de haver uma comunicação e troca de saberes entre os povos, o que houve foi uma hierarquização e a não humanização dos colonizados, estes que, foram colocados no lugar de primitivos. De maneira violenta, os colonizadores impuseram a sua verdade aos povos colonizados, que ao contrário do que muitos pensam, não foi como uma alfabetização pacífica e libertadora, mas sim um esvaziamento identitário no qual tudo aquilo que pertencia ao colonizador foi imposto para o colonizado e muito do que era do colonizado resistiu para se manter vivo⁸. A ideia de gênero e a dualidade do sexo (macho-fêmea) foram uma dessas imposições (LUGONES, 2014).

Na teoria da colonialidade do poder o gênero, o sexo e a sexualidade não são conceitos tão bem trabalhados por Quijano. Segundo Lugones (2008) o gênero é reduzido na teoria da colonialidade do poder a organização do sexo, seus recursos e seus produtos e sempre recai nas discussões de quem controla o sexo e quem são os seus recursos. Ou seja, essas discussões feitas por Quijano não trazem uma análise para a construção do gênero, sua perspectiva histórica e nem para quais os benefícios dos colonizadores nessa construção social baseada no sexo. Além disso são esquecidas as categorias sexuais que fogem dos padrões heteronormativos, os gêneros que fogem do padrão binário masculino-feminino e os indivíduos

⁸ Ao pensarmos nesse processo de esvaziamento cultural e imposição de verdade do colonizador x colonizado, podemos pensar na ideia de “certo x errado”. Muitas vezes nos pegamos nessa dualidade e se fomos em busca de entender o porquê disso, veremos que tem uma raiz no processo de colonização. Como por exemplo, as religiões que possuem crenças politeístas, facilmente são vistas como algo errado ou demonizado por pessoas que não nasceram dentro da religião ou que não se debruçam sobre estudos religiosos, étnicos/raciais. Enquanto as religiões monoteístas, o acreditar em um único deus, homem e todo poderoso, logo é aceitável e correto para essas pessoas. Nesse exemplo podemos ver claramente aquilo que é do colonizado sendo colocado em dúvida, enquanto aquilo que é do colonizador é aceito sem muitas dificuldades. Com isso, percebemos como essa disputa ainda não acabou, não é algo que está dado, mas houveram muita resistência dos povos colonizados para manterem a sua cultura e passarem para outras gerações, enquanto que os colonizadores também impuseram a sua verdade de forma violenta e se mantêm nessa disputa através da colonialidade e suas ferramentas de poder, a fim de manter esses povos na mesma estrutura de exploração.

intersexuais, que são indivíduos que nascem biologicamente com características tradicionalmente consideradas de ambos os sexos macho e fêmea.

Além da questão do gênero como algo construído socialmente, Lugones aponta também o sexo como algo construído socialmente e utiliza de exemplo os intersexuais para embasar seus apontamentos. A função reprodutiva foi uma função considerada essencial para a mulher durante o fim do século XIX até a Primeira Guerra Mundial. Então, a presença do ovário se tornou um ponto definidor para a identificação da mulher, sendo que há inúmeros fatores que intervêm na questão do sexo como cromossomos, gônadas, morfologia externa, morfologia interna, padrões hormonais, fenótipo, sexo atribuído e a definição própria que a pessoa atribui a si mesma (LUGONES, 2008).

Com isso, a medicina ganhou um forte papel na manutenção dos padrões colonialistas através do seu “poder cirúrgico”, que se torna um fator decisivo e muito invasivo na vida de pessoas intersexuais, as quais têm o seu sexo definido com base nas construções sociais da ideia de sexo. A questão fálica se torna gritante nesse processo, se o indivíduo nasce com o pênis perfeito ele é tido como masculino, se nasce com o pênis imperfeito é tido como feminino, sendo considerado como masculino apenas aquele que estiver em perfeito estado para penetrar uma vagina ou fazer xixi em pé (LUGONES, 2008). Todo esse processo é silenciado assim como a existência das pessoas intersexuais, na busca de manter o padrão heteronormativo patriarcal e encontrar falsas justificativas biológicas para defender as questões desse padrão.

Se pudéssemos dar luz a questão dos intersexuais com o propósito de fugir do dualismo sexual, simplificáramos e muito a luta pela desconstrução do gênero e do sexo das pessoas transexuais, travestis e transgêneros que durante muito tempo foram marcadas de maneira patológica, tornando as suas identidades e as suas expressões sociais doentias perante a sociedade. E ainda, muitos movimentos contrários levantam a bandeira de que nascemos com sexo e gênero definidos, sendo que este nos são atribuídos ao nascer, sem nenhum tipo de consentimento, uma vez que até os intersexuais que nascem fora dessa dualidade sexual macho-fêmea, são automaticamente colocados dentro desse padrão, como vimos acima.

Lugones (2008) discorre sobre o medo sexual dos colonizadores ao entrarem em contato com os indivíduos intersexuais presentes em tribos indígenas e os verem com seus “pênis enormes e peitos derramando leite”. Esse medo sexual pode estar relacionado com a falta de controle do desconhecido ou a inferiorização, que em muitos casos pode se transformar em violência, como o que houve com os colonizadores. Essa reação violenta dos colonizadores foi dando continuidade nesse compartilhamento das ideias de sexo e gênero, baseados nesse dualismo macho-fêmea/masculino-feminino.

Fannon (2008) também cita esse medo no seu livro “Peles Negras, Máscaras Brancas” a partir de uma leitura psicanalítica, no qual compreende a sexualidade do colonizador como um complexo da neurose, na qual esse age diante dessa questão assim como reage um primogênito a chegada do seu irmão. O colonizador coloca os povos indígenas/africanos num lugar de não humanos que se relacionam sexualmente de maneira absurda, onde os homens negros possuem um poder sexual sob as mulheres devido aos seus “enormes pênis” e podem se relacionar com quantas mulheres quiserem de maneira livre e até muitas mulheres ao mesmo tempo, colocando os brancos “em risco” de perder as suas mulheres. Ou seja, foi criado um imaginário de uma potência sexual que pode ser analisada como a projeção de um desejo do homem branco colonizador. E a possibilidade dessa projeção acontecer/se tornar realidade provoca medo, pois caso ocorresse, este não teria controle e por não ter o controle age previamente de maneira violenta a fim de encontrar alguma forma de evitar o “inesperado”.

Ainda hoje alguns desses estereótipos são mantidos no imaginário das pessoas, em que os negros são aproximados do animal através de diversas características. O homem negro é marcado pela força, virilidade, capacidade de reprodução e também, devido a essa aproximação animal, é marcado por outras questões não sexuais, sendo colocado no lugar de quem não possui conhecimento, não é capaz de realizar atividades de alta complexibilidade ou criar resoluções de problemas. E a mulher negra é vista como um objeto de desejo sexual que é feita para o sexo e a reprodução e por isso irá oferecer experiências que nenhum homem nunca tivera com mulheres brancas.

Lugones utiliza de vários trabalhos de antropólogas como Gunn Allen⁹ e Oyèrónke Oyewùmi¹⁰ para analisar as questões de sexo e gênero nas tribos africanas. Com isso, ela afirma que muitas tribos africanas eram matriarcais, consideravam a homossexualidade e o “terceiro gênero”, além disso as relações de gêneros eram igualitárias e não opostas. Ainda, com base nas pesquisas de Oyewùmi, Lugones descreve sobre como se apresentavam o que pode-se ler como supostos gêneros nas tribos Yorubas, das quais haviam os termos *obinrin* e *okunrin*, que eram baseados apenas nas questões de aparências, formas, e não em questões biológicas, podendo abreviá-las como *anamacho* e *anahembra* e, estes não possuíam relações opostas como o masculino-feminino.

Oyewùmi entiende el género, introducido por Occidente, como una herramienta de dominación que designa dos categorías sociales que se oponen en forma binaria y

⁹ Poeta, crítica literária e ativista, nascida nos EUA (1939-2008), escritora de livros como: *The woman who woned the shadows* (1983), *The sacred hoop* (1986), *Grandmothers of the light* (1991) e entre outros.

¹⁰ Pesquisadora feminista associada a Universidade Stony Brook, nascida na Nigéria (1957), escritora de livros como: *The invention of women* (1997), *Gender Epistemologies in Africa* (2010), *What Gender is Motherhood?* (2015) e entre outros.

jerárquica. «Mujeres» (el término de género) no se define através de la biología, aún cuando sea asignado a las anahembras. La asociación colonial entre anatomía y género es parte de la oposición binaria y jerárquica, central a la dominación de las anahembras introducida por la colonia. Las mujeres son definidas en relación a los hombres, la norma. Las mujeres son aquellas que no poseen un pene; no tienen poder; no pueden participar en la arena pública (Oyewùmi, 1997:34). Nada de esto era cierto de las anahembras Yorubas antes de la colônia (LUGONES, 2008).

Alguns fatores foram importantíssimos para realizarem a construção dessa colonialidade sob as tribos africanas. O primeiro destes é a construção de um único Deus, homem e todo poderoso, um Deus punitivo e castigador. Com base nessa ideia os colonizadores começam a demonizar as crenças das tribos africanas, ignorando completamente o seu politeísmo, suas crenças em deuses e deusas da natureza, colocando um único ser superior que representa o patriarcado. O segundo é a destruição dos governos tribais, o apagamento das filosofias que os mantinham e a implantação de governos e filosofias machistas, heteronormativas e patriarcais. O terceiro, as pessoas são expulsas das suas terras e são impedidas de manterem os seus costumes, empreender para a sua subsistência, realizar seus rituais e suas filosofias e são colocados num lugar de dependência da cultura dos brancos e do patriarcado, tendo que seguir seus modos e costumes. O quarto, a estrutura do clã das tribos são modificadas de fato pelos núcleos familiares, onde as mulheres perdem o seu lugar e passam a ser submissas aos homens, passando a viver de acordo com o patriarcado (LUGONES, 2008).

Nesse processo de colonização, os homens brancos obtiveram ajuda dos *anamachos* para a obtenção do poder sob as tribos Yorubas e o fim do matriarcado (LUGONES, 2008). Ao fazer uma reflexão sobre este acontecido, pode-se entender essa contribuição como uma falsa expectativa dos *anamachos* de deterem os mesmos poderes dos homens brancos que ali chegavam, ou como aconteceu com os indígenas no Brasil que foram violentados e manipulados pelas falsas capacidades e poderes que os homens brancos demonstraram ter, supostamente.

Dessa mesma forma podemos refletir sobre as lutas feministas atuais e o lugar dos homens nessa luta por igualdade. Assim como nas tribos Yorubas, o homem também tem o seu papel para a manutenção de uma sociedade igualitária, então, ou ele caminha para a igualdade ou mantém os seus privilégios numa sociedade machista, branca, heteronormativa e patriarcal. Esse lugar do poder do homem na sociedade se reflete nos mais diversos âmbitos, como a ocupação da maioria dos cargos de poder, ou até quando ocupam os mesmos cargos que as mulheres, estes são melhor recompensados. Porém o que acontece é que para a sociedade se tornar igualitária não são só as mulheres que precisam ganhar direitos, mas os homens precisam perder alguns privilégios e como muitos não estão dispostos a abrir mão desses privilégios, a sociedade se mantém de maneira desigual.

Se pensarmos nessas discussões a respeito da sociedade, quando falamos de homem ou mulher, branco ou negro, normalmente sempre damos atenção a algum perfil específico. Então quando falamos de raça colocamos em vista o homem negro, quando falamos de classe colocamos em vista o homem pobre e quando falamos de gênero colocamos em vista a mulher branca. Em todas essas conexões de classe, gênero e raça, a mulher negra não aparece, e isso Lugones chama de interseccionalidade. A interseccionalidade é o ponto cego dos grupos minoritários, aquele ponto que não é visto pelas lutas sociais, mas sofre por diversos atravessamentos identitários, nesse caso a mulher negra (LUGONES, 2008).

Então, ao pensar em interseccionalidade devemos pensar qual é esse lugar das mulheres negra, quais as repressões que elas sofrem, quais são os seus desejos e suas necessidades e o porquê desse apagamento. Muitos movimentos feministas demarcaram os aspectos sobre raça para falar sobre a mulher negra, pois enquanto as mulheres brancas estavam lutando pela oportunidade de trabalhar como os homens, as mulheres negras já realizavam esse trabalho, um trabalho pesado, sofrido e sem muitas recompensas. Como citado abaixo:

En el desarrollo de los feminismos del siglo XX, no se hicieron explícitas las conexiones entre el género, la clase, y la heterosexualidad como racializados. Ese feminismo enfocó su lucha, y sus formas de conocer y teorizar, en contra de una caracterización de las mujeres como frágiles, débiles tanto corporal como mentalmente, recludas al espacio privado, y como sexualmente pasivas. Pero no explicitó la relación entre estas características y la raza, ya que solamente construyen a la mujer blanca y burguesa (LUGONES, 2008).

Com isso, foi percebido pelas mulheres negras que as suas vozes não estavam sendo representadas pelas mulheres brancas, que suas lutas eram diferentes, logo, elas precisavam lutar por elas mesmas.

Muitas discussões acerca do tema interseccionalidade gira em torno da ideia de que esse conceito significa a soma de fatores identitários que geram uma submissão cada vez maior perante o poder. Essa ideia não cabe no conceito de interseccionalidade, pois como cita Akotirene (2019) a interseccionalidade busca ferramentas teórico metodológicas que dê luz aos impactos do racismo, machismo e heteropatriarcado causados nas mulheres negras. E deve-se tomar cuidado com a utilização desse conceito devido ao risco do esvaziamento da questão de raça nesse somatório de questões identitárias, podendo permitir o uso do termo por uma mulher branca, LBGTi+ ou deficiente, anulando a questão do racismo e fazendo com que o conceito perca o total sentido.

De acordo com Akotirene (2019) não existe hierarquia de opressão, visto que identidades sobressaltam os olhos ocidentais. Portanto, interseccionalidade diz sobre o que faremos com a matriz de opressão que determina os padrões identitários existenciais. Através

da mulher não branca podemos ver todos os atravessamentos identitários que fogem dos padrões impostos pela colonialidade, e a partir desse olhar podemos talvez encontrar uma saída. Porque ainda que acabássemos com toda forma de opressão menos o racismo e/ou machismo as mulheres negras continuariam sendo atravessadas. Ou seja, não há liberdade e descolonização se não pela mulher negra, se não passarmos por este ponto dificilmente alcançaremos o que é buscado pela decolonialidade e/ou contra-colonialidade, termo que será desenvolvido no capítulo seguinte junto a um debate sobre sua relação com a arte.

5.3 CONTRA COLONIZAÇÃO – A arte como ferramenta de resistência nas juventudes periféricas

O lugar da arte nesse trabalho parte do movimento social, o movimento de um povo/comunidade que com o objetivo na mudança social promovem eventos, atividades ou ações locais pelo caminho artístico para o alcance dos seus desejos ou necessidades. A arte é entendida como um motivo que une as pessoas e as mantém juntas para que a partir disso possam lutar por um objetivo comum, produzindo potencialidades a partir do lúdico, daquilo que não está presente de maneira comum no dia a dia e por isso pode produzir efeitos inesperados.

De acordo com Melucci (1999), os movimentos sociais podem ser definidos como ações coletivas realizadas com base na solidariedade, que desenvolvem conflitos e rompem com os sistemas em que estão inseridos. Com base nessa definição percebemos que as experiências em comum contribuem para que os sujeitos inseridos em movimentos sociais se solidarizem uns com os outros, pois ambos conseguem compreender e se sensibilizar com a vivência do outro e assim lutarem por uma mesma causa.

Esse movimento popular em torno da arte pode ser entendida como uma contra-colonização, termo que é utilizado pelo pensador quilombola Nêgo Bispo para falar desse lugar da inquietação, da busca pela resolução dos problemas e da resistência aos padrões colonialistas. O termo contra-colonialidade está para além da ideia de decolonial, pois o decolonial está para dar consciência e se encontra ainda em um âmbito muito teórico, enquanto a contra-colonialidade está para dar consciência e lutar contra as opressões da colonialidade presentes no dia a dia dos povos oprimidos de uma maneira mais prática, através de ações e práticas dos próprios povos oprimidos. Essa contra colonialidade pode ser lida por diversas formas de resistência e luta dos povos não brancos, sejam elas políticas, sociais, artísticas e/ou culturais (SANTOS, 2019).

O autor e pensador quilombola Antônio Bispo durante uma roda de conversa realizada pelo PPG-EICOS da UFRJ¹¹, utilizou um exemplo para explicar a contra-colonialidade. Ele falou sobre os bois/as vacas e a maneira em que são postos a trabalhar sem nenhuma necessidade própria, pois estes animais têm a sua comida em qualquer pasto que esteja, mas o dono da fazenda os coloca para trabalhar ainda assim e só dá a comida para eles após os mesmos concluírem o trabalho, carregando cargas e no caso das vacas também dando leite. Se dentro desse processo houvesse um movimento decolonial, os defensores dos animais chegariam nessas fazendas e simplesmente fariam para os bois e as vacas toda a verdade, que eles não precisam daquele trabalho, que eles poderiam encontrar comida em qualquer outro lugar e que o que os fazendeiros estão fazendo ali é explorar a mão de obra deles. Enquanto, se ao invés do movimento decolonial houvesse um movimento contra-colonial, os próprios bois/vacas criariam estratégias contra os trabalhos colocados pelos fazendeiros, fugiriam das limitações dos pastos e viveriam livres, longe do processo de exploração.

Para ficar mais detalhado esses processos é só pensarmos nos bois/vacas como a população não branca ocidental, a população oprimida e explorada, pensar nas suas ações de desamarras e libertação como contra-colonização e pensar nos fazendeiros como os colonizadores ou poderes atravessadores dos padrões coloniais. Sendo assim, alguns movimentos artísticos sociais/comunitários podem estar nesse lugar da contra colonização para diminuir ou acabar (talvez se possível) com os efeitos da colonização nos indivíduos e descolonizar os corpos. Essas questões ainda estão em reflexão nos estudos teóricos e poderão ser melhor desenvolvidas a partir da pesquisa de campo e das análises junto aos participantes.

Em sua teoria Antônio Bispo vai discutindo os impulsionamentos que levaram os colonizadores a acreditarem/imporem a sua autoridade e a detenção do poder sobre os outros povos. Para isso, o mesmo utiliza de documentos históricos que marcaram o processo de colonização no Brasil, a religiosidade, crenças e práticas que permeiam até hoje os povos colonizadores. Podemos destacar aqui a Bula Papal do Papa Nicolau V do século XV (SANTOS, 2019 p. 21 *apud* SILVA, 2006):

Nós [...] concedemos livre e ampla licença ao rei Afonso para invadir, perseguir, capturar, derrotar e submeter todos os sarracenos e quaisquer pagãos e outros inimigos de Cristo onde quer que estejam seus reinos [...] e propriedades e reduzi-los à escravidão perpétua e tomar para si e seus sucessores seus reinos [...] e propriedades” (Bula “Romanus Pontifex”, Papa Nicolau V, 08 de janeiro de 1455).

¹¹ Roda de conversa do II Encontro intergrupos: Narrativas de contracolonialidade com Antônio Bispo dos Santos, evento realizado no dia 10 de junho de 2019 pelos Grupo de Estudos e Pesquisa: Laboratório Memórias, Territórios e Ocupações: Rastros Sensíveis – LabMEMS/UFRJ; Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur – Geasur/UNIRIO; Grupo de Estudos e Pesquisa Formação de Professora/es, Currículo e Pedagogias Decoloniais – GFPPD/UNIRIO.

Ou seja, essa Bula “autoriza” aos povos colonizadores brancos, cristãos, monoteístas, a detenção do poder sobre os outros, suas terras e seus produtos, colocando todos aqueles que possuem diferentes crenças e culturas em um lugar de subserviência, o lugar do não humano. Assim como vários versículos e passagem bíblicas¹² que tiveram grande importância no processo da escravidão, legitimando a verticalização dos povos, os castigos daqueles que não obedecem aos seus senhores, a demonização de outras crenças e culturas (SANTOS, 2019).

Através dos posicionamentos dessa crença cristã monoteísta um desenho dos perfis e comportamentos dos povos colonizadores ou dos povos que reproduzem os padrões coloniais vão sendo demarcados nas ações cotidianas e nas manifestações das comunidades. Nêgo Bispo relaciona a questão da religiosidade cristã monoteísta com um jurado em um fórum de justiça comum:

Ao frequentarmos um culto em um templo cristão monoteísta (um jurado em um fórum da justiça comum), podemos verificar todos os fiéis (cidadãos) postados verticalmente de frente ao altar (Tribuna do Júri), onde um pregador (Juiz) que possui status para falar em nome de Deus (da Justiça) fala das normas estáticas escritas na Bíblia (Código Legal), cobra dos fiéis (cidadãos) comportamentos e ações voltadas para a vontade de Deus (Justiça), avisa que Deus (Justiça) punirá os desobedientes e por fim anuncia as possíveis sentenças. Porém em nome de Deus (Justiça) abre oportunidades para que os pecadores (réus) recorram aos santos (advogados) e, através de doações generosas (honorários), interfiram perante Deus (Justiça) pela a sua salvação (absolvição) (SANTOS, 2019 p. 30).

Nos terreiros dos povos pagãos politeístas (nas festas), as filhas e filhos de santo (pessoas da comunidade) se organizam circularmente no centro do terreiro (salão de festas), juntamente com a mãe ou pai de santo (animadora ou animador da festa) através de quem as deusas e deuses se manifestam, compartilhando a sabedoria da ancestralidade e a força viva da natureza, de acordo com a situação de cada pessoa da comunidade (SANTOS, 2019 p. 30).

Assim como o trabalho, que é visto para esses povos como um castigo¹³, criado por Deus para castigar o pecado dos homens, portanto a dificuldade para conseguir o pão de cada dia é algo “justificável”. E por não ver o seu Deus de maneira materializada, muitas vezes estes povos se submetem a outros senhores que desempenham o papel de coordenação do trabalho,

¹² Me refiro aos versículos: MATEUS 10:24, LUCAS 12:47 e 48, COLONESSES 3:22, MATEUS 24:45, TIMÓTEO 6:1, TITO 2:9, GÊNESIS 16:7, e entre outros que são citados por Bispo no livro Colonização, Quilombos: modos e significações (2019).

¹³ De acordo com o versículo (GÊNESIS [3] 17).

o papel do castigador. Enquanto nas religiões de matriz afro-pindorâmicas¹⁴, a terra não é amaldiçoada, é uma deusa, não existe pecado, mas sim uma força vital que integra todas as coisas e, as relações dessas pessoas com a terra, por interagirem com os deuses e deusas materializados nos elementos da natureza, se concretiza em condições de vida (SANTOS, 2019).

E ainda as manifestações culturais dos povos eurocristãos monoteístas são realizadas em estruturas vertical, com regras estáticas e pré-definidas, limitação de participantes através de características classificatórias, onde o “talento” individual é levado em consideração ao invés do trabalho da equipe e possui juízes na condução das atividades que geram um permanente estado de competitividade. Enquanto as manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas em estruturas circulares, com participantes diversos e de número ilimitado, possuem mestres e mestras na condução das atividades, as pessoas que vão para assistir podem participar e no final o quem será reconhecida pelo sucesso é a própria manifestação se for realizada de forma integrada, do individual para o coletivo (SANTOS, 2019).

Com base na minha vivência como artista e instrutor de circo-teatro, formado através de iniciativas comunitárias voltadas às ações socioculturais e participante de diversas iniciativas e eventos artísticos, faço aqui uma análise de como esses movimentos artísticos de formação/difusão se aproximam do perfil e dos comportamentos dos povos afro-pindorâmicos, pagãos, politeístas, descrito por Nêgo Bispo. Comumente as atividades artísticas nesses movimentos sempre acontecem em rodas, ainda que a roda não se mantenha em toda a atividade ela vem surgindo em diversos momentos. Os saberes são passados por mestres e mestras e ultrapassam as técnicas artísticas, sendo carregados de ensinamentos sobre a vida. A subjetividade, a expressão de sentimentos e a sensação de bem-estar são mais valorizadas do que o fazer certo. E a cooperação, o trabalho em grupo de forma horizontal é necessário para a realização das atividades.

O artigo “Periferias (in)visíveis: o território-vivo da Brasilândia na perspectiva de jovens moradores” demonstra que jovens periféricos inseridos em coletivos culturais, através da arte e do contato com a cultura, conseguem romper fronteiras e limitações colocadas pela sociedade, desconstruem estigmas e tornam possível o reconhecimento e a ocupação de novos espaços (TAKEITI; VICENTIN 2017). Dessa forma, percebe-se que a arte é capaz de colocar o indivíduo num lugar de inquietação, para que ele possa ir em busca dos seus direitos e da

¹⁴ Afro-pindorâmico é o termo utilizado por Antônio Bispo para nomear os povos brasileiros que são oprimidos pelo padrão colonial.

resolução daquilo que o incomoda. E novamente, se compararmos essas ações a ideia de contra-colonização podemos dizer que a arte em movimentos socioculturais pode ser uma possível ferramenta para as desamarras dos padrões coloniais e a busca pela descolonização dos corpos.

Ao falar sobre essa perspectiva de movimentos contra-coloniais através da arte e iniciativas culturais promovidas pela juventude periférica, vai se formando a questão “que juventude é esta?”.

Bourdieu (1983) nos propõe uma visão crítica para se pensar o conceito de juventude. Para ele existem estudos das ciências sociais que tendem a querer unificar a ideia do que é ser jovem, apontar comportamentos, desejos e padrões que sejam similares. Todas essas ideias de similaridade vão dando forma a uma “cultura juvenil” unitária. E o fato desses estudos unirem tantos interesses comuns e relacionar esses interesses a uma faixa etária constitui uma categoria socialmente manipulada e manipulável.

O autor ainda chama atenção para a divisão entre jovens e velhos, na qual são determinados pelos comportamentos e tarefas “adequados” para cada uma dessas categorias, nessa determinação são concedidas coisas aos jovens que fazem com que eles deixem em contrapartida muito mais coisas aos mais velhos. A forma que essa estrutura se organiza trata-se de uma divisão de poder, assim como é encontrado nas relações de gênero. Fica a cargo de cada um agir do modo que o seu “poder” permite, fazendo apenas aquilo que lhe é determinado, se colocando “no seu lugar” (BOURDIEU, 1983).

Seguindo essa perspectiva crítica, Pais (1990) discorre sobre o conceito de juventude como uma construção sociológica, na qual algumas problemáticas relacionadas a empregabilidade, aquisição da casa própria e constituição da família são colocadas como problemática da juventude, ignorando a existência de todo um padrão imposto por circunstâncias sociais, econômicas e políticas que vão desenhando esses modos/obrigações do ser jovem e atrelando isso apenas a essa fase da vida, sem questionar o quanto os jovens identificam esses problemas como seus ou o quanto atrelam estas questões a fase da vida na qual se encontram.

Numa busca de um outro modo de se pensar esta categoria, Pais (op. Cit.) propõe que a juventude seja olhada a partir de dois pontos: o de uma aparente unidade, relacionada a fase da vida e o da diversidade, no qual são levados em considerações todos os atravessamentos sociais que diferencia um jovem do outro. É necessário que ao se abordar sobre juventude entenda que muitas vezes diversas ideias são encapsuladas no mesmo conceito, portanto é importante deixar uma ideia “central” sobre juventude de lado e pensar a partir de uma análise dos modos de vida dos jovens, tomando como base suas relações cotidianas.

Ao tratar de juventude periférica Takeiti e Vicentin (2019) chamam atenção para as definições homogeneizadas e estereotipadas que relacionam esta juventude à violência ou ao lugar de vítima, associando-a os aspectos juventude-pobreza-violência e produzindo um imaginário de “classe perigosa”. Em contraponto a estas perspectivas as autoras propõem pensar o território da periferia como um território existencial, partindo de representações desse espaço para além da ordem geográfica, abarcando também outras ordens, políticas, sociais, afetivas históricas, culturais, de pertencimento e reconhecimento. Levando em consideração estas outras ordens, o território da periferia passa a ser visto como um lugar de diversidade, diferenças e produção de subjetividades múltiplas.

Portanto, as juventudes deste território vão produzindo as suas subjetividades dentro dessa multiplicidade e também através de modos de existência/resistência. Isso pode ser percebido quando ao descrever o território o jovem também cria um ponto de partida para contar as suas histórias, as narrativas estão atravessadas e se encontram em meio aos afetos, violências e produções diversas que foi construída em conjunto. O território passa a constituir um lugar para além de moradia e pertencimento e se localizar num lugar de produção de subjetividades inventivas, de desenhar o modo que esses jovens são e estão no mundo (TAKEITI; VICENTIN, 2019).

A partir destes olhares críticos sobre a juventude, este trabalho compreende a juventude periférica a partir de um lugar de diversidade e singularidade, no qual similaridades podem se encontrar através das iniciativas artísticas e possíveis posicionamentos/movimentos contra-coloniais, neles as identidades podem até se juntar e multiplicar, mas não se confundem.

4. METODOLOGIA

Esta metodologia é de abordagem qualitativa e tem suas bases na ideia de Fals Borda com a Investigação Ação-Participante (IAP). A IAP é uma metodologia que busca uma construção popular da ciência, levando em consideração saberes tradicionais e de bases comunitárias e, exige uma forte demanda ética e compromisso social do pesquisador. Através da IAP, as pesquisas buscam ir além das teorias, é desenvolvido no campo ações práticas para a resolução de problemas cotidianos. Nesta metodologia o pesquisador deve agir de um modo “sentipensante”, no qual o racional e o emocional se unem, a cabeça e o coração vão se envolvendo e seguindo os caminhos da pesquisa, comprometendo-se com os participantes e suas causas. Outro aspecto principal da IAP é que todo o processo metodológico deve ser

realizado em colaboração com os participantes do campo da pesquisa, de maneira horizontal e mais igualitária possível (FALS BORDA, 2014).

A IAP é dividida em algumas etapas, de acordo com Fals Borda (2014) essas etapas passam pela inserção do campo e o estudo-ação. A inserção é o momento de entrada no campo, momento em que o pesquisador irá identificar as demandas daquele grupo com o qual irá realizar a pesquisa. E o estudo-ação é o momento em que o pesquisador junto com o grupo participante irão pensar sobre as demandas levantadas, discutir essas demandas de acordo com diversas teorias e então, construir ou reconstruir técnicas de intervenção e aplicá-las.

Ao partir para o campo e iniciar a inserção/investigação o pesquisador deve abandonar as teorias e abandonar a ideia de ciência especializada, em que cada área irá se voltar para uma parte da vida ou uma parte do indivíduo (FALS BORDA, 2014). Esse é um dos pontos que contrapõe a ciência tradicional, ciência onde o mundo é dividido em categorias que se complementam, estando cada coisa na sua área. Quando no cotidiano as realidades são outras, o mundo não é dividido por categorias que se complementam, mas sim, por elementos, fatores, causas e efeitos que se cruzam e se interpõem o tempo inteiro, que se afetam e tornam as realidades complexas e singulares. Não cabendo a nenhuma pesquisa ou teoria criar uma ideia de totalidade ou de verdade absoluta.

Cabe ao pesquisador também, no momento da inserção/investigação estar disposto a repensar teorias (FALS BORDA, 2014). E o “repensar teorias” não diz somente sobre criticarmos teorias das quais previamente já não concordamos ou temos alguma aversão, mas diz sobre estar disposto a discordar do seu próprio referencial teórico utilizado muitas vezes previamente na pesquisa a depender de quais sejam os elementos ou respostas que surgirem no campo. Com isso, evitamos ou tentamos evitar o fato de irmos para o campo “cegamente” com uma teoria, na tentativa de vê-la na prática e acabarmos anulando vários outros elementos ou potências devido ao nosso desejo. É como ir para o campo “de peito aberto”, deixar um pouco de lado o ego e as exigências “academicistas” e estar disposto a construir coisas novas.

Fals Borda (2014) cita algumas ferramentas que foram e que podem ser utilizadas na etapa da inserção/investigação. Uma delas é chamada de recuperação crítica e busca identificar junto ao grupo ferramentas e estratégias que já foram usadas pelas gerações anteriores para lidar com outros conflitos ou lutas. É importante identificar a identidade e história do grupo e perceber junto com eles o quanto isso pode ser importante e pode ser aproveitado na atualidade.

Se hace recuperación crítica cuando, a partir de una información histórica y de un reconocimiento de corte seccional adecuado, los observadores-militantes llegan a las comunidades para estudiar y aprender críticamente de la base cultural tradicional, prestando atención preferente a aquellos elementos o instituciones que han sido útiles

para enfrentarse, en el pasado, a lo enemigos de las clases explotadas. Una vez determinados esos elementos, se procede a reactivarlos para utilizarlos de manera similar en las luchas de clases actuales (FALS BORDA, 2014).

É válido alertar que nada vale a aplicação das técnicas da IAP se não houver o comprometimento social e a busca por transformação por parte do pesquisador. O interesse pela luta e justiça das populações oprimidas são fatores essenciais para Fals Borda.

Após a inserção/investigação vem a etapa de estudo-ação. Nesta etapa, pesquisador e colaboradores “sentam” para discutir aquilo que foi identificado na etapa anterior através de teorias, lembrando que essas teorias não significam necessariamente aquelas de “grandes autores” ou teorias “academicistas”, mas esse também é um momento de valorização do saber popular, da leitura com os indivíduos a respeito da própria realidade que vivem. Nesse momento deve ser levantado os problemas das ciências e das suas teorias, deve ser reconhecido até onde elas alcançam, a nível de atuação social, e possíveis saídas para as suas limitações. No estudo-ação os colaboradores poderão desenvolver um olhar mais observador e crítico sobre a sua realidade, suas problemáticas e ainda desenvolver e/ou melhorar as ferramentas de transformação que poderão ser utilizadas para ação da pesquisa (FALS BORDA, 2014).

Nessa metodologia, o campo não deve estar no lugar de interesse do pesquisador, o lugar de busca de informações para matar curiosidades, mas passa a ser um lugar de investigação e construção de possibilidades junto e para as comunidades e grupos. E, também, não há uma ideia de tábula rasa, o pesquisador assume que já vai para o campo com ideias básicas, motivações e ferramentas prévias, ainda que essas possam ser desconstruídas e alteradas, o pesquisador não pode ser alguém distante daquela realidade que irá olhar de fora o funcionamento daquela comunidade, dotado de verdades e conhecimentos, como já citado acima, o pesquisador deve estar junto à comunidade, pensando e construindo toda a pesquisa de maneira colaborativa.

Fals Borda (2014) aponta algumas questões a respeito da ética e do compromisso do pesquisador que deseja realizar uma pesquisa colaborativa de transformação social. Para isso, o trabalho precisa ser concebido diretamente com o(s) grupo(s) participante(s); a produção técnica e intelectual é voltada para o(s) grupo(s) e suas necessidades, deixando o pesquisador seus conhecimentos e técnicas a disposição do(s) grupo(s) para ser utilizadas na intenção de impulsionar o movimento de transformação; utilizando linguagens de fácil entendimento do grupo para que eles possam se apropriar e aproveitar daquilo que foi produzido, abandonando o modos incoerentes de pesquisa no qual o suposto pesquisador expropria todo o saber do grupo/comunidade e o traduz numa linguagem “técnica” que de nada serve para os

participantes, e ainda, reduzindo toda a pesquisa apenas a sua visão, ignorando todos os participantes. Portanto, todo o conhecimento criado deve ser revertido ao próprio grupo que o forneceu.

Balcazar (2003) cita alguns pontos que podem ser utilizados nas pesquisas para avaliar a proximidade com o modo de fazer pesquisa em Investigação Ação-Participante, categorizando-as em baixa, média e alta proximidade. A proximidade com a IAP é medida através do: grau de controle que os indivíduos têm sobre o processo de investigação-ação; grau de colaboração nas tomadas de decisões a respeito da pesquisa entre o pesquisador e os participantes; e, grau de compromisso dos participantes da comunidade e do pesquisador com a transformação social. Quanto mais alto for a presença do controle compartilhado, da colaboração e do compromisso, mais próximo a pesquisa está do que propõe a IAP, como exemplifica a tabela abaixo:

Figura 07. Tabela medidora de compromisso da pesquisa com a IAP.

Nivel de IAP	Grado de Control	Grado de Colaboración	Grado de Compromiso
NO IAP	Sujetos de Investigación ain Control	Mínimo	Ninguno
Bajo	Capacidad de dar retro-alimentación	Comité de consejeros	Minimo
Medio	Responsabilidad por supervisión y Assistência a las reuniones del equipo	Consejeros, Consultores, Veedores con Contrato	Varios compromisos y sentido de pertenencia en el proceso
Alto	Socios igualitarios, o líderes con capacidad de contratar a los investigadores	Investigadores activos o líderes de la investigación	Compromiso total y sentido de propiedad del proceso de investigación

Fonte: reproduzida do artigo “Investigación acción participativa (iap): Aspectos conceptuales y dificultades de implementación” escrito por Fabricio E. Balcazar (2003).

Seguindo o método da IAP, esta pesquisa, sob a perspectiva e natureza qualitativa, pretende-se, mais do que um conjunto técnico, possibilitar o deslocamento da produção e uso do conhecimento, fugir de um lugar de produção de verdades distante das realidades sociais e se colocar num lugar de produção de múltiplos saberes e produção de conhecimentos que estejam de acordo com vivências de mundos reais. A escolha desse caminho surge de uma inquietação a partir das incongruências presentes em leituras e discussões acadêmicas acerca

da vida prática, seus problemas e suas resoluções, assim como a precarização do olhar para as potencialidades de alguns grupos sociais, vendo estes apenas como uma “problemática social”.

Fals Borda (2014) cita que neste método se busca o equilíbrio entre reflexão constante e práticas diárias. Todos os participantes devem ser observadores-militantes, ou seja, devem estar no campo atentos a todas as questões teórico-práticas, vendo-as e analisando-as de maneira crítica. Por isso, a todo tempo haverá uma troca de ideias entre o pesquisador e o participante, seja a respeito das questões artísticas ou através delas para compartilhar teorias, modos de ver o mundo e leituras a respeito das questões sociais.

A partir deste contexto apresentado sobre o desenho de pesquisa, esta, será realizada com o “Cultura Zona Oeste”, coletivo de jovens engajados com as questões sociais e que utilizam de linguagens artísticas nas suas atividades. O campo da pesquisa será localizado no bairro Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro – RJ.

O Cultura Zona Oeste é um grupo criado e organizado por jovens que se comprometem com questões acerca do racismo, questões de gênero e sexualidade, políticas públicas e a questão do acesso a atividades e bens culturais.

O coletivo possui uma equipe de coordenadores e líderes, em sua maioria jovens com idades entre 19 e 21 anos, que buscam através dos seus trabalhos modificar a realidade local. A maior parte das pessoas que estão à frente do coletivo estão no processo de graduação em universidades públicas e privadas. O Cultura Zona Oeste oferece aulas de dança e de teatro, além disso, promovem diversos eventos e ações em Campo Grande para movimentar e debater a cultura e suas vertentes na sociedade. Os participantes das aulas oferecidas pelo coletivo possuem idade entre 16 e 24 anos.

Esta pesquisa está de acordo com os aspectos éticos das Resoluções 466/12 e 510/16, que são resoluções do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Os prováveis riscos envolvidos na participação deste estudo foram de: exposição dos participantes a questionamentos que podiam gerar incômodo e fazer com que revivessem sentimentos desconfortantes. Para minimizar esses riscos, foi informado aos participantes que podiam interromper a conversa e/ou desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (CEP-CFCH) e possui o CAAE: 26358719.7.0000.5582. Após a finalização do estudo, uma cópia da dissertação será entregue aos organizadores do coletivo e os dados serão divulgados. Será marcado um encontro com os participantes para apresentação dos resultados da pesquisa através de rodas de conversas. Os dados ficarão de posse do pesquisador por 5 anos e após este período serão excluídos.

4.1 CAMINHOS E ENVOLVIMENTOS METODOLÓGICOS

Pretendemos aqui apresentar o processo criativo, construído com o coletivo de jovens do Coletivo Cultura Zona Oeste enquanto estratégia metodológica, tendo a produção de vídeos como a principal ferramenta apoiada nas redes sociais e de comunicação, como os aplicativos de conversa WhatsApp®, o canal do Youtube e as plataformas de videoconferências Zoom e Google Meet como suportes para a realização da pesquisa.

O ano de 2020 nos impôs diversas mudanças na forma de viver, alterando significativamente nossas mobilidades urbanas onde a utilização de ferramentas digitais passou a fazer parte do cotidiano marcado pela pandemia da covid-19. Estas mudanças exigiram da pesquisa uma curva na aplicação da metodologia, transformando todo o planejamento que aconteceria presencialmente em atividades online, ou seja, o campo empírico da pesquisa foi desenvolvido à distância, utilizando os recursos das mídias sociais como ferramenta metodológica. Para além do desafio de alterar a metodologia, um outro fator esteve presente nessa mudança - o desafio de manter as implicações éticas-teóricas que orientavam a pesquisa, implicações que visavam uma pesquisa engajada com os participantes e as suas ações, realizada de maneira conjunta/compartilhada e a disposição deles. As apostas inicialmente eram de realizar uma pesquisa sob às bases teórico-metodológicas da investigação-ação-participante (IAP), conforme propõe Fals Borda (2014).

Na proposta anterior as ações metodológicas, estavam previstos 06 encontros semanais presenciais, nos quais seriam realizadas oficinas de circo-teatro e rodas de conversas com os jovens participantes do Coletivo Cultura Zona Oeste. Para a transformação dessas ações presenciais em ações online foram necessários dois encontros por meio de chamada de vídeo, visto que a proposta, desde o início, era a de que esta pesquisa, de cunho participativa, contribuísse, de algum modo, com as reflexões e ações empreendidas pelo Coletivo. A seguir, descreveremos como tais ações do campo da pesquisa foram sendo desenvolvidas, suas etapas, os contatos com os jovens, as produções estéticas bem como as reflexões prático-teóricas realizadas com este grupo.

RETOMADA DE CONTATO: mantive contato com os líderes do coletivo através do WhatsApp® para informar sobre o desejo de dar início à pesquisa de campo. A partir desses contatos decidimos marcar uma reunião online por meio da plataforma do Google Meet, para alinharmos as ideias juntos.

01 – Apresentando a proposta e compartilhando ideias: neste encontro, estiveram presentes além de mim, duas outras organizadoras do coletivo. Inicialmente, fiz a apresentação

da proposta da metodologia da pesquisa para conversarmos e adequarmos ao formato que atendesse também as necessidades dos jovens. A proposta metodológica se sustentava em dois eixos: o primeiro num compartilhamento e debate sobre temas teóricos propostos pelo pesquisador, em seguida, as produções artísticas produzidas pelos participantes. Além disso, conversamos também sobre as condições em que se encontravam os jovens participantes do coletivo e os líderes diante dos efeitos da pandemia¹⁵. Depois de várias conversas realizadas com o grupo, acordou-se que as informações sobre as ações metodológicas da pesquisa seriam repassadas para os outros responsáveis do coletivo que não haviam participado da reunião, e também, seria mantido o contato com os monitores e jovens do projeto para que os responsáveis pelo coletivo pudessem ter uma noção maior de como estava a situação de todos em relação a saúde, às questões financeiras, ao acesso à internet e etc., podendo, desta forma, construir, de forma compartilhada, os caminhos da pesquisa.

02 – Mobilizando os jovens da pesquisa: no segundo encontro, todos os responsáveis pelo coletivo já estavam informados e cientes das ações bem como realizado um mapeamento das condições dos participantes do coletivo, quanto ao acesso à internet, às questões de saúde mental e a motivação para participar das atividades da pesquisa. Nesta reunião, conversamos sobre qual seria a tarefa e chegamos a conclusão da necessidade de mobilização dos monitores-professores das oficinas de dança e teatro do coletivo para que eles compreendessem e se envolvessem com a pesquisa e, assim, pudessem contribuir na mobilização dos jovens do projeto e na realização das próximas etapas, visto que, nesse período, eles eram os que estavam com um maior contato com estes jovens através de oficinas online de dança e teatro.

CRIAÇÃO DO GRUPO DE ORGANIZAÇÃO: Para a mobilização dos monitores, criamos um grupo no WhatsApp® com eles, os líderes do coletivo e eu, e, através deste dispositivo, foram então partilhadas as ações metodológicas, os objetivos da pesquisa e

¹⁵ Em meio a essas reuniões, ligações e conversas, pude perceber o quanto os líderes do coletivo Cultura Zona Oeste foram se envolvendo em outras ações de iniciativas comunitárias para prevenir e combater os danos causados pela Covid-19 nos moradores da Zona Oeste do Rio de Janeiro-RJ. Várias ações estavam sendo realizadas como a distribuição de alimentos, de produtos de higiene e também campanhas de conscientização e prevenção a Covid-19 nos bairros. Uma das iniciativas que se destacou foi a União Coletiva pela Zona Oeste (UC Zona Oeste), uma união entre todos os coletivos da Zona Oeste do Rio de Janeiro-RJ que antes eram focados em causas específicas (arte, cultura, educação, gênero, sexualidade, política) e que se voltaram para lidar com os problemas causados pela pandemia. Uma das ações que pude realizar junto a UC Zona Oeste foi a inscrição da iniciativa no chamamento da plataforma Benfeitoria a “Matchfunding Enfrente”, no qual a cada R\$1 doado para os projetos à Benfeitoria, os parceiros dos projetos colocava mais R\$2, triplicando assim o valor até o limite de R\$30mil. Os projetos inscritos precisavam passar por uma avaliação para então serem selecionados e a iniciativa da União Coletiva pela Zona Oeste foi uma das iniciativas aprovadas e pode alcançar a meta de R\$30mil, ampliando as suas ações e atendendo a população da Zona Oeste de maneira eficaz.

conversamos para tirar dúvidas e ouvir sugestões. Após todas as conversas, pensamos em como divulgar a pesquisa para os alunos (jovens participantes do projeto) e definir também as melhores formas de aplicação das atividades e ações metodológicas. Ficou decidido então que os próprios líderes do coletivo iriam informar, de maneira prévia, aos alunos (jovens participantes do projeto) sobre a pesquisa, compartilhando um texto elaborado por mim e, também, respondendo a questionamentos deles, aqueles que apresentassem interesse em participar seriam adicionados a um outro grupo - o grupo de realização das ações. Abaixo estão algumas perguntas e respostas que encaminhei aos líderes do coletivo para facilitar a apresentação introdutória da pesquisa para os alunos:

O que é a pesquisa?

Uma pesquisa de mestrado realizada juntamente ao Coletivo Cultura Zona Oeste sobre produção artística nas regiões periféricas da cidade do Rio de Janeiro, que busca identificar os potenciais dessas ações nas mudanças sociais. O título atual da pesquisa é “A descolonização do corpo através da arte: um estudo da psicossociologia com jovens urbanos periféricos”. O tema central da pesquisa passa pela discussão de raça/racismo, mas também são discutidas questões de gênero/sexualidade e outros atravessamentos sociais.

Quem é o responsável?

Jean Fontes, psicólogo mestrando em psicossociologia de comunidades e artista de circo-teatro.

Como acontecerá?

Iremos realizar encontros on-line onde os participantes serão convidados a produzirem vídeos artísticos com poesias, músicas, dança ou interpretação teatral sobre os temas que serão levantados na pesquisa.

Cada encontro terá um tema específico e os participantes terão uma semana para gravarem os vídeos, na semana seguinte iremos debater sobre o processo de criação dos vídeos e algumas teorias sobre o tema levantado.

Todo esse processo pode ser modificado e adequado a depender das necessidades dos participantes.

Qual a quantidade de encontros?

Serão em torno de 06 a 07 encontros online.

Quem pode participar?

Alunos, monitores e responsáveis pelo Cultura Zona Oeste.

GRUPO DE REALIZAÇÃO DAS AÇÕES: após todo o processo de divulgação por parte dos líderes e monitores do coletivo, criamos o grupo de ações da pesquisa, onde apresentei mais uma vez aos jovens participantes do projeto a pesquisa e quais seriam as atividades a serem desenvolvidas, informei sobre a assinatura dos registros de consentimento/assentimento livre e

esclarecido e combinamos o dia e horário para o encontro virtual semanal, levando em consideração a disponibilidade de todos estarem online no grupo.

MENSAGEM DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E AS ATIVIDADES QUE FORAM DESENVOLVIDAS NO GRUPO

“Olá, pessoal!

Me chamo Jean Fontes, sou mestrando em psicossociologia e artista de circo-teatro.

A pesquisa que realizaremos é sobre produção artística nas regiões periféricas da cidade do Rio de Janeiro e busca identificar os potenciais dessas ações nas mudanças sociais.

Os temas centrais da pesquisa passam pela discussão de raça/racismo, gênero/sexualidade e outros atravessamentos sociais.

Como vai funcionar:

Após preencherem o formulário de aceitação de participação, iremos decidir um dia e um horário para estarmos todos juntos no grupo para conversar sobre esses temas (raça, gênero, sexualidade e sociedade). A proposta é que eu mande um vídeo falando sobre essas questões, vocês assistam e depois a gente converse sobre.

No mesmo dia da nossa conversa, eu colocarei um tema no qual vocês precisarão produzir um vídeo artístico sobre ele (com dança, teatro, poesia e etc). O prazo máximo para envio do vídeo é de uma semana, mas quem for produzindo pode ir enviando!

Serão 6 temas, então essas atividades se repetirão por 6 semanas.

Estarei por aqui o tempo todo junto aos monitores para tirar dúvidas sobre a pesquisa e também auxiliar no processo de produção dos vídeos.”

MENSAGEM DE INFORMAÇÃO E SOLICITAÇÃO PARA O PREENCHIMENTO DOS REGISTROS DE CONSENTIMENTO E ASSENTIMENTO

“Coloquei na descrição do grupo o 1º passo para participar da pesquisa, que é preencher os formulários de participação.

Participantes maiores de idade devem ler e preencher esse documento:
RCLE: <https://forms.gle/8AWQPC7WenRQUsex8>

Os responsáveis por participantes menores de idade, devem ler e preencher este documento:
RCLE: <https://forms.gle/WqprWApqzjhzwhPg8>

Participantes menores de idade devem ler e preencher este documento:
RALE: <https://forms.gle/nCzAD5FyGqtCbMQJ6>

Vamos tentar preenchê-los até amanhã. Qualquer dúvida, podem perguntar!”

Toda a proposta de elaboração dos vídeos por parte do pesquisador tinha objetivos bem concretos voltados para o compartilhamento do saber e a promoção de discussão de teorias que,

de alguma forma, dialogavam com as realidades sociais-identitárias dos participantes e também do pesquisador, tratando de questões étnicas/raciais, de gênero/sexualidade e outros atravessamentos sociais que atingem a população latino-americana. Este compartilhamento não tinha a intenção de estabelecer verdades únicas, mas provocar nos jovens reflexões a partir das experiências vividas no cotidiano da zona oeste e contribuísse para a tomada de decisões para ações possíveis neste território.

A inserção de temas que versaram as perspectivas de colonialidade, decolonialidade e contra-colonialidade tinham como proposta oferecer recursos, ampliar o repertório e acesso ao conhecimento e transformar o modo em que os jovens se relacionavam com os atravessamentos coloniais, apresentando uma leitura crítica para esses padrões. Foi importante para o pesquisador que os participantes da pesquisa tivessem contato com este referencial teórico, pois muitos deles não conceituavam, porém, nomeavam experiências a partir deste referencial, o que possibilitou que este fosse sendo construído juntamente as vivências no campo e sendo influenciado por ela.

As produções em vídeos por parte dos participantes tinham como objetivo colocar a arte em um lugar de diálogo, algo que o coletivo já fazia, falar daquilo que sentem, que lutam e que desejam a partir da dança, do teatro, da poesia e entre outras linguagens estéticas de periferia. Esta proposta também partiu da intenção de promover uma metodologia criativa, fugir um pouco de questionários e entrevistas, e tornar o campo um lugar de descoberta para todos que participam.

Após todo esse processo de organização, planejamento e acordos, iniciamos os nossos encontros através do grupo de WhatsApp®.

ENCONTRO 01 - Raça, identidade e apagamentos: o debate deste encontro aconteceu em torno do tema “Raça, identidade e apagamentos” no qual foi produzido um vídeo sobre a criação da ideia/conceito de raça e sua conexão com as questões de identidade e dos apagamentos históricos. A proposta geral do vídeo foi de refletir sobre o mundo que é imposto para nós (um mundo branco, eurocentrado, hétero-patriarcal) e refletir também sobre as possíveis saídas para um mundo antirracista, um retorno às nossas identidades, às culturas dos nossos ancestrais e às nossas potencialidades que foram podadas pela violência racial.

Figura 08: Print do vídeo com título “Raça, identidade e apagamentos” e QRcode (código de acesso)



Fonte: Arquivo pessoal.

As questões disparadoras desse encontro para a produções artísticas dos vídeos por parte dos participantes foram: “De onde você vem? Qual a sua identidade? O que significa viver? Qual a sua relação com a sociedade? Qual o seu papel social?”

ENCONTRO 02 - Negros de pele clara, política de embranquecimento e o pardo no Brasil: o encontro anterior promoveu alguns desdobramentos e muitas questões foram surgindo e sendo expostas, questões sobre “como saber se sou negro?” ou “tem gente com pele mais clara que eu que se autoafirma negro, será que eu sou também?”, portanto o vídeo encaminhado nesse encontro, que foi o encontro seguinte aos questionamentos, teve como tema “Negros de pele clara, política de embranquecimento e o pardo no Brasil”, no qual a discussão abordada foi sobre a política de embranquecimento no Brasil, o mito da democracia racial e a questão do pardo. Foi mencionado ainda sobre como se identificar negro, "quais são os critérios", a questão do colorismo e da “afroconveniência”.

Figura 09: Print do vídeo com título “Negros de pele clara, política de embranquecimento e o pardo no Brasil” e QRcode (código de acesso)



Fonte: Arquivo pessoal.

As questões disparadoras desse encontro para a produções artísticas dos vídeos por parte dos participantes foram: “O que é arte para você? O que ela te desperta?”

ENCONTRO 03 - Colonialidade do Poder: a "nova cara" do colonialismo: neste encontro, os debates já foram ganhando um corpo mais denso, sendo discutido teorias específicas que fazem parte do referencial da pesquisa, o vídeo encaminhado teve como tema “Colonialidade do Poder: a "nova cara" do colonialismo”, em que foi discutida a teoria da Colonialidade do Poder desenvolvida pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano.

Figura 10: Print do vídeo com título “Colonialidade do Poder: a "nova cara" do colonialismo” e QRcode (código de acesso)



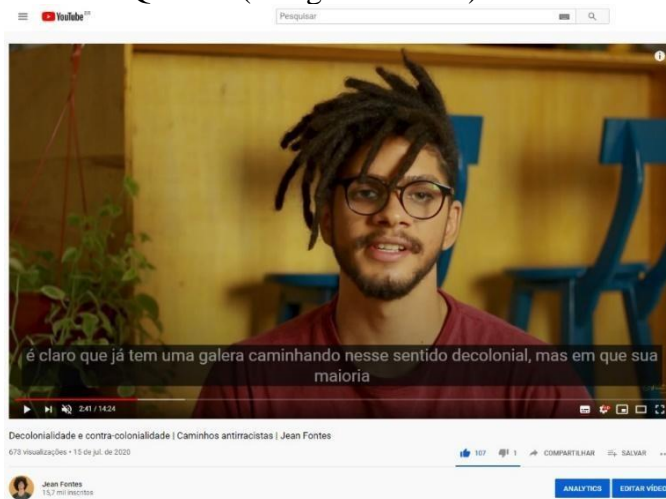
Fonte: Arquivo pessoal.

As questões disparadoras desse encontro para a produções artísticas dos vídeos por parte dos participantes foram: “Qual a relação entre corpo, arte e ativismo? A arte pode gerar meios

que enfrente/diminua os padrões colonialista (padrões raça, gênero, sexualidade, exploração e etc.)?”

ENCONTRO 04 - Decolonialidade e contra-colonialidade | Caminhos antirracistas: após apresentar a teoria de colonialidade do poder, abordamos as questões mais gerais sobre decolonialidade com base no grupo colonialidade/modernidade e contra-colonialidade de Antônio Bispo dos Santos, visto que os vídeos seguintes oportunizariam um movimento de apontar os atravessamentos coloniais, assim como caminhos decoloniais e contracoloniais. O tema do vídeo foi “Decolonialidade e contra-colonialidade | Caminhos antirracistas”, aproveitando também para aproximar esse discurso do “antirracismo”, pois foi um tema que estava no debate no momento devido a um movimento de manifestações mundiais contra o racismo¹⁶.

Figura 11: Print do vídeo com título “Decolonialidade e contra-colonialidade | Caminhos antirracistas” e QRcode (código de acesso)



Fonte: Arquivo pessoal.

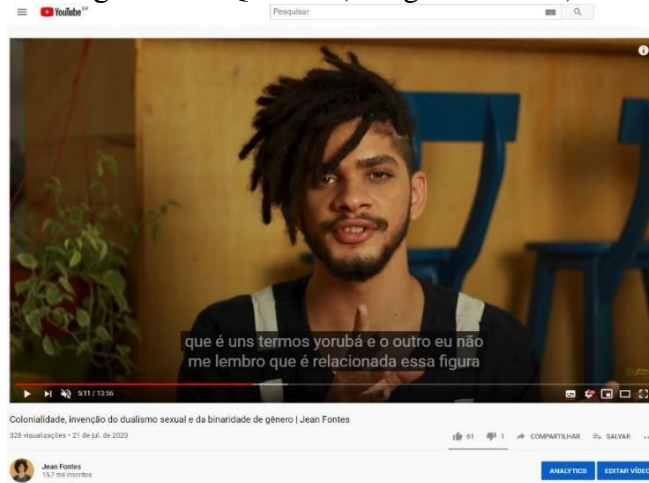
A questão disparadora desse encontro para as produções artísticas dos vídeos por parte dos participantes foi: “Campo Grande – Zona Oeste”, o que significa ser desse lugar?”

ENCONTRO 05 - Colonialidade, invenção do dualismo sexual e da binaridade de gênero: neste encontro o debate girou em torno das ideias de sexo, gênero e sexualidade, em que foi utilizado estudos de Maria Lugones para discutirmos como o dualismo sexual e a

¹⁶ No dia 25 de maio de 2020, na cidade de Mineápolis, Minnesota - EUA, George Floyd, um homem negro norte-americano, foi assassinado por um policial branco que se ajoelhou em seu pescoço até a morte, durante uma abordagem policial. Após este ato de violência, vários movimentos foram as ruas denunciar atos cotidianos de racismo e reivindicar as mortes violentas de pessoas pretas, principalmente em abordagens/ações policiais. Os protestos foram se espalhando e acontecendo em todas as partes do mundo. Durante esse período as discussões sobre racismo tomaram conta dos noticiários e das redes sociais, colocando o assunto em alta.

binaridade de gênero foram imposições coloniais, buscando mais uma forma de diminuir e apagar as culturas e os modos de vida dos povos pretos e indígenas e impor os padrões brancos, eurocêntricos e hétero-patriarcais.

Figura 12: Print do vídeo com título “Colonialidade, invenção do dualismo sexual e da binaridade de gênero” e QRcode (código de acesso)

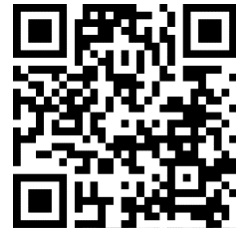
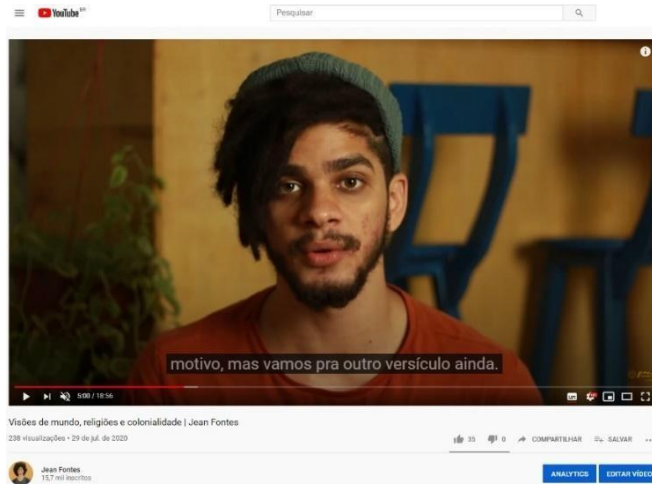


Fonte: Arquivo pessoal.

A questão disparadora desse encontro para as produções artísticas dos vídeos por parte dos participantes foi: “Racismo, machismo e homofobia, isso te atravessa? Como?”.

ENCONTRO 06 - Visões de mundo, religiões e colonialidade: este foi o último encontro com esse formato de encaminhar vídeo, debater no grupo e depois enviar as perguntas disparadoras. O tema do vídeo encaminhado desta vez foi “Visões de mundo, religiões e colonialidade”, um vídeo baseado no livro "Colonização, Quilombos: Modos e Significações" do autor quilombola Antônio Bispo dos Santos, em que tratamos sobre as imposições das religiões cristãs e a sua colaboração com o processo de colonização. E também, sobre o modo de ver o mundo, desenvolver sociedades e de se manifestarem culturalmente dos povos “eurocristãos” x os povos “pagãos politeístas”.

Figura 13: Print do vídeo com título “Visões de mundo, religiões e colonialidade” e QRcode (código de acesso)



Fonte: Arquivo pessoal.

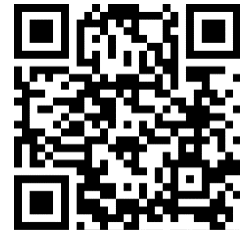
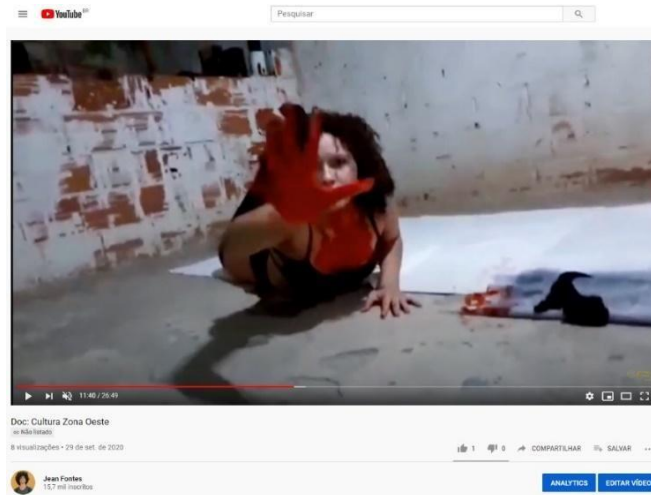
As questões disparadoras desse encontro para a produções artísticas dos vídeos por parte dos participantes foram: “O que significa ser jovem negra (o) e periférica (o) ou apenas jovem periférica (o) e produzir arte? Como você se sente no momento que está fazendo arte?”

ENCONTRO 07 – Compartilhando as experiências e discutindo encaminhamentos para a pesquisa: Este encontro foi de fechamento e aconteceu algumas semanas após a realização do último debate. Nele, a proposta foi discutir sobre os atravessamentos e interferências que aconteceram durante a realização da pesquisa e os caminhos que ainda poderíamos seguir. O encontro aconteceu através da plataforma Google Meet. A participação no encontro contou com a presença, além do pesquisador, das jovens: Bruna Couto, uma das líderes do coletivo, Esther Laysa, Isabela Rodrigues, Ana Carolina (Gaia) e Nábila Macena que são alunas das oficinas, participantes do coletivo.

A primeira parte do encontro tratou da apresentação geral dos dados da pesquisa e ressaltou-se sobre as possibilidades ou caminhos possíveis que a escrita deste trabalho poderia percorrer. Em seguida, foi apresentado um vídeo com a junção dos vários vídeos produzidos e enviados pelos jovens durante a pesquisa. Neste momento, este produto estético, ainda que como um rascunho inicial da pesquisa de campo, teve como objetivo mobilizar os jovens para a proposições de novas estéticas audiovisuais, como a de produzir um documentário sobre o coletivo, um site ou blog para que estas produções pudessem estar disponíveis e amparasse a divulgação de visibilidade do grupo, além, é claro, de contar como um dos resultados da pesquisa. Após assistirmos juntos esse rascunho, pensamos de maneira coletiva como o documentário poderia ser elaborado, quais partes/vídeos poderiam entrar/sair, como organizar todo o material de modo que produzisse algum sentido para aqueles que tinha produzido o material. Dividimos também algumas tarefas para gravação de novos vídeos e envio de alguns

vídeos já gravados pelo coletivo, para que assim pudéssemos editar a versão final do documentário e disponibilizá-la ao coletivo.

Figura 14: Print do rascunho do vídeo documentário apresentado para os participantes na reunião de fechamento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na outra etapa do encontro, foram realizadas algumas perguntas disparadoras sobre os encontros de campo da pesquisa e como isso afetou as participantes, permitindo assim um espaço de compartilhamento das experiências. Perguntas como:

01. Como foi para vocês participarem dos debates?

02. Como foi produzir os vídeos artísticos em cima de temas específicos? Me digam sobre as experiências nas produções dos vídeos, o que te afetou, o que sentiu, como os temas influenciaram na produção audiovisual?

03. Tem algo da pesquisa que vocês “guardaram” para vocês? Um aprendizado, um pensamento, um desejo? O que a pesquisa despertou? O que vocês levam pra vida de vocês? E o que podem deixar para o grupo aqui?

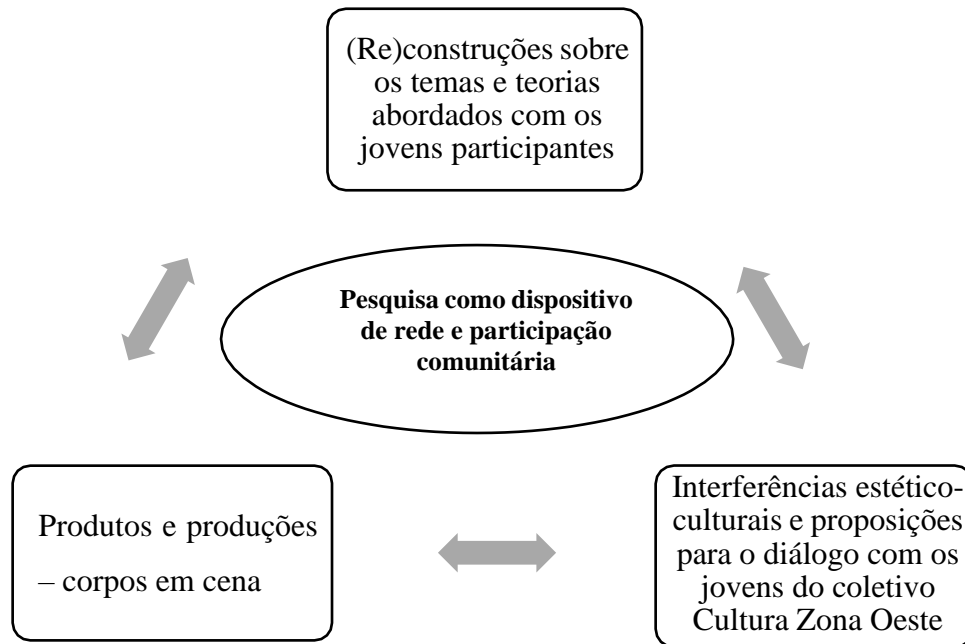
04: Existe alguma experiência da pesquisa que você reutilizou ou aplicou na sua vida cotidiana? Ou, alguma experiência vivida nestes encontros da pesquisa que vocês aplicam para a vida cotidiana? O que? Ou quais? De que modo isso tocou a vida e modificou de alguma forma?

O encontro foi encerrado após os diálogos gerados a partir das perguntas disparadoras.

4.2 PERSPECTIVA DE TRIANGULAÇÃO DOS DADOS

Para a análise dos dados foi realizada uma triangulação dos resultados da pesquisa, a fim de identificar o eixo de análise, fenômeno ou questão que emerge a partir desses resultados. A figura abaixo é uma demonstração dos resultados que foram triangulados e o eixo de análise que emergiu.

Figura 15: demonstração de triangulação dos dados.



Fonte: Elaboração do autor.

5. RESULTADOS

5.1 (RE)CONSTRUÇÕES SOBRE OS TEMAS E TEORIAS ABORDADOS COM OS JOVENS PARTICIPANTES;

Neste tópico serão expostas as construções sobre os temas que foram colocados para debate e reflexão junto aos jovens participantes. Além das discussões e pensamentos específicos sobre cada tema, durante os debates foram comuns surgir: comparação dos assuntos abordados com as vivências e experiências do cotidiano; relações e comparações diretas das teorias com as ações do coletivo em que participam, e também; apontamentos e saídas próprias para “superar” o racismo e outros padrões coloniais.

O compartilhamento de saberes, a inquietação e a “pulga atrás da orelha” são ações e sensações que tendem a colocar as pessoas em movimento, a ir em busca de algo, ainda que não saiba o quê. Toda a ideia de “quebrar” os muros da universidade, pensar outros modos de aprendizagem e também o desejo de fazer desta pesquisa - uma pesquisa sentipensante, foram motivações do pesquisador para a realização dos debates/rodas de conversa com a juventude. Objetivando através desses debates incentivar o movimento de troca de saberes, inquietações e pensamentos críticos com e entre os jovens urbanos periféricos participantes desta pesquisa.

Assim, os debates realizados foram acontecendo no grupo de WhatsApp® através de trocas de mensagens, áudios, links e imagens. Os temas tinham como ponto de partida os vídeos encaminhados debatendo as teorias de raça, gênero, colonialidade, decolonialidade e contra-colonialidade. Com as trocas de experiências, pontos de vistas e modos de pensar, os desdobramentos das discussões iam fazendo com que os debates tomassem os seus próprios caminhos, se aproximando cada vez mais das experiências vividas pelos jovens, sendo alguns desses jovens autodeclarados brancos e outros negros (pretos e pardos).

A participação dos jovens no debate foram acontecendo com um tempo específico para cada um, às vezes após os vídeos, alguns já tinham coisas a falar, outras era necessário mais um tempo de reflexão do conteúdo para que assim se posicionassem, colocassem as suas opiniões e fossem compreendendo como aquele tema estava relacionado com as vivências do seu cotidiano.

Os temas também foram um indicador importante para definir a frequência e amplitude da participação, alguns foram tendo a participação dos jovens de maneira mais fluída, como o debate sobre “Raça, identidade e apagamentos”, em que foram colocadas muitas questões e experiências dos participantes até se desenrolar para um novo tema a ser trabalhado na semana seguinte “negros de pele clara, colorismo e a questão do pardo no Brasil”. Outros tornaram a discussão mais breve, como o debate sobre “Visões de mundo, religiões e colonialidade”.

Essa questão proporcionou refletir que, quando se trata de discutir religiões e cosmovisões, esbarramos em uma questão existencial, assuntos que implicam crenças que vão “para além dessa vida”, e se tratando das crenças cristãs que estão fortemente presentes no nosso cotidiano, na mídia e principalmente no local em que esses jovens vivem, essas questões estão sempre determinando um padrão entre o certo e o errado que podem levar a “benefícios divinos” ou a “punição”. Portanto pensar e discutir sobre isso acaba sendo mais delicado, é como se já existisse uma verdade inquestionável e essa verdade está nas religiões ditas cristãs. Podemos observar isso nos relatos das próprias participantes:

A gente pode ver isso na sociedade, muito presente na manipulação de interesses. A fé é uma coisa muito forte! Que quando usada e explorada por algo ou alguém, tem muito poder, político, social, cultural etc., pode alterar toda a sociedade. É o caminho mais forte, pois mexe com algo muito forte em alguém, ir contra tal coisa, estaria sendo contra Deus (Isabele Pessoa)

Muito interessante, já conversamos algumas vezes sobre religião aqui no grupo, isso afeta de verdade a sociedade e a forma de perspectiva dessas pessoas q são dependentes de religião. Não conseguem concordar com quase nada pois na visão deles seria ir contra a Deus e essas coisas, muitos nem aceitam as outras religiões existentes (Isabel Vitória)

Muitas vezes me pego deixando de fazer algo ou repensando, porque tenho em mente que isso está errado. Aí eu paro e penso”, mas menina você nem crente é” porque já está tão intrínseco na nossa mente, que já tomo como certo ou errado, quando eu tento ir contra eu fico toda confusa kkk (Isabele Pessoa)

Contendo mais ou menos participações, todos os debates tiveram discussões pertinentes e muitos pensamentos críticos partindo dos jovens, através de uma forma específica de olhar para o mundo, que diz sobre as identidades desta juventude urbana periférica, que participa de coletivos e se coloca a disposição para “transformar” a comunidade local em que vivem.

As falas e posicionamentos durante as conversas possibilitaram perceber que há uma movimentação do debate sobre raça/etnia na juventude urbana periférica. Estes jovens chegaram a pesquisa com diversos saberes e discussões próprias que seguem em desenvolvimento, possibilitado talvez pela amplitude que os debates sociais tem tomado e ocupado as mídias, nas escolas e outros espaços de convivência que frequentam. É perceptível também que todas estas questões os colocam em uma busca identitária, de reafirmação de uma juventude negra periférica, a fim de compreender como se posicionar a partir do entendimento de quem se é.

Em meio às conversas, os jovens sempre faziam comparações das discussões teóricas com o seu cotidiano, de experiências familiares, escolares e/ou pensamentos sobre a cidade e o bairro em que moram ou já moraram. Compartilhavam sobre coisas que viam, ouviam e viviam. Abaixo pode ser acompanhado algumas falas:

[...] Eu nasci em uma favela e morei lá até meus 8 anos de idade e sempre observo a diferença da cor da pele das pessoas que vivem em áreas privilegiadas e não privilegiadas, se alguém já teve a oportunidade de ir a São Conrado sabe que ao adentrar ali e passar pelos prédios a maioria é branca e você dá dois passos até a Rocinha e se depara com a maioria negra, é claramente o reflexo da forma na qual os negros são tratados desde o "começo" do Brasil. (Esther Laysa)

Fui vendo o vídeo e pensando sobre meus privilégios por ser branca e me lembrei de uma situação. Uma vez fui sair no carnaval com uns amigos negros e a mãe de um dos amigos perguntou se a gente tava com documento, todos eles já estavam e eu corri pra pegar o meu pensando "é né, vai que eu passo mal e tenho que ir pro hospital" até que ouvi a mãe deles dizer pra eles "vocês

sabem como é com a polícia se estiverem sem documento né" e eu percebi que nunca tinha tido que me preocupar com isso. (Nábia Macena)

[...] Lembrei que desde de criança minha mãe me orienta a procurar andar mais "arrumado", ser mais educado possível, evitar muito problema porque a tendencia era sobrar sempre pra gente. (João Luiz)

Minha família por parte pai/mãe são bem diversificada, o que diferencia entre eles mesmo é a desigualdade social, a família do meu pai, vó negra (foi diarista, trabalhou em fábrica, era orandeira, etc...) minhas tias são professoras e meu pai agente de saúde, já a família da minha mãe, avó branca casada com negro já foi outra história, minhas tias não estudaram nem meus tios, que chegou mais longe na educação foi minha mãe, e ela chegou até o 3º do fundamental e depois fez EJA e ECEJA, e hoje ela é gari. Meus tios negros sofreram muito para conseguirem empregos e estudo assim que foram crescendo eles discriminavam e da maioria das vezes nem aceitavam o currículo (Lais Lira)

Os conteúdos trazidos pelos jovens diziam sobre raça, privilégios, branquitude-negritude, racismo estrutural e institucional. Esses conteúdos já estavam presentes no cotidiano desses jovens de maneira prática e isso ia trazendo vida para o que estava sendo discutido.

Quando as questões étnicas/raciais foram colocadas em pauta, pôde-se ler através das falas um sentimento de “eu sei do que você está falando, ainda que traga algumas novidades”, apesar de ser um debate teórico foi ficando perceptível que é um debate teórico que fala sobre vidas, sobre realidades pretas, periféricas, latino-americanas. Cada jovem tinha uma história para contar, se não fosse a sua era a de um vizinho ou de um amigo que sempre conviveu junto.

Um outro ponto que foi surgindo foram as comparações dos temas com o Coletivo Cultura Zona Oeste, um Coletivo que se propõe a fortalecer o protagonismo da juventude periférica. Ao se falar sobre descentralização de uma cultura branca-europeia, de multiculturalidade, pluralidade de narrativas, os jovens viram nas ações do coletivo uma possibilidade de colocar em prática essa descentralização, utilizando o *funk*, o *rap* e entre outras linguagens artísticas ou modos de se produzir arte, que ressignificasse e valorizasse as expressões culturais locais que ainda são marginalizadas e inferiorizadas. Podemos ver abaixo algumas falas sobre essas comparações:

Eu tava pensando em relação a cultura. Eu não sei se conheço algum outro projeto que tenha essa valorização da cultura periférica como o Cultura ZO, eu sempre gostei de funk e de dançar mas sempre que eu procurava algo que tivesse dança era ballet, jazz, coisas assim e apesar de gostar, eu queria conhecer algo que combinasse mais com esse mundo do funk, talvez tenha alguns outros projetos, mas seria legal se houvesse muito mais investimento, se houvessem até escolas porque é cultural (Nábia Macena)

Gostei do vídeo e me identifiquei com o vídeo porque falou sobre algo que vivemos há muito tempo mas muitas coisas só percebi de uns anos pra cá como o racismo estrutural e subjetivo. Acho que o vídeo tem muito a ver com o Cultura Zo porque é uma forma de resistência no subúrbio, periferia com a opressão. (João Luiz)

Acho que sim, a arte ainda é muito elitista. Aqui mesmo no Rio, quando uma peça grande entra em cartaz, são todas pela Zona Sul e afins, dá para perceber que até as estruturas dos teatros mudam. Acredito que arte periférica quebra bastante isso, de que só o que vem de fora é legal, "certo" ou "bonito", ela que carrega muito a essência e identidade do povo e desenvolve várias críticas sociais, acredito que isso ajuda muito na quebra de certas ideias (Jennifer Giacomini)

E ainda surgiram também afirmações que diz sobre uma potência periférica que se organiza nesse coletivo, uma potência de compartilhamento de saberes através da crença de que aqueles saberes poderão contribuir com alguém de alguma forma, seja criando caminho e oportunidades ou servindo como uma ferramenta de aceitação de si próprio. Segundo os participantes, os monitores do coletivo estão nesse lugar, o lugar de multiplicar o que se tem para possibilitar caminhos para os outros. Como citado na afirmação abaixo:

Então eu acredito que a arte nas periferias sejam "contra-coloniais" Porque, embora alguns não tenham formação profissional, eles tem bagagem para compartilhar conhecimento. Por exemplo os monitores do Cultura, que mesmo não tenham formação para dar aula, eles sabem muita coisa e podem compartilhar com a gente (Ana Carolina)

Uma fala que além de relacionar os conteúdos abordados com as ações do coletivo, afirma a potência da arte na periferia como uma ferramenta de contra-colonização, criação de redes e compartilhamento de saberes.

É possível perceber que já existe um movimento de valorização da cultura periférica por parte desses jovens, de se orgulhar de quem é, do que se produz ali no bairro e com as discussões eles foram se dando conta de que esse movimento de valorização têm uma amplitude bem maior do que eles imaginavam. Quando fomos levando esse movimento para uma discussão teórica com os debates, deixamos de falar apenas de um movimento de jovens em um bairro e passamos a falar também de um movimento contra-colonial, com isso os jovens foram se dando conta desses outros significados para as ações que eles já realizam. São jovens que se dispõem a ir contra a corrente produzindo arte, mas é no caminho que eles estão descobrindo a importância de se fazer isso, as razões, as interferências sociais e os atravessamentos coletivos.

Em meios a todas essas discussões, compartilhamentos de experiências e teorias, os jovens também compartilhavam no grupo saídas próprias para “superar” o racismo. Práticas cotidianas e ideias surgiram em meio ao incômodo de tomar consciência de algo amplamente estruturado e que afeta diretamente a população negra e periférica, população esta em que estão inseridos. Se dar conta de tudo que o racismo é e de toda a estrutura que o embasa, ao mesmo tempo que é frustrante, desperta uma sensação de “precisamos fazer alguma coisa”.

Muitas dessas saídas apontadas estão relacionadas com o compartilhamento dos saberes sobre racismo, fazer com que as pessoas compreendessem como o racismo atua na sociedade e passem a identificar coisas que parecerem estar relacionadas ao acaso ou coisas que sempre foram tidas como “normais”, mas na verdade são ações/comportamentos racistas. Como podemos ver nas falas abaixo:

[...] e vejo que é de extrema importância a informação sobre o nosso passado, racismo... ser tratada com muita seriedade e que seja um ensinamento constante (Lais Lira)

Acho que é sobre isso mesmo, a gente precisa consumir cada vez mais informação de quem vive isso e a gente precisa ir atrás delas pois se não acabamos presos nessa bolha do privilégio sem querer dar espaço pra quem sempre foi calado (Nábia Macena)

Exatamente e ir falando pras outras pessoas como nós, que ainda não enxergaram (Isabela Dias)

E ainda, uma outra questão para superar o racismo apontada pelos jovens passa também pela autoidentificação, pela construção de uma identidade preta/indígena que muitas vezes é apagada ou embranquecida, a fim de favorecer aqueles que sempre estiveram no topo da pirâmide social, enquanto a base não sabe nem quem são. Também podemos ver abaixo algumas falas relacionadas a isso:

eu estava até em dúvida em relação a isso de “pardo” e agora com essa explicação eu consegui esclarecer na minha mente. De fato é uma maneira de desclassificar uma pessoa como negra, tirando a verdadeira identidade. Mas como foi dito no vídeo, as características permanecem, não adianta.. é muito importante a pessoa se reconhecer através dessas características (Isabel Vitória)

Eu concordo com o vídeo ... e que primeiro a própria pessoa tem que se aceitar em relação as características negras se não fica mais difícil acabar com o embranquecimento. (João Luiz)

No geral as conversas e debates permitiram tornar as teorias de colonialidade, decolonialidade e contra-colonialidade dialogáveis para o público de jovens urbanos periféricos e construir saberes de maneira coletiva.

5.2 PRODUTOS E PRODUÇÕES – CORPOS EM CENA

Neste tópico serão abordados os resultados relativos aos produtos e as produções artísticas criados pelos jovens participantes da pesquisa a partir das perguntas disparadoras. Os vídeos e outras produções artísticas tiveram um tempo acordado de uma semana para serem produzidos, tempo entre um debate e outro. As perguntas disparadoras giraram em torno dos

seguintes temas: arte, identidade, ativismo/militância, padrões coloniais e território. Todos os temas abordados estavam relacionados as pautas que o coletivo já se propunha a abordar junto aos jovens participantes, assim como estava em diálogo com os objetivos da pesquisa.

As produções foram diversas e envolveram múltiplas linguagens: teatro, dança, poema/poesia e desenhos. Cada produção trazia para cena um boom de singularidade, cada qual do seu modo, expressando histórias, marcas e memórias ao abordarem os temas específicos de maneira artística. Ao assistirmos os vídeos, observarmos/lermos as produções, éramos atravessados por muitos detalhes, a escolha de um movimento corporal, da música ou da frase que era dita, expressava muitas informações sobre quem produziu. Tínhamos acesso para além de uma resposta à pergunta disparadora, pudemos ver também identidades, personalidades e narrativas plurais a partir das performances. Algo que ficou marcado nas produções foi o protagonismo feminino, ainda que alguns homens participassem dos debates, quase todas as produções foram criadas e enviadas por mulheres.

A partir das produções era possível colher muitos dados sobre quem é cada um daqueles jovens participantes. Dados ricos, pois até chegarem ali em formato de uma produção artística pronta para ser consumida, foram carregados de criatividade, invenções, nervosismo, talentos, dúvidas e incertezas. O tempo para o envio, o cenário que era escolhido, as edições que eram adicionadas, muitas informações saltavam aos olhos do pesquisador e diziam muito sobre o processo.

Um ponto que chamou a atenção nessas produções é o fato de que o corpo é capaz de nos dizer muito, não foi necessário uma palavra para que as mensagens fossem transmitidas, toda palavra que vinha após as imagens e movimentações, eram complemento. E quando me refiro “as mensagens” e não “a mensagem”, estou falando de um outro fato que é, o corpo não passa uma mensagem única, são várias. Enquanto que a palavra diz apenas o que ela é, ou no máximo brincam com as suas metáforas, o corpo ao dizer, brinca com a existência e tudo que ele carrega, ainda que a pessoa não tenha consciência total sobre algo, o corpo sabe, porquê ele é o primeiro a ser atravessado, ele tem memória e sempre que se coloca “em cena” nos mostra as suas marcas.

Abaixo podemos ver algumas imagens e suas diversas mensagens, que dizem por si próprias muito mais do que eu poderia escrever:



Figura 16: Registros da performance de dança realizada por Lais Lira, a partir do tema disparador “De onde você vem? Qual a sua identidade?”

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.



Figura 17: Registros da performance de dança realizada por Ana Carolina, a partir do tema disparador “De onde você vem? Qual a sua identidade?”

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.



Figura 18: Registros do vídeo com Slam – Recitação de Poesias realizada por Rafael Moreira, a partir do tema disparador “De onde você vem? Qual a sua identidade?”

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.



Figura 19: Registros de apresentação de monólogo realizado por Nábia Macena, a partir do tema disparador “De onde você vem? Qual a sua identidade?”

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.



De onde eu vim? Não sei dizer.
Talvez do sudeste, da zona oeste onde eu nasci.
Talvez do nordeste de onde meus avós viveram
antes de vir pro Rio tentar a vida e criar seus
filhos.
Olhando mais longe talvez de uma tribo distante,
talvez meu sangue corra por outros continentes,
corra por outros tipos de gente
que não pude conhecer.

Figura 20: Desenho e poesia produzidos por Isabele Pessoa, a partir do tema disparador “De onde você vem? Qual a sua identidade?”

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.



Figura 21: Registros da performance de dança realizada por Esther Laysa, a partir do tema disparador “O que é arte para você? O que ela te desperta?”.

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.

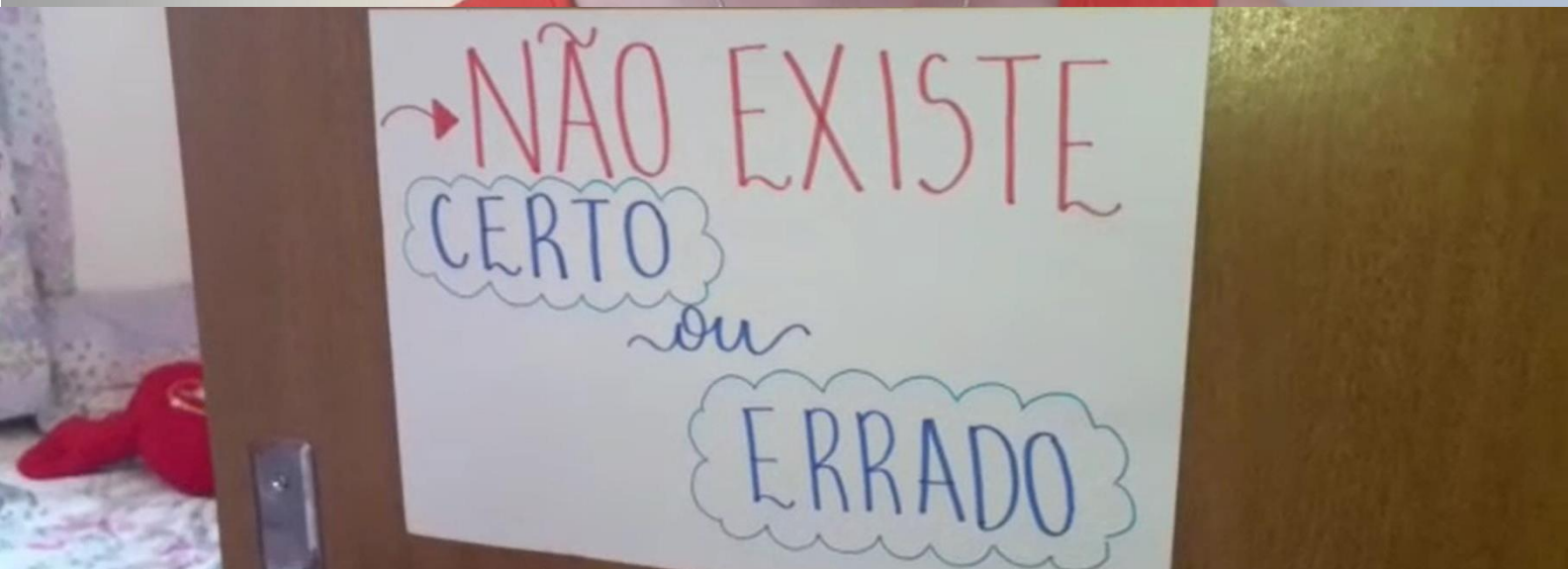


Figura 22: Registros do vídeo-poesia gravado por Jennifer Giacomini, a partir do tema disparador “o que é arte para você? O que ela te desperta?”.

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.



Figura 23: Registros da performance de dança realizada por Isabele Pessoa, a partir do tema disparador “o que é arte para você? O que ela te desperta?”.

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.



Figura 24: Registros da performance de dança realizada por Lais Lira, a partir do tema disparador “Qual a relação entre corpo, arte e ativismo?”.

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.



Figura 25: Registros do monólogo “Água, por uma razão (Texto de André Avram)” realizado por Nábia Macena, a partir do tema disparador “Qual a relação entre corpo, arte e ativismo?”.
Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.



Figura 26: Registros da performance de dança realizada por Ana Carolina, a partir do tema disparador “Campo Grande – Zona Oeste”, o que significa ser desse lugar?”.
Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo

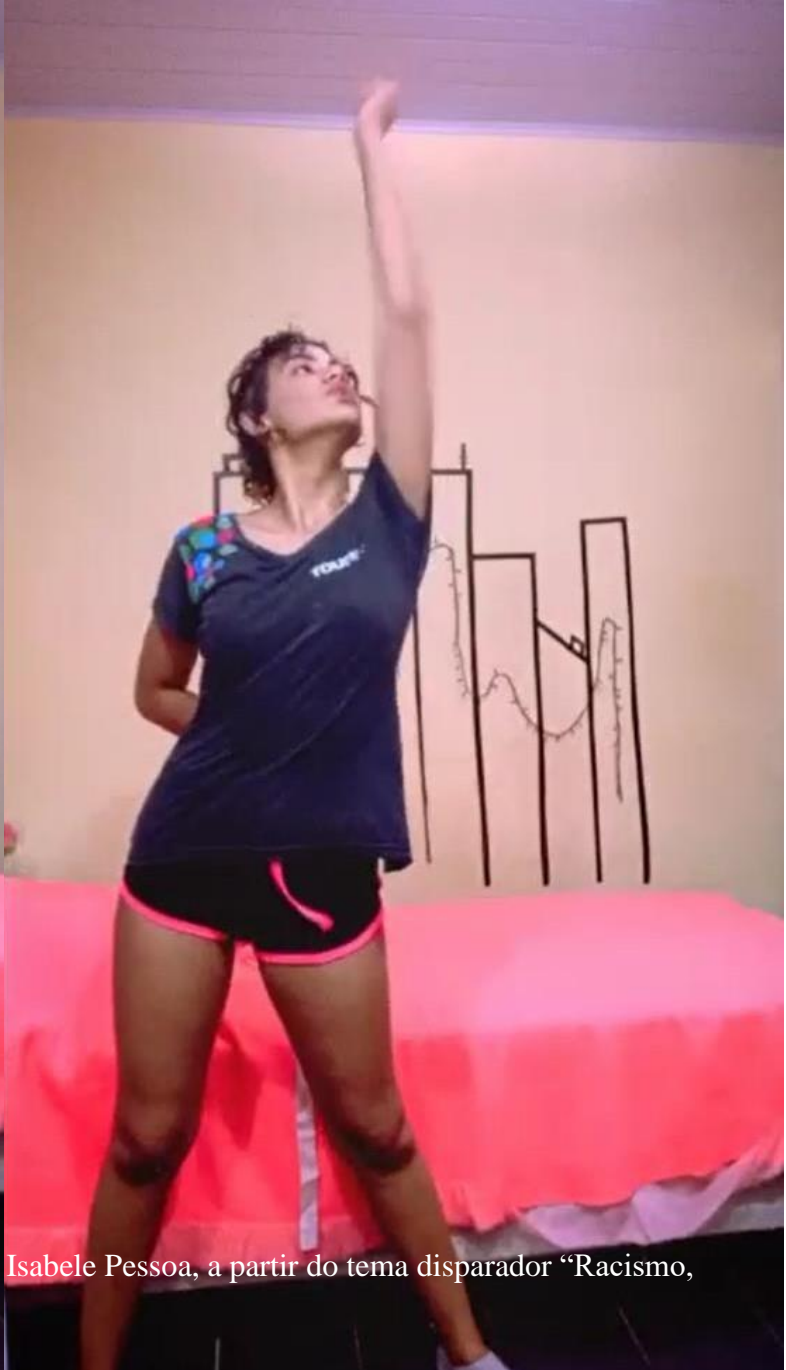


Figura 27: Registros da performance de dança realizada por Isabele Pessoa, a partir do tema disparador “Racismo, machismo e homofobia, isso te atravessa? Como?”.
Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.

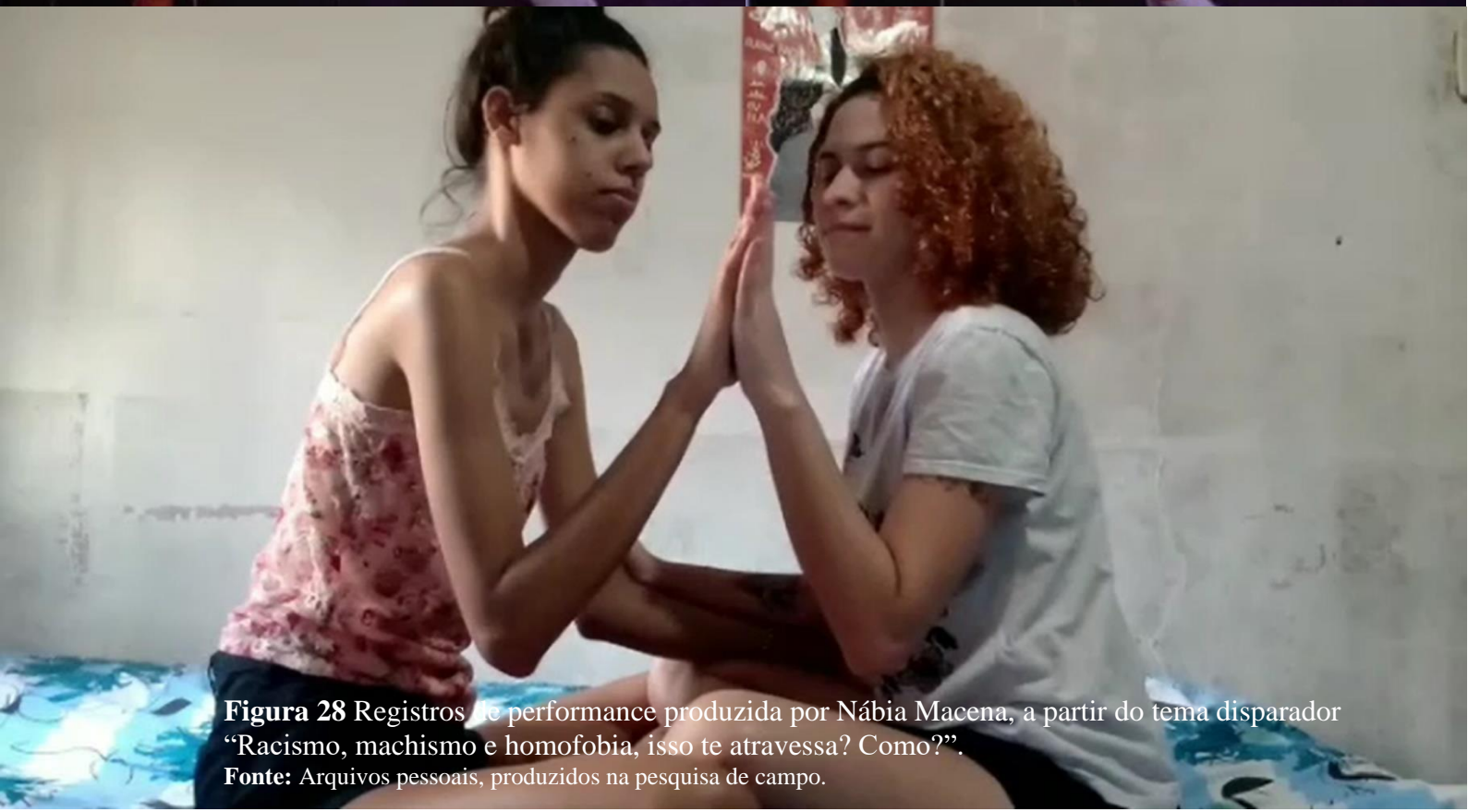


Figura 28 Registros de performance produzida por Nábia Macena, a partir do tema disparador “Racismo, machismo e homofobia, isso te atravessa? Como?”.
Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.

Hoje a mulher brasileira é o máximo. Máximo de seu
esquecimento, máximo de machismo, racismo e homofobia.
E tem tempos que mulher não deixa de ser máximo.
Ela é o máximo da vida, das agressões físicas.
Máximo da luta de no máximo apenas ser.
No mínimo de viver, quando a guerra máxima é sobreviver.
Alex Gomes 06/04/2018



Figura 29: Desenho produzido por Jennifer Giacomini, a partir do tema disparador “Racismo, machismo e homofobia, isso te atravessa? Como?”.

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.

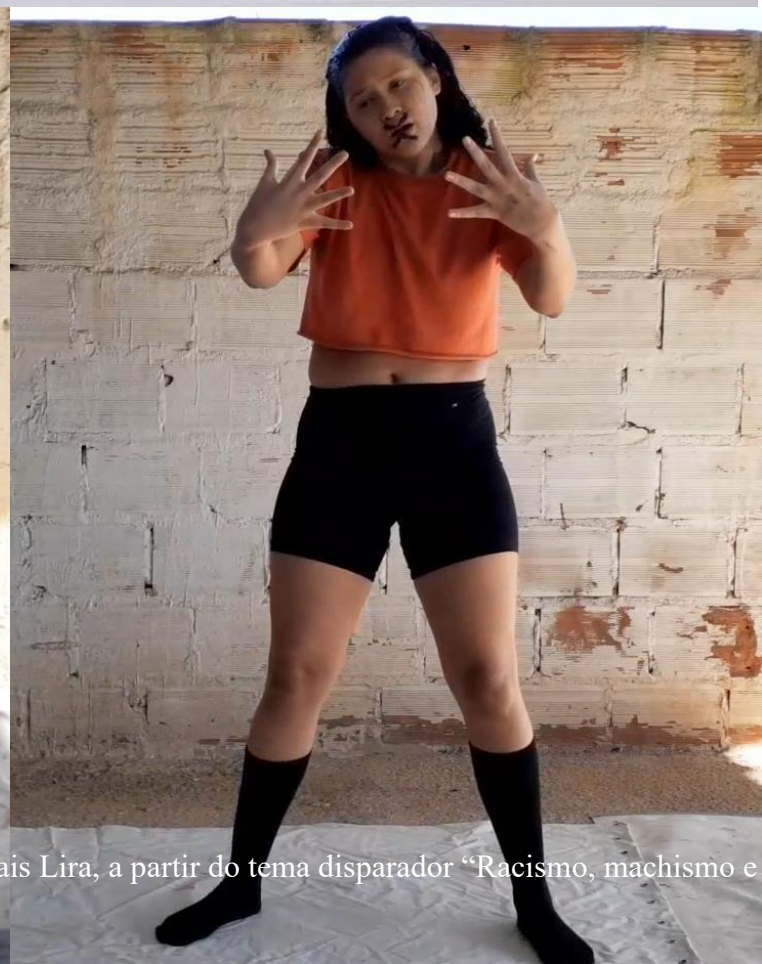


Figura 30: Registros da performance de dança realizada por Lais Lira, a partir do tema disparador “Racismo, machismo e homofobia, isso te atravessa? Como?”.

Fonte: Arquivos pessoais, produzidos na pesquisa de campo.

Ao receber todas essas interferências artísticas, quem está no lugar de espectador, como eu estive, é provocado a refletir. Ainda que uns dirijam seus pensamentos para questões técnicas-artísticas e outros se debrucem sobre as emoções, quem está vendo as performances é colocado num lugar de ser despertado para algo, de pensar, tentar “captar a mensagem”. É quase que automática a nossa busca pela história por trás daquilo que está sendo apresentado, o ensinamento que aquilo está querendo passar. No grupo, todos nós éramos artistas, criadores e espectadores, tudo ao mesmo tempo.

Algo que pudemos perceber nessas produções é que por meio da arte pode-se abordar qualquer assunto, falar sobre qualquer coisa e de um modo integral, em que o corpo, a mente, a oralidade, a escrita, estão todas envolvidas, trabalhando juntas, ainda que em ordens e intensidades distintas. E isso torna as posições/posicionamentos mais complexos, mais ricos, cheios de informações, para além da resposta nua e crua para uma pergunta, a produção artística vem carregada de sentimentos, receios, fantasias, é aberto um espaço para ir além do que a fala ou a escrita poderia fazer.

Abaixo podemos ver algumas mensagens que foram enviadas junto as produções artísticas, em que os jovens “explicavam” o que “tentaram” falar com aquelas performances artísticas:

Vou explicar: começo mostrando que o pincel/arte (desenho) foi sempre um lugar pra eu poder me expressar bem, tirar a minha angústia, e quem nem sempre foi só isso que fazia bem, mas minha família tbm. Pra mostrar a localidade eu fiz a encenação de um assalto (moro na periferia, bem do lado da minha casa tem a favela do antares, e minha infância praticamente toda foi marcada com essa violência e o quanto isso me marcou), hoje em dia é pacificado por conta da posse da milícia e no final tento mostrar que por mais que por hoje esteja calmo, a qualquer momento pode cair uma bomba de novo. No decorrer do vídeo eu falo um pouquinho da minha vida, e em partes eu faço em Libras (quando era bem nova, 7 anos por ai, minha mãe era babá de um menino com deficiência crônica e ela levava ele numa ONG pra crianças especiais que tem aqui no conjunto, lá eu me questionava por que uma menina não falava comigo, ai a dona me ensinou Libras pra eu poder conversar com ela, e a partir desse dia me apaixonei, em várias partes da minha vida eu fiz curso e tals, mas por conta do meu colégio ser integral eu não pude me dedicar mais aos curso, mas eu pretendo voltar em breve). Enfim é isso. (Lais Lira)

Arte para mim é liberdade. Pensando nisso eu resolvi retratar um relacionamento abusivo, pois dentro de relacionamentos abusivos a liberdade sempre é afetada. Não foi completamente dançante pq fiz a atriz, mas espero que tenha ficado legal. (Esther Laysa)

A arte sempre esteve presente na minha vida, direta ou indiretamente. E ela significa pra mim inúmeras coisas, ela me ajudou muito nas minhas habilidades interpessoais, além de me ajudar a amar quem eu sou, independente de qualquer coisa. É com ela que eu posso ser 100% eu, ela me faz sentir viva. (Ana Carolina)

A arte pra mim é liberdade, de se expressar e mostrar seus sentimentos. A primeira música fala sobre ansiedade, meu corpo quer falar e se expressar mas eu me controlo e tento me silenciar, a segunda parte é quando eu deixo a dança tomar conta e me torno livre 🍷 (Isabele Pessoa)

Água por uma razão, esse é o texto do meu amigo André Avram do teatro sapê que é o grupo que trabalhamos juntos. Esse texto traz a luta antimanicomial e fala sobre como a arte pode libertar os que são vistos pela sociedade como loucos, sobre o poder que a arte nos traz, usar meu corpo pra esse tipo de ativismo me mantém viva, poder falar pelos que não falam, poder gritar por quem não grita, poder ser livre através da arte. (Nábia Macena)

Com base nessas falas podemos identificar que estes jovens utilizam das ferramentas artísticas como ferramentas para expressão, diálogos e denúncias sociais.

Todas essas palavras surgiram depois como uma forma de organizar e dar sentido para aquilo que foi criado, dar sentido também aos sentimentos e sensações provocadas ao espectador, mas esses sentimentos e sensações que já tinham sido provocados, atravessavam o espectador e promoviam efeitos que as vezes a palavra que vinha depois não dava conta.

5.3 INTERFERÊNCIAS ESTÉTICO-CULTURAIS E PROPOSIÇÕES PARA O DIÁLOGO COM OS JOVENS DO COLETIVO CULTURA ZONA OESTE

Neste tópico serão abordados algumas reflexões e análises realizadas junto aos participantes sobre os caminhos e processos realizados na pesquisa. Os relatos citados abaixo foram narrados durante o encontro de fechamento que ocorreram no Google Meet, apenas os relatos referentes aos vídeos foram retirados de diálogos ocorridos anteriormente no grupo do WhatsApp®.

Trabalhar na pesquisa a partir dessas interferências estético-culturais possibilitaram caminhos de aprendizagem e colheita de novos saberes, não só por parte do pesquisador, que estava ali como um “buscador de novos conhecimentos”, como alguém que aprende-ensina-aprende ao mesmo tempo, mas também para as pessoas participantes. Em algumas falas podemos perceber como foi a recepção dos vídeos por parte dos participantes:

Eu adorei o conteúdo do vídeo, achei bem explicativa a forma na qual você falou e de fácil entendimento (Esther Laysa)

Nossa eu adorei o vídeo, esse assunto é mega necessário e eu consegui aprender bastante coisa assistindo. (Jennifer Giacomini)

Gostei do vídeo e me identifiquei com o vídeo porque falou sobre algo que vivemos há muito tempo mas muitas coisas só percebi de uns anos pra cá como o racismo estrutural e subjetivo. (João Luiz)

Gostei muito do vídeo, conteúdo bastante necessário e uma abordagem bem explicativa mesmo, principalmente de introdução. (Rafael Moreira)

Eu adorei o vídeo, aprendi bastante sobre o assunto, já que sempre fui meio perdida nesse assunto. (Esther Laysa)

O vídeo fala sobre algo que tava em dúvida porque muitas pessoas chamam um preto de moreno, sarara ou a própria pessoa apenas por causa do tom de pele prefere se considerar branca, como algumas pessoas da minha família (João Luiz)

Os vídeos foram ferramentas provocativas, além de introduzir teoricamente conceitos até então desconhecidos, fez-se o convite aos jovens para refletirem sobre como aquilo que estava sendo dito se relacionava com suas experiências cotidianas promovendo relações de trocas. Atualmente esta tem sido uma linguagem bastante presente no cotidiano dos jovens, nas redes sociais, sites e entre outras ferramentas de comunicação, o que pode ter facilitado a recepção e o aproveitamento dos conteúdos por parte dos participantes.

Os debates ocorridos no grupo possibilitaram a apresentação de outras narrativas e outros caminhos para olhar para as questões sociais. Abaixo, podemos ver alguns relatos sobre as experiências dos debates:

[...] Eu achei muito bom a questão dos debates, eu aprendi, consegui aprender bastante coisa que eu não sabia antes daquilo ali e eu achei muito legal, consegui abranger bastante meu pensamento e meus conhecimentos sobre esses assuntos que eu não sabia sobre vários ali. (Esther Laysa)

[...] tem muita coisa assim que eu já tinha visto sobre, mas eu não sabia muita coisa aprofundada e aí eu achei muito importante, a gente aprendeu várias coisas, por que tem coisas que a gente até vê por aí, discute, mas que a gente não sabe muitos detalhes. Ou da onde vem, como surgiu e aí deu pra ajudar até numa discussão, pra trabalhos, enfim... É isso. (Nábia Macena)

Eu acho muito importante essa troca por que as vezes a gente sabe o tema e tal, mas fica muito na nossa opinião, muito fechadinho ali no que a gente pensa. Quando a gente expõe a gente abre pra talvez mudar ou acrescentar no que a gente já tava fechado, sabe, na nossa cabeça. (Isabela Dias)

Eu achei muito maneiro por que ajudou muito na nossa bagagem, mesmo cultural ou fora, eu aprendi muito vendo os próprios vídeos dançando e os desenhos em si. Acho muito interessante essa coisa por que a gente... você chegou num momento muito delicado, né, da pandemia, por que a gente não tá podendo fazer nada, não estava podendo fazer, não tá podendo ir no cultura e isso foi meio que uma válvula de escape para os nosso problemas. E isso ajudou bastante. (Ana Carolina)

Eu queria acrescentar só mais uma coisinha sobre isso. É que apesar de não, de o cultura todo não ter participado, eu achei muito interessante também pra gente entender entre a gente, por que mesmo a gente sendo um coletivo que trata disso nem sempre a gente para pra pensar nesse tipo de assunto, tudo vai mais pelo lado da dança, de tudo mais... Óbvio que quando tem esse tipo de conversa a gente conversa, só que nunca é diretamente dessa forma, então eu acho que foi interessante pra gente descobrir um pouco esse lado de todas as pessoas que já estão à nossa volta e que a gente nem sabia que dançava desse jeito também. (Esther Laysa)

Sim! Eu também parei pra pensar isso. É umas perguntas que a gente às vezes, na correria, nem para pra pensar, né? Cê vai vivendo e não vai levando em conta essas coisas. (Isabela Dias)

Podemos perceber que essa dinâmica além de ser muito proveitosa para a produção de dados, o modo em que foi aplicada permitiu incluir os participantes da pesquisa em um campo de pensamentos críticos e produção de saberes. A partir desse ponto os jovens puderam/podem escolher como usar essa bagagem que foi produzida, seja nos seus processos de aprendizagem, nas criações artísticas ou outros processos do cotidiano.

A proposta de produção artística por parte dos participantes também foi outra ferramenta que possibilitou aos/as jovens expressarem, corporalmente, os temas discutidos e debatidos no grupo. De acordo com o relato das jovens participantes, realizar as produções artísticas foi um grande desafio, no qual o caminho de desenvolvimento era muito difícil, mas também o resultado foi bastante gratificante. Essa atividade também possibilitou que as jovens pudessem conhecer mais as suas potencialidades e se reconhecerem nas singularidades pois as produções do Coletivo Cultura Zona Oeste eram realizadas sempre de maneira coletiva e, muitas vezes, guiadas pelos monitores, enquanto que durante a pesquisa elas tinham esse desafio de descobrir o que eram capazes de fazer sozinhas, até onde poderiam caminhar com tudo aquilo que já vinham aprendendo com o coletivo.

Pra mim foi muito difícil. Por que pega um tema e transformar isso em uma dança, um texto, pra mim foi muito complicado, por que eu não estava acostumada. Às vezes tava “meu deus, isso tá horrível!” e aí eu tentava refazer e “será que isso tá no tema ou não tá?” Mas é muito de pensar que a arte é uma coisa muito pessoal, né? Então assim... Se você tá conseguindo transmitir o que tá sentindo ali é isso que importa. (risos) Eu ia pra esse lado e tentava ir por aí. (Isabela Pessoa)

Eu senti bastante dificuldade por que a gente tá muito mais acostumado a reproduzir do que a gente criar as coisas próprias, né? E aí esse negócio... tipo assim, tinha uns temas específicos que eu achava mais fácil, tava mais familiarizada. Tinha outros que eu ficava assim “gente, meu deus do céu, como eu vou passar isso através da dança, eu não tô entendendo”, mas acho que isso ajudou a nossa capacidade de criar as coisas (Ana Carolina)

Pra mim foi bem intenso (risos). Por que tinha dias que eu tava bem assim, mas tinha dias que eu tava bem... na força do vou fazer por que é necessário, é importante pra mim, é importante pro coletivo e teve uns que eu amei, teve uns que eu achei horrível e... foi bom e foi assim... do céu ao inferno no mesmo tempo, mas foi muito bom de estar fazendo algo, sabe (risos) de estar trabalhando, de estar produzindo. Me dava um ânimo pra eu fazer outras coisas. (Nábia Macena)

[...] isso realmente me ajudou a me redescobrir de diversas formas, consegui criar coreografias e sequências assim que eu nunca acreditei que fosse capaz de fazer aquilo, pra mim foi uma experiência muito importante, interessante no meu crescimento, na dança em si, e no pessoal também. Foi um processo

muito da hora por que eu passei a ver vários lados e você poder dançar mostrando algo que você viveu, passando aquele sentimento é meio complicado só que depois que você vê o resultado de que consegue fazer é muito interessante. Aquele que a gente tinha que fazer o de onde viemos e que na coreografia eu conseguia fazer sinais de arma, que vim da favela a minha dança realmente contando uma história do que aconteceu então eu achei realmente muito legal poder contar dessa forma e eu entendi muito mais como podemos expressar o que sentimos e o que vivemos através de movimentos ou através do teatro. (Esther Laysa)

[...] eu percebi o quão somos únicos e o quão cada um tem uma história de si, sabe. E cada tema que é muito diferente pra cada pessoa chegava de uma forma muito diferente pra fazer algo que tinha a ver com ela e era tudo diferente de cada pessoa pra outra. (Esther Laysa)

Esta proposta pode ser lida como uma via de mão dupla entre pesquisador e participantes, em que enquanto eu pude desenvolver a minha pesquisa de mestrado, elas puderam desenvolver uma pesquisa artística, criativa e teórica, num âmbito pessoal e coletivo, utilizando essa proposta como um lugar de exercício, crescimento, experimentações, desafios e aprendizados.

Para os líderes do Coletivo, a pesquisa proporcionou um lugar de reflexão sobre a sua trajetória, marcos e caminhadas até o momento. Participar de uma pesquisa para eles teve o significado de ser reconhecidos, poder ter a sua história compartilhada.

Eu posso falar mais ou menos quando a gente recebeu o convite. Eu acho que a partir do momento que isso aconteceu me fez parar pra analisar e falar assim “onde a gente tá chegando?”, entendeu? Por que eu tô no Cultura desde que nós tínhamos sete pessoas. E passar de sete pessoas, das cinco, pra mais de sessenta pessoas se for parar pra pensar, juntando todas as turmas, numa faculdade, sabe, é muito além do que a gente esperava pro projeto, por que na verdade a gente nunca esperou muita coisa. Ele sempre fluiu. Então, eu não sei se todos aqui chegaram a ler aquele texto que nós colocamos na página do Cultura quando expomos o convite que o Jean tinha feito, não sei se você chegou a ler, Jean. Acho que sim, você comentou. E... Fui eu que escrevi. E assim... aquilo ali pra mim, tudo que tá ali é exatamente o sentimento que eu tive, tendeu. É meio que parece que a missão nunca tá cumprida porque ela sempre tem continuidade, mas parece que durante, até o momento onde estamos ela está cumprida, entendeu? Por mais que ela sofra evoluções ela tá cumprida e a gente vê isso através do que nós recebemos de Jean, pra convite como esse, de mestrado, seja pra uma apresentação, são pessoas que quando convidam a gente acreditam no que nós fazemos, acreditam no potencial de quem compõe o Cultura com a gente. E eu acho que é isso Quando você mandou, lançou o convite eu fiquei muito reflexiva referente a essas coisas, sabe, a trajetória até aqui. E me fez, coisas sucintas como essa, pontuais, Me fazem parar pra pensar e ver “caramba, olha onde a gente tá!”, entendeu? E olha a força que esse coletivo ganhou. E eu acho que é isso! E agradecer mais uma vez pelo convite. E pela paciência que você tem com a gente! (risos) Principalmente a paciência que você tem com a coordenação! (Bruna, uma das líderes a frente do Coletivo Cultura Zona Oeste)

Ao final dos encontros decidimos criar um mini documentário com os vídeos artísticos que foram produzidos durante a pesquisa, outros vídeos com narrativas de participantes do coletivo e também alguns vídeos que o coletivo já possuía como arquivo e julgavam importantes estar presente nesse mini documentário. A proposta era gerar um produto a partir da pesquisa

que fosse útil para o coletivo utilizar nas suas ações de divulgação e também servisse como um registro histórico.

Figura 31: Print da versão final do mini documentário produzido como um dos resultados da pesquisa.



Fonte: Arquivos pessoais.

A pesquisa proporcionou um encontro entre coletivo e pesquisador, no qual ambos acreditam em uma transformação social que se inicia a partir da base, das pequenas ações, que contribuem ali no bairro, na casa do vizinho e ainda que não seja televisionada possui um tamanho que não pode ser medido, porquê o maior interesse nessas ações é o de ver uma sociedade igualitária, em que os povos pretos, periféricos, indígenas, LGBTQIA+ e entre outras minorias sociais possam ter o direito à vida, a uma vida justa.

6. DISCUSSÃO

“Educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”
- Paulo Freire.

As interferências estético-artísticas, as (re)construções sobre os temas abordados com os jovens participantes e os produtos e produções compreendem três elementos que estruturam e dinamizam a condução da pesquisa com o Coletivo Cultura Zona Oeste e os jovens urbanos

periféricos. Assim, identifica-se que os caminhos metodológicos tomados na realização da pesquisa tornaram possível transformá-la em um dispositivo de rede e participação comunitária.

A criação de redes no território, as ações que foram sendo desenvolvidas a partir das relações de pesquisa e as próprias atividades do campo, caminharam numa relação entre a teoria e a prática. Fals Borda (2014) reflete sobre esse lugar entre a teoria e a prática na pesquisa inspirando-se na ideia aristotélica de *frônese*, que diz sobre uma sabedoria prática, e aponta para um caminho de pesquisa que se desenvolve entre o “córtex” e o “coração”, uma pesquisa “sentipensante”, visando um compromisso entre a construção de conhecimento e uma intencionalidade transformadora com o grupo no qual o pesquisador está envolvido.

Essa metodologia tem em sua base uma outra ideia de Fals Borda que é o “sentipensante”. O ser/agir sentipensante é ir além da lógica e da experimentação, é deixar ser levado também pela experiência e pelos afetos que surgem com a pesquisa, no contato com os outros. É uma fuga do modo positivista de se produzir ciências humanas e sociais. Toda a subjetividade do pesquisador, suas emoções e seus atravessamentos são acolhidos no fazer investigativo, estas interferem e produzem os resultados. Quem utiliza a IAP deve ser um pesquisador-militante e para ser um pesquisador-militante é necessário partir do lugar de sentipensante, o lugar de alguém que se envolve e se preocupa com a causa, que deseja algo além do elaborar ou discutir teorias, mas que principalmente deseja uma mudança social a partir das camadas populares e exploradas.

A escolha desse movimento de pesquisa-militante ganha força também com a teoria de descolonização do saber, de Mignolo (2010) em que se entende que, assim como a economia possui centros hegemônicos que exercem o poder sobre as periferias para manutenção do padrão colonial, o saber epistêmico também funciona como uma ferramenta da colonialidade que mantém e reproduz o poder sob os grupos marcados pelo patriarcado, racismo, sexismo e entre outros padrões. A colonialidade do saber está na produção/reprodução da ideia de totalidade, fazendo com que sejam negadas e apagadas todas as outras totalidades. Por isso, uma pesquisa que caminha pela decolonialidade do saber como a IAP, pode encontrar pistas contra-hegemônicas que favorecem a libertação de grupos e comunidades dos atravessamentos violentos e exploradores do cotidiano.

Esse “caminho” sentipensante, que tem como base estar entre o córtex e o coração, abre espaço à uma multiplicidade, dependendo das especificidades de cada pesquisa. O caminho, ou os caminhos, vão se estruturando de maneira única. Ao descrever o que nomeia como um manual da Investigação Ação Participante (IAP), Fals Borda (2014) expõe a expectativa da IAP ser expandida e as suas visões serem aplicadas em estudos diversos, desde aplicações locais em

idades e bairros, igrejas, famílias, empresas, até outros estudos nas escolas, universidades e nas artes. Isso faz com que a IAP mantenha os seus paradigmas éticos, de compromisso e transformação social e ao mesmo tempo promova uma diversidade de ações metodológicas que vão ganhando forma por meio do compromisso do pesquisador com a transformação social e as necessidades do grupo participante.

A IAP se diferencia como metodologia por carregar em sua filosofia uma ideia política de transformação social voltada para grupos de base, que só pode acontecer se houver uma dialogicidade entre os saberes e conhecimentos populares, e os saberes e conhecimentos científico-acadêmico. Durante o envolvimento da pesquisa, é necessário fortalecer a organização e a ampliação da consciência dos grupos participantes sobre a realidade em que vivem e identificar possibilidades para transformá-las. As decisões da pesquisa têm que estar voltadas para a causa e terem relevância social e política e deve-se haver uma validação do grupo para com o pesquisador-militante e o seu envolvimento com a causa (BRINGEL; MALDONADO, 2016).

Dessa forma, se fizermos um comparativo entre a pesquisa aqui realizada com os jovens e essa lógica de singularidade, pode-se afirmar que as ações desta pesquisa e os seus resultados dizem sobre uma inter-relação entre: o pesquisador, seus atravessamentos e suas demandas; os participantes, seus atravessamentos e suas demandas; e ainda, o campo, seus atravessamentos e as suas demandas. Essa inter-relação foi criando a sua própria forma e isso foi fazendo com que as necessidades de ações que foram surgindo fossem muito específicas.

Além da especificidade das ações, essa inter-relação também promoveu uma provocação teórica por parte do pesquisador que dialogava com a perspectiva da decolonialidade e buscava romper com as fronteiras dos conhecimentos acadêmicos e compartilhá-los no campo, apontando perspectivas outras para a leitura das relações sociais e seus fenômenos, o que promoveu uma fuga da lógica de neutralidade frente ao campo de pesquisa.

Os saberes teórico-científicos foram colocados em diálogo fazendo com que, ao mesmo tempo que resolvessem questões, outras fossem surgindo. O grupo gerava novos saberes a partir dos conhecimentos dos jovens e os seus olhares para o campo, tomando como perspectivas realidades e vivências locais da cidade que moram, mas também ampliando as críticas e conhecimentos a partir de um olhar global, “do que sabiam sobre o mundo”. Saberes estes que apontavam para uma atuação prática do racismo, como por exemplo a necessidade das mães pretas estarem sempre em alerta na tentativa de proteger os seus filhos da violência policial/institucional. Estando elas sempre orientando os filhos a andarem arrumados, sair

sempre com os documentos, ser o mais educado possível e evitar problemas, pois sabem que quando surge um problema “sempre sobra para eles”. Ainda através desse diálogo fomos refletindo também sobre o lugar da branquitude, no qual ouvimos relatos de alguns jovens brancos que estavam no grupo de não terem vivido esta realidade e quando viam a mãe de algum amigo agindo desta forma interpretavam de outras formas que não um olhar sobre as violências racistas.

Nesse contexto, também foram citadas outras vivências no ambiente familiar e na escola, séries e filmes que assistiam, reportagens que viam, tudo isso como um debate ao conteúdo científico e à construção de um saber próprio. Imagino que para acolher e compreender ou negar as teorias sobre colonialidades do poder, de gênero, contra-colonialidade, os jovens precisavam passar por esse processo de análise, comparações e críticas, até que pudessem tomar uma decisão que fizesse sentido à eles. Essas decisões não necessariamente aconteciam ali no grupo, no momento da discussão, o que víamos ali era apenas uma parte do processo, o que os jovens estavam fazendo com aqueles aprendizados naquele momento.

Fals Borda (2014) tensiona o lugar da ciência como verdade absoluta e discorre sobre um lugar de diálogo entre a ciência e os saberes populares. Para ele, o conhecimento técnico científico por si só pode ficar preso a um intelectualismo distante da vida prática, como um físico que pode fazer cálculos para levar um foguete à lua, enquanto uma comunidade “ao seu lado” não possui água. Ao mesmo tempo que o “senso comum” por si só pode caminhar para o obscurantismo, como temos visto atualmente ondas negacionistas e fascistas incentivando práticas em meio a uma pandemia que prejudicam a saúde. Portanto, Fals Borda (op. Cit.) afirma que o saber popular é o principal componente de construção da ciência e a ciência deve ser tensionada, revista e enriquecida, sendo necessário existir uma relação dialógica entre ciência e saber popular.

Ainda sobre esse lugar da discussão de teorias na pesquisa, de acordo com Mota Neto (2018), há um diálogo entre Orlando Fals Borda e Paulo Freire, quando dizem sobre esses processos de aprendizagem entre pesquisador e participantes, ambos apontam caminhos para uma pedagogia decolonial. Esta pedagogia decolonial funciona quando a educação, a expansão de saber, está diretamente ligada aos grupos oprimidos, organicamente ligadas às suas realidades cotidianas, promovendo uma relação dialógica. Essa relação dialógica é capaz de ir contra a colonialidade e o intelectualismo colonial.

Brandão (s/d) no seu escrito “Eles, Nós, Entre-Nós: algumas memórias e imaginários sobre a investigação-ação-participativa”, também coloca Orlando Fals Borda e Paulo Freire em

diálogo para citar as suas produções para uma pedagogia que se encontra entre a educação e a pesquisa e coloca pessoas, culturas e classes sociais em diálogos, em busca de um processo emancipatório. Esses processos emancipatórios se fundam na ideia de que “qualquer pessoa é uma fonte original e insubstituível do seu próprio saber”, portanto os saberes podem ser compartilhados, complementados/construídos em conjunto, mas nunca hierarquizados.

De acordo com Bringel & Maldonado (2016) toda a teoria de Fals Borda com a IAP caminha em busca de uma “sociologia da libertação”, sendo o campo da libertação um resultado das influências do pensamento crítico latino-americano da segunda metade do século XX, inspirado nos movimentos sociais e em pesquisadores, filósofos, sociólogos, psicólogos e pedagogos que estavam em um movimento de se pensar a ciência a favor dos povos oprimidos, como Paulo Freire, Ignacio Martín-Baró e Enrique Dussel. Esse campo da libertação é um campo transdisciplinar que reflete sobre consciências teóricas e práticas voltadas para a ruptura dos padrões coloniais e outras formas de opressão. Ainda segundo os autores, esse campo seria um projeto de subversão, libertação da negação do ser e suas singularidades, baseado na utopia de superação do capitalismo e outras opressões coloniais.

De acordo com Quijano (2014) o paradigma europeu de racionalidade foi desenvolvido no contexto de uma dominação europeia sob o resto do mundo e fazia parte dessa estrutura de poder colonial. Nesta racionalidade o sujeito é o indivíduo isolado, ele se constitui e se constitui diante de si, o objeto é uma entidade exterior ao sujeito. Assim o conhecimento se torna propriedade, criada nessa relação de análise entre o indivíduo e algo. Nesse processo a ideia de “Europa” ou “Ocidente” passa a ser uma admissão de identidade, mas que coloca os outros num lugar de desigual, promovendo uma hierarquia. É sustentado a lógica de que apenas a cultura europeia é racional e pode conter sujeito, os “outros” passam a ser objeto. Consequentemente nessa lógica da racionalidade europeia se torna impossível haver uma relação de troca de saberes entre culturas, visto que a relação entre “sujeito” e “objeto” só se dá pela exterioridade e não por uma intersubjetividade.

Dessa forma, quando uma metodologia propõe o diálogo e o questionamento de “verdades”, o acolhimento de outros saberes se torna possível, é construído uma relação de produção entre participantes, entre subjetividades, e não um olhar externo direcionado a algo. Há uma ruptura epistemológica com os modos de se produzir ciência a partir do hemisfério norte e uma ruptura à reprodução de estruturas de poder na produção de conhecimentos e no modo de olhar para a sociedade.

Foi experienciado no campo desta pesquisa um movimento que pode ser lido como um movimento de “subversão e libertação subjetiva” no qual, ao debatermos sobre o processo de

construção e desenvolvimento do colonialismo e os marcos que este processo foi deixado sobre a ideia de raça, surgiu dos próprios participantes (os que se consideravam “pardo”) a necessidade de compreender a sua identidade racial, colocando em questão a ideia de “pardo”, que é um produto da política colonialista de embranquecimento, e entre outras questões sobre a multiplicidade dos povos pretos. Com esse movimento, podemos dizer que os participantes subverterem as imposições de um apagamento étnico racial a partir de um lugar muito singular, se libertando desse *status quo* que o lugar do pardo coloca a população negra brasileira e buscando a compreensão da identidade de um modo mais complexo e aprofundado.

Se olharmos para este fato a partir da leitura que Frantz Fanon (2008) faz no livro “Peles negras, máscaras branca”, podemos perceber a importância dessa busca por uma identidade negra, visto que, segundo o autor, todo o processo de colonização e o modo que a sociedade e a branquitude se organiza produz nos povos pretos uma negação identitária e uma busca pelo lugar de “branco”. Esse lugar de “branco” envolve vários aspectos sociais e subjetivos, como a livre circulação em diversos espaços, a visualização da própria imagem dentro dos padrões de beleza, oportunidades para o acesso de altos cargos e etc. Aspectos estes que são constantemente negados e colocados num lugar de inalcançável para a população negra, produzindo nessas pessoas um auto-ódio, uma busca pelo embranquecimento e mantendo-as num lugar de dependência. Portanto, a construção de uma identidade e afirmação negra se faz extremamente importante, visto que quanto mais em busca do padrão do colonizador os povos pretos se colocarem, mais distantes das suas potencialidades estes ficarão e mais alimentada estará a engrenagem da colonialidade.

De acordo Quijano (1991), o poder colonial se coloca sob as identidades fazendo com que estas se percam no labirinto do colonialismo através de um apagamento histórico e essa perda da identidade esvazia e aprisiona os povos colonizados diante de uma dependência. Antonio Bispo dos Santos também nos oferta um olhar para essa questão das identidades a partir do processo de colonização brasileiro, os povos indígenas que aqui estavam possuíam vários nomes de acordo com os seus povos, porém os colonizadores insistiram de chamar todos de índios, assim como fizeram com os povos africanos os chamando de negros, desenvolvendo dessa forma a mesma técnica que são utilizada por adestradores, onde quando se quer adestrar um animal a primeira coisa que se faz é dar um novo nome a ele (SANTOS, 2019).

Para Fals Borda (2014) é necessário também que as “pessoas comuns” saibam mais sobre as suas próprias realidades para que possam defender os seus interesses das classes que monopolizam o saber. E os pesquisadores que sustentam uma ideia de neutralidade/objetividade

mantém o *status quo* no campo do saber, obscurecendo a realidade e impedindo transformações sociais e políticas que poderiam ser possibilitadas através desse compartilhamento.

A escolha por esse lugar de discussão de teorias, compartilhamento de saber e aprendizagens mútuas, foi produzindo também outro ponto de análise no que se refere a construção de uma outra relação entre pesquisador e participantes/”co-autores”, que não a relação sujeito-objeto. No campo da pesquisa, ao promover um grupo de discussão, todos ali estavam em relações de horizontalidades, não havia uma busca por uma verdade, a busca se dava pela construção de um olhar crítico para as questões de raça, racismo, gênero e outras colonialidades vivenciadas a partir das experiências no território da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Essa construção coletiva foi baseada em um ciclo que constava as seguintes etapas: compartilhamento teórico com o pesquisador - debate e enriquecimento das teorias com todos – produções e saberes dos participantes através de linguagens artísticas, linguagem esta que já era utilizada pelos participantes para abordar questões sociais nas ações do coletivo.

Para Fals Borda (2014) a superação da relação sujeito-objeto evita a mercantilização e coisificação de fenômenos. É necessário colocar pesquisador e participantes num lugar de seres “pensantes e sensíveis”, na qual a multiplicidade de olhares para os mesmos fenômenos possa ser considerados de modo comum. Ao abordar temas e teorias, os jovens participantes vinham compartilhando as suas histórias e experiências que eram ricas em saberes, traziam perspectivas muito singulares sobre os assuntos a partir de vivências práticas.

Nessas relações, as trocas, teorizações e produções foram acontecendo por meio de um envolvimento, o grupo era um local de encontro no qual todas as etapas metodológicas aconteciam, as questões iam surgindo e ligando um encontro ao outro, tudo que ia sendo produzido era produzido em conjunto, com todos os participantes tendo acesso a tudo. Fals Borda (2014) aponta que as discussões, análises e avaliações críticas dos “resultados da pesquisa” podem ser avaliadas e validadas no próprio campo de pesquisa, invertendo a lógica de o pesquisador coletar todos os dados, avaliar e depois devolvê-los aos participantes como resultados de pesquisa.

Essa ideia de envolvimento na pesquisa dialoga também com o conceito de biointeração de Antônio Bispo dos Santos (2015), no qual o autor aborda a necessidade de superação das ideias sintéticas e insustentáveis do sistema colonizador capitalista, em que matérias orgânicas são retiradas da natureza e nunca mais podem ser devolvidas e reaproveitadas pela própria natureza, pois dali foi criado um material/produto sintético, como a borracha e o plástico que demoram anos e anos para se decompor. Diferente de produtos que podem ser extraídos, utilizados e reeditados, como cestos de palha, panelas de barro e etc.

Se trouxermos esse conceito de biointeração para a pesquisa podemos pensar que produzir efeitos nos participantes e na comunidade durante a pesquisa acadêmica é estar numa relação de biointeração, na qual os conteúdos que estão sendo produzidos não viram meros conceitos ou justificativas (sintéticas) que não funcionam na prática, mas todo o envolvimento produz aprendizados, ações e produtos (orgânicos) que se tornam úteis para os participantes durante a realização da pesquisa.

Entre os envolvimento do campo, também é válido observar o uso de múltiplas linguagens no qual ocorreu um encontro entre as artes, as ciências e o saber popular. Fals Borda (2014) nomeia essa multidisciplinaridade como “fronteira”, um lugar de encontro, lugar “cinzento” no qual a ciência e a arte se encontram e ainda é pouco explorado. Como pode-se ver no campo da pesquisa, a arte por si só produz respostas, a ciência e outros saberes vem acompanhando-a como em uma dança e juntas realizam outros passos, apoiando e pluralizando as respostas que já existiam.

Como citado nos resultados, abordar temas sociais a partir das linguagens artísticas produziu um enriquecimento no debate. Seguindo aquela lógica da pesquisa que caminha entre o “córtex” e o “coração”, Fals Borda (2014) afirma que a razão precisa ser enriquecida pela emoção e assim a pesquisa poderá se tornar uma epistemologia holística. Portanto, suponho aqui que a arte como uma ferramenta de comunicação, aprendizado e produção de saber, pode ser um importante caminho para enriquecer a razão com a emoção. A liberdade que é produzida pela criação artística, não anula os saberes científicos nem a razão, apenas o complementa com outras visões, visões estas que carregam toda uma subjetividade de quem cria.

Um outro ponto que também surgiu no campo é que a arte produzida na periferia por si só produz “embates” a padrões coloniais. Para se produzir arte na periferia, normalmente os moradores necessitam de toda uma construção de redes e produção de saídas para superar a falta de investimento público e a má distribuição do acesso à cultura, como é o caso do Coletivo Cultura Zona Oeste. E dentro dos processos artísticos, ocorrem outros embates, como por exemplo quando performances artísticas necessitam que quem vai realizá-la se desprenda da performance de gênero imposta pelo hétero-patriarcado e se disponha a fazer arte, indo além dos padrões, como foi citado pelos jovens participantes. Segundo Lugones (2008), o dualismo sexual, a binaridade de gênero e a imposição do hétero-patriarcado são construções dos povos colonizadores que foram impostas sob os povos colonizados, produzindo ainda mais relações de poder e justificativas para se manterem num topo de uma pirâmide de opressão. Nesse processo houve uma imposição da cultura e crenças do colonizador sobre os colonizados, apagando assim outros modos de se pensar e relacionar com as questões de sexualidade e

gênero. Portanto, a construção ou provocação de outros modos de “performar” gênero ou refletir sobre o conceito promovidas nas ações artísticas da periferia, podem ser lidas como ações de “embate” aos padrões coloniais.

Todas essas movimentações e ações de embates contra os padrões coloniais podem ser lidas a partir do conceito de contra-colonialidade de Antônio Bispo dos Santos (2019), que são ações de resistência cotidianas na qual as populações que estão às margens, que são oprimidas, precisam criar estratégias de vida de sobrevivência diante de tantas imposições, e não de uma vida qualquer, mas uma vida que faça sentido, que esteja de acordo com as suas culturas, identidades, ancestralidades. Portanto estratégias para a diversão, lazer, criação artística e produção cultural são estratégias contra-coloniais de um povo que tem a arte e a cultura na sua veia ancestral, o povo que criou o samba, a capoeira, o maculelê, formas de se fazer teatro, estilos de dança e etc., mas que ainda a colonialidade tenta o afastar disso, a fim de explorar essas culturas tornando-as produtos mercadológicos.

Portanto, com essas possibilidades e confrontos já presentes no fazer artístico da margem, ao uni-los à ciência, outros confrontos também podem acontecer, fazendo com que o processo se torne mais enriquecido, mais crítico.

Olhando para os processos da pesquisa e principalmente tomando como base os relatos das participantes na reunião de fechamento do campo, pode-se perceber que esta pesquisa se tornou uma pesquisa útil para os participantes e foi se desenhando como pesquisa "sentipensante", na medida em que os participantes sentiram, participaram e conduziram o processo de tomada de produção de um saber que não era acadêmico tão somente, nem conhecimento popular, tampouco. Mas no encontro desses saberes, uma “epistemologia periférica” foi sendo desenhada conjuntamente entre pesquisador e participantes.

Cada um utilizou os aprendizados, experiências e criações da pesquisa de uma forma, para uns a pesquisa serviu como uma válvula de escape durante a pandemia, para outros um lugar de expansão de conhecimentos e aprendizados e ainda, segundo o relato de uma das líderes do coletivo, a pesquisa serviu como uma ferramenta para o coletivo olhar para seus próprios caminhos e observar/analisar o que estavam fazendo até aqui. Além de todos os atravessamentos subjetivos que as discussões, as produções artísticas e outras ações foram produzindo durante os caminhos.

De acordo com Fals Borda (2014) todos esses posicionamentos éticos que estão implicados a uma pesquisa participativa, tornam esta uma ferramenta de mudanças no comportamento pessoal e também transformações sociais e coletivas. A pesquisa vai além das necessidades do pesquisador e permite que os participantes também encontrem utilidades nela,

formas de trazê-la para o seu cotidiano. Ainda de acordo com o autor, este tipo de pesquisa da qual nomeia como Investigação Ação-Participante (IAP) vai além de uma “simples busca de conhecimento” e se implica a uma transformação nas atitudes e valores individuais, na personalidade e na cultura.

Todas essas escolhas e posicionamentos estão ligadas à ideia de Fals Borda (2015) de que as ferramentas de pesquisas não possuem vida própria, mas assumem o significado que o pesquisador lhe dá, produzindo efeitos nos mais diversos campos da vida e dos conhecimentos. Portanto, as escolhas da pesquisa devem estar em diálogo com os nossos propósitos, posicionamentos e comprometimento social, assumindo que uma pesquisa pode ter impactos sociais, políticos e econômicos. Logo, Fals Borda defende a necessidade das pesquisas que são realizadas com grupos minoritários caminharem contra os processos de opressão e apagamentos impostos pela colonialidade, capitalismo e a globalização.

Um outro ponto de reflexão para os caminhos tomados nesta pesquisa é o das insurgências negras. Claudia Miranda (2018a) discorre sobre os enfrentamentos do Movimento Negro em diversos âmbitos sociais, a fim da garantia de vida e promoção dos direitos da população afrodescendente e chama atenção para a importância desses movimentos ocorrerem também no âmbito acadêmico, este lugar de produção de ciência no qual os processos coloniais e os padrões embranquecidos estão presentes e refletindo nas produções de saber.

Segundo Miranda (2018a), todo o processo de garantir reserva de vagas para as populações pobres, negras e indígenas nas universidades, realizado por movimentos sociais e movimentos de dentro das próprias instituições, foi um movimento de deslocamento. Visto que, a universidade abre espaço para a formulação de políticas, a realização de pesquisas e a compreensão das problemáticas que afetam a população negra. E, principalmente a universidade pública se torna um local no qual a população negra exige da sociedade um lugar de ser pleno e ter as suas demandas atendidas.

Ainda segundo a autora, essa luta por acesso também diz sobre um embate político necessário para superar uma perspectiva monocultural na produção acadêmica e ir em busca de produções interculturais, que valorizem a diversidade e estejam direcionadas às lutas contra todas formas de discriminação e desigualdades. Todo esse embate está baseado na ideia de que a universidade se fixa a partir de supremacias ideológicas e ir ao embate dessas supremacias criando outras narrativas, ampliando conceitos, questionando sobre o que é “legítimo” e o que é “legitimado”, diz sobre uma coexistência no mundo simbólico e no campo da vida (MIRANDA, 2018a).

No escrito “Politización de la investigación académica y demanda afrodescendente” Miranda (2018b) aponta que as heranças coloniais foram fixadas nas universidades e ainda complementam práticas contemporâneas de submissão, reinventam práticas do racismo institucional e impõem violências simbólicas. Nesse processo as culturas europeias, suas indicações teóricas e metodológicas ocupam um lugar central de legitimidade, enquanto outras culturas e suas indicações teóricas e metodológicas são desvalorizadas.

Trazemos para cá tais reflexões a fim de afirmar que essa pesquisa de dissertação foi sendo desenvolvida nesse lugar de disputa, no qual a minha identidade, os meus posicionamentos ético-políticos estavam o tempo inteiro em conflito numa busca por um caminho de congruência, no qual as coisas fizessem sentido. Portanto, o campo foi construído a partir desse lugar de conflito, procurei me colocar diante da academia num lugar de incerteza, mas sem esquecer dos meus posicionamentos nem dos atravessamentos sociais que me perpassavam. Enquanto que junto aos participantes, fui buscando compartilhar a ideia de “estou aqui para aprender”, aprender sobre teorias, aprender sobre sociedade e aprender sobre modos de fazer pesquisa. Tudo que era decidido previamente por mim era compartilhado com os participantes e questionado se também fazia sentido para eles.

A multiplicidade na linguagem da pesquisa também parte desse aspecto pessoal e do compartilhamento dos caminhos com os participantes, assim como eles produzem arte em um coletivo, eu vim de um grupo artísticos que promoviam diversas ações sociais, tive diversas experiências como instrutor de circo-teatro em escolas públicas e projetos sociais trabalhando com a juventude, em sua maioria negra, e abordando essas questões ali através da arte e do que os meus aprendizados como estudante de psicologia, naquela época, podiam oferecer.

Assim como esses jovens buscam através do coletivo abordar questões sociais, étnicas e raciais, e outras questões diversas que atravessam a periferia, eu parto de um bairro que fica às margens de uma cidade do interior da Bahia e durante a graduação já buscava com os recursos que possuía compreender questões étnicas e sociais que eram demarcadoras e atravessavam aquele lugar e o meu lugar enquanto sujeito social, a fim de encontrar soluções e caminhos para a resolução dessas problemáticas.

Foi entre similaridades e diferenças, e na tentativa de identificar processos de descolonização dos corpos juvenis nos movimentos artísticos de periferia, que os caminhos da pesquisa foram se desenhando e possibilitando a construção de saberes com uma juventude que se posiciona e promove conhecimentos com bases nas suas vivências e seus cotidianos, sobre corpos periféricos que fazem arte e através disso se comunicam e se posicionam, muitas vezes

sem precisar dizer uma palavra, e possibilitando a construção de uma pesquisa útil e comprometida com as transformações sociais.

Deixo de mim para a pesquisa uma disponibilidade para repensar conceitos, visões e perspectivas voltadas para questões críticas, políticas e de transformação a fim de usar as minhas ferramentas teóricas e práticas como ferramentas de embate a padrões coloniais e forças hegemônicas, seja pesquisando-escrevendo, fazendo arte ou atuando como psicólogo, sempre junto às pessoas. E esta pesquisa deixa em mim um olhar para a multiplicidade, para o minucioso, aquilo que passa despercebido, mas quando é dada a devida atenção é que se percebe o seu significado. Deixa também questões sobre as possibilidades de existir e de ser genuíno, de poder dançar, fazer festa, se divertir e o quanto isso ocupa uma dimensão sem tamanho para grupos de pessoas que sofrem constantes opressões coloniais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de registrar essa pesquisa como uma tentativa de transformação social. Não me refiro a esta tentativa como um lugar de falha ou de incompetência, refiro-me a ela a partir da crença na potencialidade transformadora que uma pesquisa pode ter, algo que pode possibilitar ainda mais do que foi construído aqui no nível da ação, da participação e transformação social.

As ações desenvolvidas, o nível de participação e o impacto da transformação social são aspectos que foram sendo definidos a partir de diversos fatores que atravessavam a pesquisa e determinaram caminhos, produzindo outros formatos.

Podemos destacar as principais questões na definição da forma em que esta pesquisa foi sendo “gestada”, processada, realizada e resultados produzidos, no que se refere a: 1. esta pesquisa se trata de uma dissertação, um mestrado, local/curso de pós-graduação para aprender a ser pesquisador, portanto tudo foi sendo construído no caminho, inclusive o contato com a perspectiva teórico-metodológica da IAP e seus ensinamentos; 2. fomos atravessados por uma pandemia durante o percurso de pesquisa e todas as ações precisaram ocorrer virtualmente, pois não tínhamos muitas informações e evidências sobre o vírus, sua reprodução e seus efeitos, questões que ainda hoje estão sendo estudadas e investigadas.

Todos esses fenômenos fizeram parte dos desenhos e caminhos trilhados por esta pesquisa e, apoiado no suporte teórico-metodológico e comprometimento com os participantes, permitiu que fôssemos (pesquisador e participantes) desenvolvendo cada etapa a fim de continuar mantendo a filosofia da ação-participante a partir de um fazer pesquisa “útil” até chegarmos aos resultados.

Com todos esses processos, analiso o lugar de “tentativa” como um lugar comum quando se trata de uma pesquisa de Intervenção Ação-Participante, visto que os envolvidos na pesquisa possuem ideias, desejos, comprometerimentos, mas o modo que isso vai ganhando forma durante as ações vão depender dos diversos fatores internos e externos. Sendo assim, as tomadas de decisões e os caminhos no qual a pesquisa foi se desenvolvendo passou a ocupar um lugar de extrema importância no desenvolvimento desta perspectiva teórico-metodológica e a sua filosofia de transformação social. Considero que anterior a qualquer ação, o comprometimento e a ética com o grupo envolvido na pesquisa e as suas causas devem ser algo concreto e servir de base para as tomadas de decisões e definição dos caminhos da pesquisa.

Ao invés de “tratar de” população negra, povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, juventude periférica e outros grupos que estão à margem da sociedade, é ideal “trabalhar com”, tornar as questões do estudo uma questão para os próprios participantes. Ao se posicionar diante de grupos que sofrem diversas opressões coloniais a academia e os/as acadêmicos/as devem se colocar num lugar de oferecer ferramentas para resoluções, para potencializar movimentos contra-coloniais, movimentos de produção de vida e que tenham significado para estes grupos, tornando a pesquisa uma ferramenta útil e transformadora para o campo e os seus participantes, ampliando a perspectiva do caminho acadêmico para além da concessão de títulos e produção científica.

Passar por este processo de pesquisa me fez construir a representação de um pesquisador-aprendiz. Nessa representação o pesquisador-aprendiz, diferente daquele que deseja apenas “comprovar” uma hipótese, é um pesquisador que se dispõe a aprender para transformar/construir. Nessa lógica, o pesquisador assume que possui as suas bagagens teóricas, metodológicas, vivenciais, mas ao se encaminhar para o campo tudo vira uma incerteza, é posto ao diálogo e reflexão, na busca de tentar reaprender novas conceitos, refletir sobre as suas bagagens, crenças e enxergar coisas que antes eram passadas despercebidas.

Esse processo me lembra algo que é muito comum de se ouvir durante a formação de psicologia que é o lugar da ignorância-sabida, que trata-se de assumir um lugar de que não se sabe sobre o outro, mesmo diante de todas as teorias e experiências anteriores, deve-se assumir que toda pessoa/situação que se apresenta a você é singular, única, e diante dela você deve ocupar o lugar do “não saber”. Esse lugar do “não saber” automaticamente chama para cena a curiosidade e os questionamentos e é nesse processo de investigar e refletir/questionar que outros saberes vão sendo produzidos.

Por ter uma aproximação/já ter vivido muitas das questões trazidas para a pesquisa, inicialmente tive a impressão de já saber sobre juventudes, periferias e produções artístico-

culturais periféricas, como se os conceitos e formas já estivessem prontos. Porém, estar junto dos participantes, assumir o lugar da “ignorância-sabida” e me propor a construir os saberes de maneira coletiva, me permitiu olhar para a multiplicidade que é ser “jovem”, a multiplicidade que é ser “periférico” e ainda a multiplicidade das intenções, desejos e expectativas produzidas ao fazer arte na periferia. Todos esses “lugares” e demarcações sociais constroem histórias, atravessam as subjetividades e deixam marcas nas pessoas, mas em momento nenhum as definem.

Durante a pesquisa ocorreu uma farta troca de saberes, em que a ciência e o saber popular estavam em diálogo e se relacionavam o tempo inteiro. Assim como a pesquisa foi sendo produzida através de uma intersubjetividade, os encontros entre os participantes eram um encontro de subjetividades, todos estavam dispostos a aprender e discutir algo, sem carregar ou impor verdades de uma forma dura. Esse ponto de encontro entre diferentes modos de saber colocados lado a lado e a possibilidade de interação entre subjetividades, produziu uma fórmula que exigiu de nós estar no lugar da “ignorância-sabida”, se dispor a colocar-se como pesquisador-aprendiz e construir/reconstruir saberes durante o processo.

Gostaria também de refletir sobre o lugar da pesquisa como um impulso para promover transformações sociais. O suporte que é promovido pelo “apoio institucional” da universidade, o tempo que é organizado e voltado para a realização e as escolhas teórico-metodológicas, neste tipo de pesquisa, faz com que nos desafiem a nos colocar diante das causas sociais através de modos outros que estão para além dos modos já praticados no cotidiano. A pesquisa se torna uma ferramenta que promove um terreno fértil para promover ações e a partir delas muitas coisas podem ser criadas numa micropolítica, a fim de promover brechas para outros modos de vidas que vão na contracorrente aos padrões e imposições coloniais.

Aqui, diversas ações foram sendo produzidas no campo da pesquisa, desde apresentações artísticas sociais levando arte e entretenimento para pessoas que não tem fácil acesso a esse tipo de conteúdo, promoção de acolhimento psicológico, até inscrições em editais a fim de colaborar com ações de distribuição de alimentos e produtos de higiene para pessoas necessitadas em meio a pandemia. O pesquisador e os participantes criaram uma relação na qual posicionamentos, visões de mundo e aspirações se alinhavam e a partir daí as ações iam acontecendo a partir das ferramentas que cada um possuía e podia oferecer, desenhando relações de parceria, criação de redes e ações no território. Em meio a esse movimento muitas relações afetivas foram sendo criadas e se mantendo mesmo após a pesquisa, assim como o contato para ações e propostas futuras que envolvam questões sociais-territoriais.

Desse modo, podemos refletir também que as andanças pelo bairro, as conversas com os participantes, assim como seus familiares e amigos, as visitas fora do roteiro e as parcerias firmadas foram fatores importantes para se produzir a pesquisa como dispositivo de redes e participação comunitária. Ações que a depender da perspectiva teórico-metodológica que olharmos podem parecer ações externas a pesquisa, mas quando tratamos do posicionamento teórico-metodológico escolhido aqui, é perceptível que só foi possível construí-la desse modo por meio desses fatores.

Por fim, acredito que esta pesquisa tenha nos dado pistas para uma epistemologia periférica produzida em meio a movimentos coletivos e participantes, produções artísticas periféricas, ações contra-coloniais e uma lógica resolutiva. O envolvimento desses fatores forjaram caminhos para se pensar problemáticas produzidas pelos padrões coloniais (racismo, sexismo, LGBTfobia, exclusão social) a partir de um lugar de “o que podemos fazer?”. Esse questionamento diz sobre uma emergência dos povos que estão à margem para resolver as questões que os afligem, os violentam. Apenas refletir, questionar e criar teorias sobre essas questões não é o necessário, é necessário agir no lugar do duplo, pensar e colocar a mão na massa, questionar e criar propostas. É necessário promover ações que sejam resolutivas e que posam atuar nos mais diversos âmbitos da existência humana.

Dessa forma, deixo aqui essas inquietações sobre o modo de se produzir saberes e o modo de agir no campo de pesquisa como ferramentas que podem caminhar em direção à uma sociedade mais igualitária, crítica e que produza mais possibilidades e oportunidades, particularmente, às juventudes urbanas periféricas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AQUINO, E. M.L et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Salvador, v. 25, p. 2423-2446, 2020.

BALCAZAR, F. E. **Investigación acción participativa (IAP): Aspectos conceptuales y dificultades de implementación**. Fundamentos em Humanidades, Argentina, v. IV, n. 7-8, pp. 59-77, 2003.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. **Questões de sociologia**, Rio de Janeiro, p. 112-121, 1983.

BRANDÃO, C. R. “Eles, Nós, Entre-Nós” algumas memórias e imaginários sobre e a **investigação-ação-participativa**. Rosa dos Ventos. s/d. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/escritos/PESQUISA/PESQUISA%20PARTICIPANTE/ELES,%20N%C3%93S,%20ENTRE-N%C3%93S%20-%20rosa%20dos%20ventos.pdf> Acesso em 06 de março de 2021.

BRINGEL, B.; MALDONADO, E. E. Pensamento crítico latino-americano e pesquisa militante em Orlando Fals Borda: práxis, subversão e libertação. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 389-413, 2016. DOI: 10.12957/dep.2016.21832| ISSN: 2179-8966

FALS BORDA, O. Cómo investigar la realidad para transformarla. In: FALS BORDA, O.; MONCAYO, V. M. **Una sociología sentipensante para América Latina**, México: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, p. 253-301, 2015. ISBN-13: 978-607-03-0679-2

FALS BORDA, O. Orígenes universales y retos actuales de la IAP. In: FARFÁN, N. A. H.; GUZMÁN, L. L. (comp.). **Ciencia, compromiso y cambio social**. 2 ed. Montevideo: Editorial El Colectivo, Colección: Pensamiento Latinoamericano, p. 265-282, 2014. ISBN: 978-9974-0-1125-0

FALS BORDA, O. Reflexiones sobre la aplicación del método de estudio-acción en Colombia. In: FARFÁN, N. A. H.; GUZMÁN, L. L. (comp.). **Ciencia, compromiso y cambio social**. 2 ed. Montevideo: Editorial El Colectivo, Colección: Pensamiento Latinoamericano, p. 265-282, 2014. ISBN: 978-9974-0-1125-0

FANNON, F. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro, 2018.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS, **Dados do Rio: bairros**. Disponível em:

<<http://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=9843cc37b0544b55bd5625e96411b0ee>> Acessado em: 07 de abril de 2020.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS, **Escolas Estaduais**. Disponível em:

<http://www.data.rio/datasets/escolas-estaduais/data?orderBy=Bairro&page=10&selectedAttribute=Cod_Municipio> Acessado em: 07 de abril de 2020.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS, **População residente por cor ou raça, segundo Áreas de Planejamento (AP), Regiões de Planejamento (RP), Regiões Administrativas (RA) e Bairros no Município do Rio de Janeiro – 2010**. Disponível em:

<<http://www.data.rio/datasets/popula%C3%A7%C3%A3o-residente-por-cor-ou-ra%C3%A7a-segundo-as-%C3%A1reas-de-planejamento-ap-regi%C3%B5es-de-planejamento-rp-regi%C3%B5es-administrativas-ra-e-bairros-no-munic%C3%ADpio-do-rio-de-janeiro-2010>> Acessado em: 07 de abril de 2020.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS, **Conhecendo o Rio: Transportes do Rio**. Disponível em:

<<https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=0da4fd2089564efd9d0cfd8ecc0753f9#>> Acessado em: 07 de abril de 2020.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS, **Unidades de Saúde**. Disponível em:

<<http://www.data.rio/datasets/unidades-de-sa%C3%BAde?orderBy=BAIRRO&page=7>>. Acessado em: 07 de abril de 2020.

LUGONES, M. **Colonialidad y Género**. Tabula Rasa, Bogotá – Colombia, n. 9, pp. 73-101, 2008.

LUGONES, M. **Rumo a um feminismo decolonial**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, pp 935-952, 2014.

MALDONADO, N. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. In: GOMÉZ, S. C.; GROSFUGUEL, R. El giro decolonial. Siglo del Hombre Editores, Bogotá, pp. 127-168, 2007.

MELUCCI, A. **Um objetivo para os movimentos sociais?**. Revista Lua Nova, p. 49-66, 1989.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica: Retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Linha do tempo**. Disponível em:

<<https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/#fev2020>> Acesso em 06 de mar. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE . **Painel Corona Vírus**. Disponível em:

<<https://covid.saude.gov.br/>> Acesso em 06 de mar. 2021.

MIRANDA, C. Das insurgências e deslocamentos intelectuais negros e negras: movimentos sociais, universidade e pensamento social brasileiro, século XX e XXI. **Revista da ABPN**, Uberlândia, v.10, n. 25, p329-345, 2018. DOI 10.31418/2177-2770

MIRANDA, C. Politización de la investigación académica y demanda afrodescendiente. In: CLACSO (org.) **Afrodescendencias: Voces en resistencia**, ed. Rosa Campoalegre Septien, Buenos Aires, p. 37-58, 2018. ISBN 978-987-722-339-2

MOTA NETO, J. C. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. **Folios**, Bogotá, n. 48, p. 3-13, 2018.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise social**, v.15, p. 139-165, 1990.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciências sociales. FLACSO: Perspectivas latinoamericanas, Buenos Aires, pp. 201-246, 2000.

QUIJANO, A. **Colonialidade, poder, globalização e democracia**. Novos Rumos, v. 17, n. 37, 2002.

QUIJANO, A. **Colonialidad y modernidad-racionalidad**. In: PALERMO, Z.; QUINTERO, P. Aníbal Quijano: Textos de Fundación. Ediciones del Signo, Buenos Aires, 2014.

QUIJANO, A. **¡Qué tal raza!**. Revista del CESLA, ed. 1, pp. 192-200, 2000.

QUIJANO, A. **¿Sobrevivirá América Latina?**. Publicado em português em Perspectiva , São Paulo, v. 7, n. 2, pp. 60 – 67, 1991.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: AYÔ, 2ª ed., 2019.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, INCTI., 2015.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re) existência juvenil em territórios culturais. **Fractal: Revista de Psicologia - Dossiê Psicologia e epistemologias contrahegemônicas**, Niterói, v. 31, n. esp., p. 256-262, 2019. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29028

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. **Periferias (in)visíveis: o território-vivo da Brasilândia na perspectiva de jovens moradores**. Distúrb Comun, São Paulo, p. 144-157, 2017.

APÊNDICE A – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 1

Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

INFORMAÇÃO AOS PARTICIPANTES

1) Convite

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa A descolonização do corpo através da arte: um estudo da psicossociologia com jovens urbanos periféricos na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Antes de decidir se participará, é importante que você entenda porque o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.

2) O que é o projeto?

É uma pesquisa que busca identificar porque os coletivos da Zona Oeste utilizam a arte em seus trabalhos com a juventude, como forma de ativismo e militância. E também, qual o resultado desses trabalhos na vida dos jovens.

3) Qual é o objetivo do estudo?

O objetivo do estudo é compreender o que a arte produz nos jovens que participam de coletivos culturais e se essas produções contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico e a luta por direitos sociais.

4) Por que eu fui escolhido(a)?

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "A descolonização do corpo através da arte: um estudo da psicossociologia com jovens urbanos periféricos na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro." por ser um jovem que participa de um coletivo que promove atividades artísticas e culturais, ou por ser o responsável pela promoção dessas atividades para outros jovens.

5) Eu tenho que participar?

Você é quem decide se gostaria de participar ou não deste estudo/pesquisa. Se decidir participar do projeto, você receberá uma cópia do Registro para guardar e deverá preencher este registro de consentimento. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo. E caso deseje, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, comitê responsável pela integridade (saúde e bem estar) dos participantes da pesquisa, mais abaixo neste registro pode ser encontrado o contato do Comitê de Ética em Pesquisa.

6) O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?

Caso concorde com a participação dele(a) em nossa pesquisa, vamos realizar bate-papo, rodas de conversa e oficinas de maneira online através de um grupo de whatsapp com todos os participantes e por meio de vídeos.

7) O que é exigido de mim nesse estudo além da prática de rotina?

Para participar da pesquisa os participantes precisam de alguma tecnologia, como celular, tablet ou computador, visto que as etapas da pesquisa ocorrerão de maneira online.

8) Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?

De acordo com as Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas envolvem riscos, ainda que mínimos. Esta pesquisa apresenta riscos mínimos para os participantes, uma vez que serão utilizados recursos para preservar a sua identidade. Existe o risco de constrangimento e desconforto nas entrevistas e grupos, no entanto, caso isso venha a acontecer, você terá direito a se abster das atividades, sem nenhum prejuízo para si.

9) Quais são os possíveis benefícios de participar?

Ao participar da pesquisa você poderá aprender uma nova técnica artística através das oficinas que serão realizadas, podendo após a pesquisa explorar a linguagem circense nos seus futuros trabalhos. Sua participação ainda auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para esta pesquisa, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para pensar em práticas e políticas voltadas para jovens nas periferias.

10) O que acontece quando o estudo termina?

Você tem o direito de ser mantido atualizado(a) sobre os resultados da pesquisa. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos pesquisadores responsáveis. E quando a pesquisa for finalizada entraremos em contato com todos os participantes para um encontro e troca de saberes sobre os resultados e possíveis desdobramentos da pesquisa.

11) E se algo der errado?

Sua participação é voluntária e não acarretará em gastos para sua colaboração e portanto, não haverá compensação em dinheiro por ela. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo pessoal ou profissional e não interferirá em suas atividades no seu local de serviço.

12) O que preciso fazer para participar?

Sua participação começa a partir da assinatura deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, as próximas etapas da pesquisa será informada pelo pesquisador.

13) Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação, a menos que o participante deseje o contrário.

14) Contato para informações adicionais:

Dados do(a) pesquisador(a) responsável: Jean Vitor Alves Fontes – Rua do Catete, 90. Glória, Rio de Janeiro - RJ. (75) 992641701 – Email: jean.vitor37@gmail.com

Dados do CEP: Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – Email: cep.cfch@gmail.com

15) Remunerações financeiras

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa.

***Obrigatório**

Obrigado por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, preencha as informações solicitada abaixo neste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. Você receberá uma cópia deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido e deve guardá-lo para seu próprio registro

1. *

Marque todas que se aplicam.

- 1 – Confirmando que li e entendi a folha de informações para o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.
- 2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.
- 3 – Concordo em participar da pesquisa acima.

2. Nome Completo do Participante *

3. Número do CPF *

4. Data de aceitação *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 2

Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

Informações aos responsáveis pelos participantes menores de 18 anos

1) Convite

Seu filho(a) ou o(a) menor pelo qual você é responsável está sendo convidado(a) a participar da pesquisa A descolonização do corpo através da arte: um estudo da psicossociologia com jovens urbanos periféricos na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Antes de decidir se ele/ela participará, é importante que você entenda porque o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.

2) O que é o projeto?

É uma pesquisa que busca identificar porque os coletivos da Zona Oeste utilizam a arte em seus trabalhos com a juventude, como forma de ativismo e militância. E também qual o resultado desses trabalhos na vida dos jovens.

3) Qual é o objetivo do estudo?

O objetivo do estudo é compreender o que a arte produz nos jovens que participam de coletivos culturais e se essas produções contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico e a luta por direitos sociais.

4) Por que ele/ela foi escolhido(a)?

Por ser um/uma jovem que participa de um coletivo que promove atividades artísticas e culturais.

5) Ele/ela tem que participar?

Você é quem decide se eles podem participar ou não desta pesquisa. Se decidir que sim, você receberá uma cópia do Registro para guardar e deverá preencher este registro de consentimento. Mesmo se você decidir que ele/ela pode participar, você ou eles ainda têm a liberdade de se retirar ou retirar a autorização para participar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo. E caso desejem, podem entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, comitê responsável pela integridade (saúde e bem estar) dos participantes da pesquisa, mais abaixo neste registro pode ser encontrado o contato do Comitê de Ética em Pesquisa.

6) O que acontecerá com ele/ela se participar? O que tem que fazer?

Caso concorde com a participação dele(a) em nossa pesquisa, vamos realizar bate-papo, rodas de conversa e oficinas de maneira online através de um grupo de whatsapp com todos os participantes e por meio de vídeos.

7) O que é exigido de nós nesse estudo além da prática de rotina?

Para participar da pesquisa os participantes precisam de alguma tecnologia, como celular, tablet ou computador dele ou compartilhado, visto que as etapas da pesquisa ocorrerão de maneira online.

8) Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?

De acordo com as Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas envolvem riscos, ainda que mínimos. Esta pesquisa apresenta riscos mínimos para os participantes, uma vez que serão utilizados recursos para preservar a sua identidade. Existe o risco de constrangimento e

desconforto nas entrevistas e grupos, no entanto, caso isso venha a acontecer, você/eles terão o direito a se abster das atividades, sem nenhum prejuízo para si.

9) Quais são os possíveis benefícios de participar?

Ao participar da pesquisa ele/ela poderá aprender uma nova técnica artística através das oficinas que serão realizadas, podendo após a pesquisa explorar a linguagem circense nos seus futuros trabalhos. A participação ainda auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para esta pesquisa, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para pensar em práticas e políticas voltadas para jovens nas periferias.

10) O que acontece quando o estudo termina?

Vocês têm o direito de serem mantidos atualizados(as) sobre os resultados da pesquisa. Em qualquer etapa do estudo, vocês terão acesso aos pesquisadores responsáveis. E quando a pesquisa for finalizada entraremos em contato com todos os participantes para um encontro e troca de saberes sobre os resultados e possíveis desdobramentos da pesquisa.

11) E se algo der errado?

A participação é voluntária e não acarretará em gastos para a colaboração e portanto, não haverá compensação em dinheiro por ela. A qualquer momento você/eles podem desistir de participar e retirar o consentimento. A recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo pessoal ou profissional e não interferirá em suas atividades no seu local de serviço.

12) O que preciso fazer para ele (a) participar?

Você precisa preencher este Registro de Consentimento Livre e Esclarecido e ele(a) precisará preencher o Registro de Assentimento Livre e Esclarecido. As próximas etapas da pesquisa será informada pelo pesquisador.

13) Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre a participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas nome fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

14) Contato para informações adicionais

Dados do(a) pesquisador(a) responsável: Jean Vitor Alves Fontes – Rua do Catete, 90. Glória, Rio de Janeiro - RJ. (75) 992641 701 – Email: jean.vitor37@gmail.com

Dados do CEP: Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – Email: cep.cfch@gmail.com

15) Remunerações financeiras

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa.

***Obrigatório**

Obrigado por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, preencha as informações solicitada abaixo neste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. Você receberá uma cópia deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido e deve guardá-lo para seu próprio registro

1. *

Marque todas que se aplicam.

- 1 – Confirmando que li e entendi a folha de informações para o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.
- 2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.
- 3 – Concordo em participar da pesquisa acima.

2. Nome Completo do responsável pelo participante *

3. Número do CPF do responsável *

4. Nome do participante *

5. Número de CPF do participante *

6. Data de aceitação *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE C – REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido

Informações aos participantes menores de 18 anos

1) Convite

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa A descolonização do corpo através da arte: um estudo da psicossociologia com jovens urbanos periféricos na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Antes de decidir se participará, é importante que você entenda porque o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.

2) O que é o projeto?

É uma pesquisa que busca identificar porque os coletivos da Zona Oeste utilizam a arte em seus trabalhos com a juventude, como forma de ativismo e militância. E também qual o resultado desses trabalhos na vida dos jovens.

3) Qual é o objetivo do estudo?

O objetivo do estudo é compreender o que a arte produz nos jovens que participam de coletivos culturais e se essas produções contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico e a luta por direitos sociais.

4) Por que eu fui escolhido(a)?

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "A descolonização do corpo através da arte: um estudo da psicossociologia com jovens urbanos periféricos na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro." por ser um jovem que participa de um coletivo que promove atividades artísticas e culturais.

5) Eu tenho que participar?

Você é quem decide se gostaria de participar ou não deste estudo/pesquisa, junto ao seu responsável. Se decidir participar do projeto, vocês receberão uma do Registro para guardar e deverá preencher este registro de assentimento, seu responsável também assina um termo de consentimento. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo. E caso desejem, podem entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, comitê responsável pela integridade (saúde e bem estar) dos participantes da pesquisa mais abaixo neste registro, pode ser encontrado o contato do Comitê de Ética em Pesquisa.

6) O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?

Caso aceite participar de nossa pesquisa, vamos realizar bate-papo, rodas de conversa e oficinas de maneira online através de um grupo de whatsapp com todos os participantes e por meio de vídeos.

7) O que é exigido de mim nesse estudo além da prática de rotina?

Para participar da pesquisa os participantes precisam de alguma tecnologia, como celular, tablet ou computador, visto que as etapas da pesquisa ocorrerão de maneira online.

8) Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?

De acordo com as Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas envolvem riscos, ainda que mínimos. Esta pesquisa apresenta riscos mínimos para os participantes, uma vez que serão utilizados recursos para preservar a sua identidade. Existe o risco de constrangimento e desconforto nas entrevistas e grupos, no entanto, caso isso venha a acontecer, você terá direito a se

abster das atividades, sem nenhum prejuízo para si.

9) Quais são os possíveis benefícios de participar?

Ao participar da pesquisa você poderá aprender uma nova técnica artística através das oficinas que serão realizadas, podendo após a pesquisa explorar a linguagem circense nos seus futuros trabalhos. Sua participação ainda auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para esta pesquisa, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para pensar em práticas e políticas voltadas para jovens nas periferias.

10) O que acontece quando o estudo termina?

Você tem o direito de ser mantido atualizado(a) sobre os resultados da pesquisa. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos pesquisadores responsáveis. E quando a pesquisa for finalizada entraremos em contato com todos os participantes para um encontro e troca de saberes sobre os resultados e possíveis desdobramentos da pesquisa.

11) E se algo der errado?

Sua participação é voluntária e não acarretará em gastos para sua colaboração e portanto, não haverá compensação em dinheiro por ela. A qualquer momento você pode desistir de participar, retirar seu assentimento e seu responsável retirar o consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo pessoal ou profissional e não interferirá em suas atividades no seu local de serviço.

12) O que preciso fazer para ele (a) participar?

Você precisa preencher este Registro de Assentimento Livre e Esclarecido e seu responsável precisará preencher o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. As próximas etapas da pesquisa serão informadas pelo pesquisador.

13) Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas nome fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

14) Contato para informações adicionais

Dados do(a) pesquisador(a) responsável: Jean Vitor Alves Fontes – Rua do Catete, 90. Glória, Rio de Janeiro - RJ. (75) 992641701 – Email: jean.vitor37@gmail.com

Dados do CEP: Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – Email: cep.cfch@gmail.com

15) Remunerações financeiras

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa.

***Obrigatório**

Obrigado por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, preencha as informações solicitada abaixo neste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. Você receberá uma cópia deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido e deve guardá-lo para seu próprio registro

1. *

Marque todas que se aplicam.

1 – Confirmando que li e entendi a folha de informações para o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Concordo em participar da pesquisa acima.

2. Nome Completo do Participante *

3. Número do CPF *

4. Nome do responsável *

5. CPF do responsável *

6. Data de aceitação *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE D – DADOS DOS PARTICIPANTES

1 - Nome:

2- Idade:

3- Gênero:

4- Escolaridade:

5- Raça/Cor:

6- Profissão:

APÊNDICE E – PARECER DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO CEP (VERSÃO 1)

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A DESCOLONIZAÇÃO DO CORPO ATRAVÉS DA ARTE: UM ESTUDO DA PSICOSSOCIOLOGIA COM JOVENS URBANOS PERIFÉRICOS NA ZONA OESTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Pesquisador: JEAN VITOR ALVES FONTES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 26358719.7.0000.5582

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia (UFRJ)

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.771.079

Apresentação do Projeto:

"Desenho:

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa descritiva, que será realizado no bairro Campo Grande na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro - RJ, por intermédio do Coletivo Cultura Zona Oeste. O público alvo desta pesquisa serão jovens participantes dos coletivos e as pessoas a frente dos coletivos que promovem ações artísticas e culturais para esses jovens. Serão realizadas oficinas de circo-teatro nos locais onde os coletivos costumam se encontrar, afim de aproximar os grupos participantes da pesquisa e também contribuir para o aprendizado de uma nova linguagem artística que poderá ser trabalhada pelos coletivos mesmo após a pesquisa. Serão realizadas também rodas de conversas sobre os temas tratados nessa pesquisa e que atravessam o cotidiano dos jovens participantes. E por fim, serão produzidas narrativas com os jovens a partir de seu envolvimento nas práticas estético-artísticas, tendo como disparador "o ser jovem negro na zona oeste; trajetórias de vida e participação social". Os dados serão coletados através de uma pergunta disparadora elaborada pelo autor, para início da conversa. Este estudo está de acordo

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 3.771.079

com os aspectos éticos das Resoluções 466/12 e 510/16."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

Compreender os efeitos dos processos artísticos em jovens urbanos periféricos negros, buscando entender como a arte produz a descolonização destes corpos.

Objetivo Secundário:

- Identificar os processos artísticos existentes na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro e compreender a produção cultural neste território;-

Compreender como os processos artísticos de um coletivo da zona oeste da cidade interferem na produção de subjetividade e identidade dos

participantes;- Analisar como a descolonização de corpos jovens negros periféricos, envolvidos em processos artísticos, promovem ações políticas territoriais."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

Esta pesquisa apresenta riscos mínimos para os participantes, uma vez que serão utilizados recursos para preservar a identidade dos mesmos.

Existe o risco de constrangimento e desconforto nas entrevistas e grupos, no entanto, caso isso venha a acontecer, o participante terá direito a se abster das atividades, sem nenhum prejuízo para si.

Benefícios:

Os participantes aprenderão uma nova técnica artística através das oficinas que serão realizadas junto a pesquisa, podendo após a pesquisa

explorar a linguagem circense nos seus futuros trabalhos e projetos. A participação ainda auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados

para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para pensar em práticas e políticas voltadas para as periferias."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequada às normas vigentes.

Endereço: Av Pasteur, 250-Prata Vermelha, prédio CFCH, 3ª andar, sala 30
Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 3.771.079

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide "Recomendações".

Recomendações:

Recomenda-se alterar "Termo de Registro Livre e Esclarecido" e "Termo de Assentimento" para "Registro de Consentimento Livre e Esclarecido" e "Registro de Assentimento".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado e reforça-se o cumprimento da recomendação acima.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1473652.pdf	29/11/2019 14:30:06		Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	29/11/2019 14:29:19	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	29/11/2019 14:27:49	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_RESPONSAVEL.pdf	29/11/2019 14:27:32	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/11/2019 14:26:52	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	29/11/2019 14:26:16	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	27/11/2019 20:38:13	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av Pasteur, 250-Prata Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
Bairro: URCA CEP: 22.290-240
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5167 E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 3.771.079

RIO DE JANEIRO, 13 de Dezembro de 2019

Assinado por:
Mônica Pereira dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5187 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

APÊNDICE F – PARECER DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO CEP (VERSÃO 2 - APÓS ALTERAÇÕES METODOLÓGICAS)

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A DESCOLONIZAÇÃO DO CORPO ATRAVÉS DA ARTE: UM ESTUDO DA PSICOSSOCIOLOGIA COM JOVENS URBANOS PERIFÉRICOS NA ZONA OESTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Pesquisador: JEAN VITOR ALVES FONTES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 26358719.7.0000.5582

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia (UFRJ)

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.228.344

Apresentação do Projeto:

"Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa descritiva, que será realizado no bairro Campo Grande na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro - RJ, por intermédio do Coletivo Cultura Zona Oeste. O público alvo desta pesquisa serão jovens participantes dos coletivos e as pessoas a frente dos coletivos que promovem ações artísticas e culturais para esses jovens, devido as mudanças causadas pela pandemia da covid-19 e as recomendações da OMS, algumas alterações na metodologia precisaram acontecer para a realização da pesquisa, de modo que pudéssemos cumprir com o cronograma da pesquisa. Os modos previstos para a realização da pesquisa era a realização de rodas de conversas, bate papos e oficinas presenciais, porém essas ações foram alteradas para acontecerem virtualmente através de grupos de whatsapp, trocas de áudios e vídeos e chamadas de vídeo. Os dados serão coletados através desses meios digitais. Este estudo está de acordo com os aspectos éticos das Resoluções 466/12 e 510/16."

Metodologia: "A pesquisa será realizada no bairro Campo Grande na Zona Oeste da cidade do Rio

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240

UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

**UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 4.228.344

de Janeiro - RJ, por intermédio do Coletivo Cultura Zona Oeste que organizará grupos e coletivos envolvidos com os movimentos artísticos e culturais na região. O público alvo desta pesquisa serão jovens participantes dos coletivos e as pessoas a frente dos coletivos que promovem ações artísticas e culturais para esses jovens.

Devido a pandemia da covid-19 a atuação no campo da pesquisa precisou ser alterada. Portanto, as oficinas e rodas de conversa serão substituídas por bate-papo e debate através de vídeos e mensagens no grupo de whatsapp, afim de aproximar os coletivos participantes da pesquisa. Serão realizadas também vídeos artísticos por parte dos jovens participantes, esses vídeos estarão relacionados aos debates e há temas disparados pelo pesquisador. E por fim, serão produzidas narrativas com os jovens a partir de seu envolvimento nas práticas estético-artísticas, tendo como disparador "o ser jovem na zona oeste: trajetórias de vida e participação social".

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

Compreender os efeitos dos processos artísticos em jovens urbanos periféricos negros, buscando entender como a arte produz a descolonização destes corpos.

Objetivo Secundário:

- Identificar os processos artísticos existentes na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro e compreender a produção cultural neste território;-
Compreender como os processos artísticos de um coletivo da zona oeste da cidade interferem na produção de subjetividade e identidade dos participantes;- Analisar como a descolonização de corpos jovens negros periféricos, envolvidos em processos artísticos, promovem ações políticas territoriais."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

Esta pesquisa apresenta riscos mínimos para os participantes, uma vez que serão utilizados recursos para preservar a identidade dos mesmos.

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

**UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 4.228.344

Existe o risco de constrangimento e desconforto nas participações das conversas no grupo, no entanto, caso isso venha a acontecer, o participante terá direito a se abster das atividades, sem nenhum prejuízo para si.

Benefícios:

Os participantes poderão manter algumas atividades do coletivo colocando em prático exercícios artísticos por meio da pesquisa, seguindo todas as normas e regulamentos da OMS e mantendo o isolamento social, visto que todas as ações da pesquisa acontecerão online. A participação ainda auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para pensar em práticas e políticas voltadas para as periferias."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Está conforme as normas estabelecidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão adequados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1601356_E1.pdf	24/07/2020 17:53:07		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RALE_participantemenores_online.pdf	24/07/2020 17:51:39	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE_Participante_online.pdf	24/07/2020 17:51:20	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE_Responsaveis_online.pdf	24/07/2020 17:50:44	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240

UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

**UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 4.228.344

Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	29/11/2019 14:29:19	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	29/11/2019 14:27:49	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_RESPONSAVEL.pdf	29/11/2019 14:27:32	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/11/2019 14:26:52	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	29/11/2019 14:26:16	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	27/11/2019 20:38:13	JEAN VITOR ALVES FONTES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 21 de Agosto de 2020

**Assinado por:
ERIMALDO MATIAS NICACIO
(Coordenador(a))**

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

APÊNDICE G – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DE ARTIGO ELABORADO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DESTA PESQUISA

19/02/2021



#4116 Sinopse



CAPA	SOBRE	PÁGINA DO USUÁRIO	PESQUISA	ATUAL																																																																																																					
ANTERIORES	NOTÍCIAS																																																																																																								
Capa > Usuário > Autor > Submissões > #4116 > Resumo																																																																																																									
<h3 style="text-align: center;">#4116 Sinopse</h3> <p style="text-align: center;">RESUMO AVALIAÇÃO EDIÇÃO</p> <h4 style="text-align: center;">Submissão</h4> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 20%;">Autores</td> <td colspan="4">CATALINA REVOLLO PARDO, BEATRIZ AKEMI TAKEITI, CLAUDIA TOVAR GUERRA, JEAN VITOR ALVES FONTES</td> </tr> <tr> <td>Título</td> <td colspan="4">LA PSICOSOCIOLOGÍA CÓMO DISPOSITIVO EPISTÉMICO PARA LA CULTURA DE PAZ: NOTAS SOBRE EXPERIÊNCIAS LATINOAMERICANAS – BRASIL Y COLÓMBIA.</td> </tr> <tr> <td>Documento original</td> <td colspan="4">4116-16211-1-SM.DOCX 2020-11-30</td> </tr> <tr> <td>Docs. sup.</td> <td>4116-16212-1-SP.PDF 2020-11-30</td> <td colspan="3" style="text-align: center;">INCLUIR DOCUMENTO SUPLEMENTAR</td> </tr> <tr> <td>Submetido por</td> <td colspan="4">BEATRIZ BEATRIZ AKEMI TAKEITI </td> </tr> <tr> <td>Data de submissão</td> <td colspan="4">November 30, 2020 - 11:41 PM</td> </tr> <tr> <td>Seção</td> <td colspan="4">Dossiê Psicologia Comunitária</td> </tr> <tr> <td>Editor</td> <td colspan="4">Elisangela Ferreira </td> </tr> </table> <hr/> <h4 style="text-align: center;">Situação</h4> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 20%;">Situação</td> <td colspan="4">Em avaliação</td> </tr> <tr> <td>Iniciado</td> <td colspan="4">2020-11-30</td> </tr> <tr> <td>Última alteração</td> <td colspan="4">2020-12-10</td> </tr> </table> <hr/> <h4 style="text-align: center;">Metadados da submissão</h4> <p style="text-align: center;">EDITAR METADADOS</p> <h5 style="text-align: center;">Autores</h5> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 20%;">Nome</td> <td colspan="4">CATALINA REVOLLO PARDO </td> </tr> <tr> <td>ORCID iD</td> <td colspan="4">https://orcid.org/0000-0003-1469-4456</td> </tr> <tr> <td>Instituição/Afiliação</td> <td colspan="4">Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ</td> </tr> <tr> <td>País</td> <td colspan="4">Brasil</td> </tr> <tr> <td>POLÍTICA DE CONFLITO DE INTERESSES</td> <td colspan="4">—</td> </tr> <tr> <td>Resumo da Biografia</td> <td colspan="4">Post Doctoranda CAPES-PNPD del Programa de Postgraduación en Psicología de Comunidades y Ecología Social del Instituto de Psicología de la Universidad Federal do Rio de Janeiro.</td> </tr> </table> <p>Contato principal para correspondência.</p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 20%;">Nome</td> <td colspan="4">BEATRIZ AKEMI TAKEITI </td> </tr> <tr> <td>ORCID iD</td> <td colspan="4">https://orcid.org/0000-0003-2847-0787</td> </tr> <tr> <td>Instituição/Afiliação</td> <td colspan="4">UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO/UFRJ</td> </tr> </table>					Autores	CATALINA REVOLLO PARDO, BEATRIZ AKEMI TAKEITI, CLAUDIA TOVAR GUERRA, JEAN VITOR ALVES FONTES				Título	LA PSICOSOCIOLOGÍA CÓMO DISPOSITIVO EPISTÉMICO PARA LA CULTURA DE PAZ: NOTAS SOBRE EXPERIÊNCIAS LATINOAMERICANAS – BRASIL Y COLÓMBIA.				Documento original	4116-16211-1-SM.DOCX 2020-11-30				Docs. sup.	4116-16212-1-SP.PDF 2020-11-30	INCLUIR DOCUMENTO SUPLEMENTAR			Submetido por	BEATRIZ BEATRIZ AKEMI TAKEITI				Data de submissão	November 30, 2020 - 11:41 PM				Seção	Dossiê Psicologia Comunitária				Editor	Elisangela Ferreira				Situação	Em avaliação				Iniciado	2020-11-30				Última alteração	2020-12-10				Nome	CATALINA REVOLLO PARDO				ORCID iD	https://orcid.org/0000-0003-1469-4456				Instituição/Afiliação	Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ				País	Brasil				POLÍTICA DE CONFLITO DE INTERESSES	—				Resumo da Biografia	Post Doctoranda CAPES-PNPD del Programa de Postgraduación en Psicología de Comunidades y Ecología Social del Instituto de Psicología de la Universidad Federal do Rio de Janeiro.				Nome	BEATRIZ AKEMI TAKEITI				ORCID iD	https://orcid.org/0000-0003-2847-0787				Instituição/Afiliação	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO/UFRJ				<p>Ajuda do sistema</p> <p>USUÁRIO Logado como: btakeiti</p> <ul style="list-style-type: none"> • Meus periódicos • Perfil • Sair do sistema <p>AUTOR Submissões</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ativo (2) • Arquivo (1) • Nova submissão <p>IDIOMA Selecione o idioma <input type="text" value="Português (Brasil)"/> ▼ <input type="button" value="Submeter"/></p> <p>CONTEÚDO DA REVISTA Pesquisa <input type="text"/></p> <p>Escopo da Busca <input type="text" value="Todos"/> ▼ <input type="button" value="Pesquisar"/></p> <p>Procurar</p> <ul style="list-style-type: none"> • Por Edição • Por Autor • Por título • Outras revistas <p>TAMANHO DE FONTE</p> <p>INFORMAÇÕES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Para leitores • Para Autores • Para Bibliotecários <p>OPEN JOURNAL SYSTEMS</p>
Autores	CATALINA REVOLLO PARDO, BEATRIZ AKEMI TAKEITI, CLAUDIA TOVAR GUERRA, JEAN VITOR ALVES FONTES																																																																																																								
Título	LA PSICOSOCIOLOGÍA CÓMO DISPOSITIVO EPISTÉMICO PARA LA CULTURA DE PAZ: NOTAS SOBRE EXPERIÊNCIAS LATINOAMERICANAS – BRASIL Y COLÓMBIA.																																																																																																								
Documento original	4116-16211-1-SM.DOCX 2020-11-30																																																																																																								
Docs. sup.	4116-16212-1-SP.PDF 2020-11-30	INCLUIR DOCUMENTO SUPLEMENTAR																																																																																																							
Submetido por	BEATRIZ BEATRIZ AKEMI TAKEITI																																																																																																								
Data de submissão	November 30, 2020 - 11:41 PM																																																																																																								
Seção	Dossiê Psicologia Comunitária																																																																																																								
Editor	Elisangela Ferreira																																																																																																								
Situação	Em avaliação																																																																																																								
Iniciado	2020-11-30																																																																																																								
Última alteração	2020-12-10																																																																																																								
Nome	CATALINA REVOLLO PARDO																																																																																																								
ORCID iD	https://orcid.org/0000-0003-1469-4456																																																																																																								
Instituição/Afiliação	Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ																																																																																																								
País	Brasil																																																																																																								
POLÍTICA DE CONFLITO DE INTERESSES	—																																																																																																								
Resumo da Biografia	Post Doctoranda CAPES-PNPD del Programa de Postgraduación en Psicología de Comunidades y Ecología Social del Instituto de Psicología de la Universidad Federal do Rio de Janeiro.																																																																																																								
Nome	BEATRIZ AKEMI TAKEITI																																																																																																								
ORCID iD	https://orcid.org/0000-0003-2847-0787																																																																																																								
Instituição/Afiliação	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO/UFRJ																																																																																																								

19/02/2021

#4116 Sinopse

País	Brasil
<u>POLÍTICA DE CONFLITO DE INTERESSES</u>	—
Resumo da Biografia	Terapeuta Ocupacional. Doutora em Psicologia Social pela PUC/SP. Docente do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), UFRJ.
Nome	CLAUDIA TOVAR GUERRA 
ORCID iD	https://orcid.org/0000-0003-2771-6837
Instituição/Afiliação	Facultad de Psicología de la Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, Colômbia.
País	Colômbia
<u>POLÍTICA DE CONFLITO DE INTERESSES</u>	—
Resumo da Biografia	Profesora investigadora en la Facultad de Psicología de la Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá. Sus áreas de interés son: abordajes psicosociales en contextos de conflictos sociales y armados, culturas de paz, subjetividades políticas y resistencia civil. Ha sido consultora para organizaciones internacionales en temas de acompañamiento psicosocial a víctimas, cuidado de los equipos psicosociales, comunicación para la paz y reintegración social.
Nome	JEAN VITOR ALVES FONTES 
ORCID iD	https://orcid.org/0000-0001-5542-0852
Instituição/Afiliação	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO/UFRJ
País	—
<u>POLÍTICA DE CONFLITO DE INTERESSES</u>	—
Resumo da Biografia	Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, UFRJ, trabalhando na linha de pesquisa em psicossociologia crítica, comunidades, redes e política cotidiana.
Título e Resumo	
Título	LA PSICOSOCIOLOGÍA CÓMO DISPOSITIVO EPISTÉMICO PARA LA CULTURA DE PAZ: NOTAS SOBRE EXPERIENCIAS LATINOAMERICANAS – BRASIL Y COLÓMBIA.
Resumo	Este artículo tiene como objetivo analizar procesos de base comunitaria de construcción de paz como caminos de resistencia y re-existencia en territorios históricamente marcados por violencias, subalternidad y vulnerabilidad en Colombia y Brasil. Se realiza una conversación entre el proceso del proyecto de extensión universitaria <i>Juventude(S): intervenções urbanas de arte-cultura no território</i> , el proceso del <i>Coletivo Cultura Zona Oeste</i> ambos en Rio de Janeiro, Brasil, el proceso del <i>Grupo Juvenil Prodesarrollo de Micoahumado</i> , Sur de Bolívar, Colombia y el proceso del <i>Refugio Humanitario por la vida, la paz y la vivienda digna</i> en la localidad de Ciudad Bolívar en el sur de Bogotá. Creemos que una psicossociología crítica, fundamentada en presupuestos contra hegemónicos descoloniales puede subvencionar la reflexión sobre las experiencias de personas e coletivos que vivencian territorios marcados por una desigualdad social surgiendo de procesos colonizadores y que engendran procesos de lucha y re-existencias delante de la morte.
Indexação	
Área e sub-área do Conhecimento	Psicologia; Psicossociologia
Assunto	psicossociologia crítica, violência e cultura de paz
Palavras-	Psicossociologia crítica; cultura de paz; violência;

19/02/2021

#4116 Sinopse

chave	epistemologia latino-americana.
Geo-espacial	—
Cronológica ou histórica	—
Características da amostragem da pesquisa	—
Tipo, método ou ponto de vista	—
Idioma	en

Agências de fomento

Agências	—
----------	---

A Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais é uma publicação eletrônica, mantida pelo Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial e pelo Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (LAPIP/PPGPSI/UFSJ). É um periódico aberto, registrado com o ISSN 1809-8908, de acesso livre na internet publicado quadrimestralmente, desde 2006. <http://www.seer.ufsj.edu.br>